



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Francisco Pereira Neves de Macedo

1950: Um ano zoológico

Rastros de animais entre arquivo, vida e obra de Guimarães Rosa

Brasília, 2025

Francisco Pereira Neves de Macedo

1950: Um ano zoológico

Rastros de animais entre arquivo, vida e obra de Guimarães Rosa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Imagem, Estética e Cultura Contemporânea

Orientador: Prof. Dr. Gustavo de Castro

Brasília, 2025

(página reservada para a ficha catalográfica)

Francisco Pereira Neves de Macedo

1950: Um ano zoológico

Rastros de animais entre arquivo, vida e obra de Guimarães Rosa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Imagem, Estética e Cultura Contemporânea

Orientador: Prof. Dr. Gustavo de Castro

Banca examinadora

Prof. Dr. Gustavo de Castro da Silva (orientador e presidente da banca)
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dra. Danielle Naves de Oliveira (membro interno)
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dra. Clara Rowland (membro externo)
Universidade Nova de Lisboa (UNL)

Prof. Dr. Leandro Bessa (suplente)
Universidade Católica de Brasília (UCB)

Brasília, 2025

Para Néia, minha mamãe.

AGRADECIMENTOS

Enquanto eu finalizava esta dissertação, Moca, vira-lata legítima, devorava feroz e não metaforicamente as páginas de um dos meus diários. Agradeço a ela e ao Pinga, meus cachorros queridos, que me ensinam todos os dias sobre a fragilidade dos arquivos, da vida e das obras. Sem eles, não teria vivência afetiva para imergir nesta pesquisa.

Dentre os humanos, sou grato ao Professor Doutor Gustavo de Castro, meu orientador, que me conduziu com cuidado e generosidade nesta pesquisa desde o nosso primeiro encontro até os momentos mais delicados desta jornada formativa. Ainda no âmbito do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, registro meu muito obrigado aos colegas da turma de 2023 do PPG-FAC/UnB. Sou grato, também, aos colegas do “Siruiz – Grupo de Estudos em Comunicação e Imaginação Literária”, que tanto têm contribuído para o meu aprimoramento intelectual no geral e nos estudos rosianos em particular.

Na vertente paulistana desta pesquisa, registro minha gratidão a Vitor Borysow e a Frederico Camargo pela gentileza de aceitarem convite para tomarem um café comigo e compartilharem um pouco da experiência de suas pesquisas, ambas fundamentais para a realização deste estudo. Na mesma linha, dedico o que há de consistente neste trabalho a Elisabete Marin Ribas e toda a equipe do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP), que me receberam por duas vezes no segundo semestre de 2023.

Com amor e profunda admiração, celebro a chegada de Mariana Finelli em minha vida ao longo desta travessia. Com rara humildade para quem dorme e acorda a poucos metros da Baía de Guanabara, Mariana topou contemplar ao meu lado a beleza sertaneja do cotidiano.

De volta a Brasília, sou grato a Sílvia Almeida pelo apoio precioso antes, durante e ao final desta aventura acadêmica. No mesmo sentido, celebro Ana Daniela Rezende Pereira Neves, prima e inspiração nesta travessia rosiana, mestra das letras na bizarria catrulhana. Este desafio não teria começado sem o incentivo do amigo e professor Paulo Paniago e da minha psicóloga Keilla Lopes. A realização desta pesquisa não seria possível sem o apoio e a compreensão dos colegas da Diretoria de Transferências e Parcerias da União do Ministério da Gestão, em especial, da diretora Regina Lemos.

A caminho da origem, que para mim é sempre o destino, agradeço a minha irmã, Ester Pereira Neves de Macedo, norte em tudo, doutora em fraternidade, mais do que referência bibliográfica, minha referência biográfica. Dedico esta pesquisa, também, aos meus avós Rosendo e Maria, Horácio e Honorinda, sertanejos dos Gerais, personagens reais do grande

sertão das minhas lembranças de infância em Taguatinga e em Montalvânia, e de suas memórias em São Sebastião dos Poções, no Estreito e no Japuré.

Ainda na areia branca do extremo norte de Minas Gerais, quase na Bahia, agradeço aos amigos da Corredeira, da Campina, do Grotão, da Suçuarana, das resistentes veredas entre o rio Cochá e o Carinhanha. Cito nominalmente o vaqueiro Gilberto, Chico de Cristino, Sebastião, Zé Vicente e Anita, Dona Lorinda, Saturnino e Joana, Altemar e Ana.

Já de chegada, sou grato a meu pai, Jorge Pereira de Macedo, em quem primeiro testemunhei – e temi – o poder do feitiço de João Guimarães Rosa. Papai é o maior rosiano que conheço e com quem tenho o privilégio de aprender diariamente sobre o sertão e Deus, a bondade e a justiça, a vida e a poesia. Por fim, agradeço a minha mãe, Oneilde Pereira Neves, a Néia, que faleceu ao longo desta pesquisa. A ela dedico não só esta dissertação, mas toda e qualquer vírgula que eu tenha escrito ou venha a escrever.

*Os peixes, os nadadores, os barcos
Transformam a água.
A água é calma e só se move
Quando tocada.
O peixe avança n'água
Como o dedo numa luva,
O nadador dança lentamente.
E a vela respira.
Mas a água calma se move
Quando tocada,
Pelo peixe, pelo nadador, pelo barco
Que ela carrega
E que ela leva*

Paul Eluard, *Os animais e seus homens: Os homens e seus animais*.¹

¹ “Les poissons, les nageurs, les bateaux / Transforment l'eau. / L'eau est douce et ne bouge / Que pour ce qui la touche./ Le poisson avance / Comme un doigt dans un gant, / Le nageur danse lentement / Et la voile respire. / Mais l'eau douce bouge / Pour ce qui la touche, / Pour le poisson, pour le nageur, pour le bateau / Qu'elle porte / Et qu'elle emporte. Paul Eluard, *Les animaux et leurs hommes: Les hommes et leurs animaux*” (1920, p. 22, tradução nossa com João Pedro Dutra Maciel).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto o datiloscrito *1950: Um ano zoológico*, que integra o Fundo João Guimarães Rosa (JGR), disponível para consulta física no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Inédito, o documento foi escrito quando o autor servia como diplomata na Embaixada do Brasil em Paris a partir da coleta sistemática de notícias de jornal sobre animais. O material reúne textos a respeito de pássaros, atrações que fugiram do circo, corridas de cavalos, zoológicos e situações insólitas entre homens e bichos, que remetem às discussões que se dão no campo da zooliteratura. A partir da perspectiva arqueológica dos acúmulos proposta por Foucault, esta dissertação busca aproximar o arquivo, a vida (biografia) e a obra do escritor. O estudo é documental e tem dentre seus métodos as pesquisas genealógica, comparativa e em arquivos literários, bem como a leitura complexa e interpretativa. Como principais resultados, o trabalho classifica as notícias em 19 grupos, com destaque para a categoria “zoológico”, bem como propõe quatro pontos de contato entre datiloscrito e obra ainda não explorados pela fortuna crítica: (i) Os cupins de Santa Helena; (ii) Os catrumanos dos Gerais e os macacos de Bruxelas; (iii) Fafafa e a heroica morte do estabuleiro; e (iv) A panda, o crocodilo e o segredo de Diadorim.

Palavras-chave: Guimarães Rosa. Estudos biográficos. Zooliteratura. Arquivo IEB-USP. Paris.

RÉSUMÉ

Cette recherche a pour objet la dactylographie 1950 : *Une année zoologique*, qui fait partie du Fonds João Guimarães Rosa (FJGR), disponible pour consultation physique à l’Institut d’études brésiliennes de l’Université de São Paulo (IEB-USP). Inédit, le document a été écrit alors que l’auteur servait comme diplomate à l’Ambassade du Brésil à Paris à partir de la collecte systématique de nouvelles de journaux sur les animaux. Le matériel rassemble des textes sur les oiseaux, les attractions qui ont fui le cirque, les courses de chevaux, les zoos et les situations inhabituelles entre hommes et animaux, qui renvoient aux discussions qui se produisent dans le domaine de la zooliterature. Dans une perspective archéologique des collections proposée par Foucault, cette thèse cherche à rapprocher l’archive, la vie (biographie) et l’œuvre de l’écrivain. L’étude est documentaire et a parmi ses méthodes les recherches généalogiques, comparatives et dans des archives littéraires, ainsi que la lecture complexe et interprétative. Comme principaux résultats, le travail classe les nouvelles dans 19 groupes, en mettant l’accent sur la catégorie "zoo", ainsi que propose quatre points de contact entre le dactylographie et l’œuvre non encore explorés par la fortune critique : (i) Les termites de Sainte-Hélène ; (ii) Les *catrumanos* des *Gerais* et les singes de Bruxelles ; (iii) Fafafa et la mort héroïque de l’eboueur ; et (iv) Le panda, le crocodile et le secret de Diadorim.

Mots clés: Guimarães Rosa. Etudes biographiques. Zooliterature. Archive IEB-USP. Paris.

ABSTRACT

This research has as its object the typescript *1950: A zoological year*, which is part of the João Guimarães Rosa Fund (FJGR), available for physical consultation at the Institute of Brazilian Studies of the University of São Paulo (IEB-USP). Unpublished, the document was written when the author served as a diplomat at the Brazilian Embassy in Paris from the systematic collection of newspaper news about animals. The material brings together texts about birds, attractions that have escaped from the circus, horse races, zoos and unusual situations between men and animals, which refer to the discussions that take place in the field of zooliterature. From the archaeological perspective of the accumulation proposed by Foucault, this dissertation seeks to approach the archive, the life (biography) and the work of the writer. This documental research has among its methods genealogical, comparative, and literary archives studies, as well as complex and interpretative reading. As main results, the work classifies the news in 19 groups, with emphasis on the category "zoo", and proposes four points of contact between typescript and work not yet explored by critical fortune: (i) The termites of Santa Helena; (ii) The *catrumanos* of the *Gerais* and the monkeys of Brussels; (iii) Fafafa and the heroic death of the stablehand; and (iv) The panda, the crocodile and the secret of Diadorim.

Keywords: Guimarães Rosa. Biographical studies. Zooliterature. Archive IEB-USP. Paris.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantidade de conteúdo: Álbum ZOOS x 1950 A x 1950 B	27
Gráfico 2 – Comparativo de textos por mês (pastas) 1950 A x 1950 B	32
Gráfico 3 – Idiomas originais dos textos em 1950 A e 1950 B	40
Gráfico 4 – Comparativo entre 1950 A x 1950 B por grupos de animais	50

LISTA DE INFOGRÁFICOS

Infográfico 1 – Calendário comparativo entre 1950 A x 1950 B.....	31
Infográfico 2 – <i>Ranking</i> contextual dos textos em 1950 A	43
Infográfico 3 – <i>Ranking</i> contextual dos textos em 1950 B	43
Infográfico 4 – Os cinco animais mais presentes em 1950 A.....	49
Infográfico 5 – Os cinco animais mais presentes em 1950 B.....	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Jornais e revistas presentes em 1950 A	34
Tabela 2 – Jornais e revistas presentes em 1950 B	35
Tabela 3 – Autores presentes em 1950 A	37
Tabela 4 – Autores presentes em 1950 B	38

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Países mais presentes em 1950 A	39
Mapa 2 – Países mais presentes em 1950 B	39
Mapa 3 – Cidades mais presentes em 1950 A	39
Mapa 4 – Cidades mais presentes em 1950 B	39

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – João Guimarães Rosa, Aracy Moebius de Carvalho e dois homens não identificados	52
Fotografia 2 – Guimarães Rosa acaricia um rinoceronte no Jardim Zoológico da Quinta da Boa Vista. Rio de Janeiro, 1957	57
Fotografia 3 – Guimarães Rosa toma nota em sua caderneta diante da jaula dos tamanduás, no Zoológico da Quinta da Boa Vista. Rio de Janeiro, 1957	60
Fotografia 4 – Xizinha de Keram. Rio de Janeiro, 1953.	61
Fotografia 5 – João Guimarães Rosa e Aracy Moebius de Carvalho seguram sete gatos no sofá.	66
Fotografia 6 – Guimarães Rosa em meio à boiada. Minas Gerais, 1952.....	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 ARQUIVO	25
1.1 Composição.....	26
1.2 O ano de 1950	28
1.3 Jornais e revistas	32
1.4 Geografia	38
1.5 Contexto.....	40
1.6 Animais.....	48
2 VIDA	52
2.1 Álbum ZOOS: exercício diário.....	54
2.2 O zoológico enquanto refúgio.....	57
2.3 A gata Xizinha.....	61
2.4 Os bois da infância em Cordisburgo.....	69
2.5 “O último dos maçaricos”.....	74
2.6 “Fábulas de La Fontaine”.....	78
2.7 “O Bestiário Amoroso”	81
3 OBRA	86
3.1 A vaca de Palermo	87
3.2 Os cupins de Santa Helena	89
3.3 Os catrumanos dos Gerais e os macacos de Bruxelas	92
3.4 Fafafa e a heroica morte do estabuleiro.....	97
3.5 A panda, o crocodilo e o segredo de Diadorim	100
3.6 Os beija-flores das “Histórias de fadas”	103
3.7 Mosaico de colagens	107
CONCLUSÃO	113
REFERÊNCIAS	117

APÊNDICE **124**

ANEXO **130**

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto o datiloscrito *1950: Um ano zoológico*,² item do Fundo João Guimarães Rosa (FJGR), disponível para consulta física no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP).³ O material tem duas versões, ambas em português. A primeira (*1950 A*), com 193 páginas datilografadas e 360 textos, está organizada em 12 pastas, uma para cada mês, de janeiro a dezembro. A segunda (*1950 B*) tem 69 páginas, com textos divididos em seis pastas: janeiro, fevereiro, abril, maio, novembro e dezembro.

1950: Um ano zoológico foi composto quando Guimarães Rosa servia como diplomata na Embaixada do Brasil em Paris a partir da pesquisa sistemática de notícias sobre animais em jornais, em especial o *Le Figaro* (França) e o *New York Herald Tribune* (Estados Unidos – edição europeia). Há, também, exemplares em português, italiano e alemão. O escritor mineiro fazia a seleção, tradução e, em parte, retitulação dessas notícias.

O material reúne textos sobre pássaros, atrações que fugiram do circo, corridas de cavalos, zoológicos e situações insólitas entre homens e bichos. As fontes do datiloscrito são os recortes de jornais colecionados pelo escritor mineiro no *Álbum ZOOS* ao longo de 1950. É justamente a questão autoral o que distingue essa coletânea das obras publicadas do autor, pois, como explica Borysow (2005, p. 26), *a priori*, “os investimentos poéticos estão restritos à formulação dos títulos”, em geral, curtos: artigo, substantivo e complemento. Um exemplo é “A vaca no subterrâneo”.

Quanto ao problema de pesquisa, Asti Vera (1974 *apud* Santaella, 2001, p. 166) o define como “uma dificuldade ainda sem solução que deve ser determinada com precisão para que se possa realizar seu exame, avaliação, crítica, tendo em vista sua solução”. Com esse norte, este estudo parte da seguinte pergunta-problema: como *1950: Um ano zoológico* contribui para os estudos sobre a importância dos animais na vida e na obra de Guimarães Rosa?

Para justificar esta pesquisa, recorremos, a princípio, a Santaella (2001), que entende o tema como algo que nos fisga – e não que fisgamos –, para o qual nos sentimos atraídos sem saber por quê. Nesse sentido, peço licença para apresentar breve relato em primeira pessoa.⁴

² O IEB-USP cataloga o documento como manuscrito, termo usado para documentos escritos à mão. Como a maior parte do arquivo foi datilografado, optamos pelo uso do termo “datiloscrito”.

³ FJGR/IEB-USP, JGR-M-23,26A (1ª Versão/*1950 A*) e JGR-M-23,26B (2ª Versão/*1950 B*).

⁴ “Quando bem dosado, evitando o mero biografismo inoportuno, o relato de como o pesquisador chegou ao tema pode dar sabor de vida ao projeto” (Santaella, 2001, p. 164).

O protocolo do IEB-USP disponibiliza, um a um, os 9.693 itens do acervo. Portanto, independentemente da gula do pesquisador, novo material só será entregue após a devolução daquele que está nas mãos do visitante. O cuidado é justificado pela relevância e fragilidade dos documentos, grande parte datada da primeira metade do século XX. Em geral, são folhas avulsas, cartas de poucas páginas, enfim, pastas finas. Quando pedi para consultar o arquivo *JGR-M-23,26A*, a arquivista me apresentou um calhamaço fora desse padrão e, com um sorriso de canto de boca, me desejou “boa sorte”.

A robustez do material, o tempo e o cuidado que Guimarães Rosa investiu no datiloscrito, o curioso interesse do autor por animais, o fato de ser obra inédita de um dos principais nomes da literatura brasileira e – conforme será apresentado nesta introdução – a pequena produção acadêmica sobre o documento foram as iscas para que *1950: Um ano zoológico* me fisgasse.

Quanto ao potencial do trabalho de consulta no Fundo JGR, Camargo (2013) traz, talvez, a mais direta justificativa para a realização deste projeto, ao concluir que o objetivo de sua pesquisa foi apresentar ao público acadêmico, numa perspectiva crítica, o riquíssimo material que forma os *Estudos para Obra*, de Guimarães Rosa, guardados no IEB-USP, de modo a estimular novas pesquisas sobre a documentação.

Camargo (2013, p. 290) também destaca o teor biográfico e testemunhal dos cadernos de Guimarães Rosa: “suas páginas também serviam de diário íntimo do escritor, onde ele anotava suas preocupações cotidianas e espirituais. Há, além disso, uma permeabilidade entre biografia e criação literária, de tal forma que muito do que o autor viveu e anotou torna-se literatura”. A conexão entre literatura e vida atribui relevância ao datiloscrito *1950: Um ano zoológico*.

Silva, Dravet e Bessa (2021) apresentam outra questão útil para esta justificativa, que é o chamado “problema biográfico em Rosa”. Os autores destacam o grande volume de dados de arquivo somado ao pequeno número de pesquisas com interesse biográfico como alguns dos fatores que dificultam a elaboração de uma biografia robusta do escritor. Assim, de acordo com os autores, “passados mais de cinquenta anos da morte de Guimarães Rosa, causa estranheza que nenhum estudo biográfico em profundidade tenha sido produzido sobre o autor mineiro” (Silva; Dravet; Bessa, 2021, p. 428).

É importante registrar que esta pesquisa não pretende ser a peça robusta faltante nos trabalhos relacionados à biografia de Rosa, apenas parte da premissa de que há espaço e interesse científico para novas contribuições de viés biográfico sobre o escritor, como bem

ressaltam Silva, Dravet e Bessa (2021, p. 445): “Fica claro que a pesquisa biográfica acerca de G. Rosa ainda carece de longo, difícil e criterioso estudo, sobretudo no campo documental e naquele do resgate das memórias e das histórias de vida”.

Neste estudo, partimos do princípio de que o conhecimento se dá de forma contínua e, portanto, estamos sempre num lugar provisório, no meio de um caminho, conforme apresenta Santaella (2001). Dessa forma, o estado da arte aqui apresentado é o do campo do possível, no tempo e no espaço. Pela revisão bibliográfica realizada, chegamos ao seguinte panorama: (i) existem incontáveis estudos sobre Guimarães Rosa; (ii) esses estudos caem drasticamente quando se trata da relação de Rosa com animais,⁵ mas, mesmo assim, ainda é possível localizar dezenas de estudos, em especial, o Burrinho Pedrês⁶, Conversa de Bois,⁷ Meu Tio Iauretê⁸ e a série “Zoo”, do livro póstumo *Ave, Palavra* (2001);⁹ (iii) poucos pesquisadores estudam o Álbum ZOOS,¹⁰ sendo que não tive acesso a nenhum trabalho mais completo que o de Vitor Borysow (2005) sobre o assunto; (iv) algumas pesquisas sobre o Álbum ZOOS citam o datiloscrito 1950: *Um ano zoológico*, mas como produto do exercício de recortes realizado no Álbum ZOOS;¹¹ (v) nenhum dos estudos coloca 1950: *Um ano zoológico* no centro da discussão, o que confere ineditismo à perspectiva escolhida para este trabalho.

Além de Borysow (2005; 2010), as leituras a seguir permeiam todas as etapas deste trabalho. São elas: Camargo (2013; 2018); Silva (2018), Lejeune (2015), Foucault (2004) e Maciel (2009; 2023). A dissertação de mestrado apresentada por Vitor Borysow, em 2005, com o título *Zoo: um livro-montagem de João Guimarães Rosa*, é o ponto de partida deste estudo, tendo em vista que “nenhuma pesquisa parte da estaca zero” (Santaella, 2021, p. 168). As descrições que o IEB-USP usa até hoje para o item foram feitas por ele, quando estudante bolsista do Instituto. O autor baliza o presente trabalho justamente na busca de equilíbrio entre duas extremidades: não o ignorar, devido ao pioneirismo e à qualidade de seus levantamentos, e não o repetir, pelo mesmo motivo. Borysow é, portanto, terreno fértil para saltos interpretativos a partir do material por ele organizado.

Frederico Camargo, por sua vez, é o autor da dissertação *Da montanha de minério ao metal raro: os estudos para obra de João Guimarães Rosa*, de 2013, e da tese *O outro Rosa*:

⁵ Costa (2016); Fonseca (2004); Leonel (2002); Menezes-Leroy (1989); Nunes (2013); Pereira (2014; 2020); Santiago (2017); Souza (2011); dentre outros.

⁶ Leão (1994).

⁷ Oliveira (2018).

⁸ Campos (1992).

⁹ Pereira (2014).

¹⁰ Gama (2014).

¹¹ Camargo (2018).

textos “marginais” e narrativas inacabadas, de 2018. Além disso, é um dos responsáveis pela organização atual do Fundo JGR do IEB-USP e nos ajudará em questões de metodologia. Ele incluiu a zoologia entre os interesses de Rosa em suas classificações. Sua obra funciona como bússola inescapável para os que se aventuram em meio ao acervo do FJGR.

Silva (2018) e Silva, Dravet e Bessa (2021) contribuirão para o entendimento do contexto biográfico do período em que Rosa compôs *1950: Um ano zoológico*. A valorização do ano de 1950 no título do manuscrito é de grande relevância. Além de ser um número redondo, que marca a metade do século XX, é um tempo bastante ativo na vida de Guimarães Rosa. Nessa fase, dedicou-se a leituras e a exercícios literários que teriam grande repercussão na sua trajetória como escritor. O período é anterior ao início da criação do seu único romance e obra mais conhecida e celebrada, *Grande Sertão: Veredas* (1956).

Maria Esther Maciel (2009, 2023) nos ajudará tanto no aspecto zoológico quanto na investigação do Rosa colecionador. Segundo essa autora, houve uma retomada positiva da noção de animalidade nas obras de diversos autores, bem como uma investigação criativa dos limites entre humano e não humano. Esse contexto favoreceu o surgimento dos conceitos de “zooliteratura” e “zoopoética”.

O primeiro designaria o conjunto de práticas literárias ou obras (de um autor, de um país, de uma época) que priorizam o enfoque de animais a partir de diversos recursos ficcionais e estratégias narrativas. Sua abrangência adviria da amplitude da própria palavra “literatura”, só que afetada pelo prefixo “zoo”. [...] Já o termo “zoopoética” tem sido utilizado para nomear tanto o estudo teórico de obras literárias e artísticas sobre animais, quanto a produção poética específica de um autor voltada para esse universo animalista. Ou seja, o substantivo “poética” – com todos os seus sentidos acumulados – se mantém, mas moldado e particularizado pelos efeitos do prefixo. (Maciel, 2023, p. 27)

Para Maciel (2023, p. 28), ambas as definições nos permitem uma compreensão dos animais, da animalidade e das interações humano/não humano também pela via dos sentidos e da imaginação: “Graças às experiências ficcionais e poéticas dos escritores, atravessamos as fronteiras entre as espécies e acedemos à outra margem, a dos animais não humanos, num encontro também com a animalidade que está dentro de nós”.

A autora nos traz também conhecimentos que estão desde sempre relacionados aos estudos sobre animais, e que serão de grande utilidade para o estudo dos documentos sobre o tema no Fundo JGR, que são aqueles sobre a arte/ofício de catalogar. Segundo Maciel (2009, p. 16), “verbos como *acomodar, agrupar, catalogar, classificar, dispor, dividir, distribuir*,

enumerar, etiquetar, ordenar etc. nunca deixarão de ser imperativos para nossa necessidade de fixar as ordens que nos permitam sobreviver ao caos da multiplicidade e da diversidade”.

Na avaliação de Maciel (2009, p. 16), “as categorias ordenadoras são, por natureza, excludentes, seletivas e hierárquicas. Classificar é, antes de tudo, escolher uma entre outras ordenações logicamente possíveis”. Independentemente de o trabalho diretamente autoral de Guimarães Rosa se concentrar nos títulos dados às notícias traduzidas dos jornais, todo o processo de edição feito pelo autor na montagem de sua coleção nos interessa. Emprestamos aqui a noção de Walter Benjamin, em “O colecionador”, recuperada por Maciel (2009, p. 26-27), de que o colecionador, ao empreender a luta contra a dispersão das coisas no mundo, “as recontextualiza num outro espaço, regido por leis próprias”.

De acordo com a pesquisadora, “não são poucos os autores que têm recorrido a coleções, listas, catálogos e inventários poéticos para a composição de suas obras” (Maciel, 2009, p. 26). Guimarães Rosa é um deles, como observado também por Monica Gama (2008).

O princípio norteador do colecionador Guimarães Rosa é a acumulação. O autor registrava em cadernetas, (re)organizava em listas, datilografava e desenhava paisagens de linguagem: recolhendo fragmentos de discursos, o conjunto de manuscritos rosianos existe como uma máquina retórica que não destrói retóricas, mas que as coleciona. (Gama, 2008, p. 41)

No mesmo sentido, Edna Maria F. S. Nascimento (1998), elenca técnicas desenvolvidas por Rosa para esse armazenamento de material, como as viagens a Minas Gerais, as consultas aos dicionários, o apoio de livros especializados e de especialistas para a denominação exata de animais, o contato direto com animais no zoológico, o auxílio de informantes, em especial, do pai, Florduardo Pinto Rosa, os glossários montados a partir das correspondências trocadas com os tradutores de suas obras, as listas de palavras e o hábito de recortar textos e fotos de animais. O próprio Guimarães Rosa usa o verbo *acumular* para explicar ao tio Vicente Guimarães seu método de trabalho:

[...] adotei naturalmente o processo de *acumular* material e afiar as ferramentas, à espera de momentos propícios e decisivos, quando a oportunidade passa por perto e a gente tem de segurá-la com mão firme, doidamente, como um louco que se agarrasse ao rabo de um cavalo a galope. (Guimarães, 1972 *apud* Nascimento, 1998, p. 71, grifo nosso)

A ideia de acúmulo é cara a esta pesquisa e nos levou a recorrer a Foucault e sua *Arqueologia do saber* (2004). Buscamos, assim, fugir das armadilhas do estabelecimento de marcos de origem absolutos. Ao contrário, analisamos os acúmulos. Substituímos a procura das totalidades pela análise da raridade, o tema do fundamento transcendental pela descrição das relações de exterioridade, conforme propõe o filósofo francês. Identificamos enunciados que se repetem nas notícias e em passagens da literatura rosiana.¹² O levantamento permitiu a identificação de pontos de contato entre documento e obra, na perspectiva da *positividade* (não positivista) foucaultiana:

Descrever um conjunto de enunciados, não como a totalidade fechada e pletórica de uma significação, mas como figura lacunar e retalhada; descrever um conjunto de enunciados, não em referência à exterioridade de uma intenção, de um pensamento ou de um sujeito, mas segundo a dispersão de uma exterioridade; descrever um conjunto de enunciados para aí reencontrar não o momento ou a marca de origem, mas sim as formas específicas de um acúmulo, não é certamente revelar uma interpretação, descobrir um fundamento, liberar atos constituintes; não é, tampouco, decidir sobre uma racionalidade ou percorrer uma teleologia. É estabelecer o que eu chamaria, de bom grado, de uma *positividade*. (Foucault, 2004, p. 141)

As páginas de *1950: Um ano zoológico* (e do *Álbum ZOOS*) carregam anotações, rasuras, desenhos, sinais em cores diversas, observações sobre o tempo e outras marcas pessoais. Esses rastros permitem analisá-los com algumas ferramentas propostas por Philippe Lejeune (2015) em seus estudos sobre a autobiografia e a prática de composição de diários. A noção de rastro, no sentido de vestígio autobiográfico, também foi relevante para as escolhas dos rumos desta pesquisa. Sob essa perspectiva, o *Álbum ZOOS* se apresenta com uma espécie de diário-colagem e *1950: Um ano zoológico* como um registro com elementos autobiográficos em que Rosa reelabora o que colecionou dos jornais e revistas que lia diariamente.

Lejeune (2015) afirma que o valor do diário está ligado à autenticidade do rastro e que qualquer alteração posterior arruinaria esse valor. O autor sustenta que a releitura, a edição, a anotação e a interferência posterior já levam o diário a atravessar a fronteira rumo à autobiografia. Para ele, o diário é inimigo da autobiografia, mas esta última é prato nobre para a genética. É desse prato autobiográfico que buscaremos nos servir neste estudo. Nessa perspectiva, assim como Foucault (2004), Lejeune (2015) nos ajuda metodologicamente nessa busca dos acúmulos, dos enunciados que se repetem.

¹² Unidade elementar do discurso (Foucault, 2004).

A ideia é observar, no plano quantitativo, a extensão dos registros, principalmente sua distribuição no tempo, e identificar, no plano do conteúdo, as cadeias coerentes (as constâncias, os aparecimentos e os desaparecimentos dos temas) e seu entrelaçamento. A inclinação geral do diário é a regularidade e a autoimitação, enquanto qualquer irregularidade ou mudança de sistema de irregularidade gera acontecimento. Tais estudos morfológicos são pré-requisitos para qualquer reflexão “genética”. Também conduziriam a uma tipologia dos diários. [...] Estamos aí no limiar de um campo a ser ainda explorado e que talvez não pareça claramente fazer parte da genética. (Lejeune, 2015, p. 31-32)

As veredas¹³ desta pesquisa, portanto, serão margeadas,¹⁴ assim, por recursos notadamente rosianos: os recortes de jornais e de suas cadernetas. Para Silva (2018, p. 4), esses arquivos são fundamentais para o entendimento da obra de Rosa e do próprio escritor: “O registro de um nome, uma ideia ou página de livro, configura-se muitas vezes uma pista a ser seguida, explorada, levantada e checada”. E complementa:

As várias cadernetas, desta forma, (eram e) são instrumentos de trabalho e servem como léxico para o processo anterior à produção literária do escritor. [...] Todo esse material permite visualizar, a partir de uma leitura complexa e interpretativa, as práticas e os imaginários com os quais Guimarães Rosa dialogou. (Silva, 2018, p. 4)

Portanto, a partir da perspectiva arqueológica dos acúmulos proposta por Foucault (2004), esta pesquisa é documental e usará predominantemente os métodos descritivo, comparativo e analítico no capítulo 1, com a apresentação de dados quantitativos e qualitativos a respeito do datiloscrito. No âmbito desse esforço, proporemos a categorização das notícias transcritas para *1950: Um ano zoológico* em 19 contextos distintos.

O capítulo 2 trará em relevo a leitura complexa (Morin, 2015) para o levantamento de aspectos biográficos que contribuam para a compreensão da peculiar relação de Guimarães Rosa com os animais. A ideia de perfil hologramático desenvolvida por Silva (2018) a partir de

¹³ Silva, Dravet e Bessa (2021, p. 442) citam a definição de Costa sobre *vereda*, considerada neste projeto de pesquisa: “Por fim, lembramos que as veredas são um não caminho, ‘a vereda é pântano, não dá pra cruzar uma vereda pelo meio, porque atola. É preciso contornar pelas cabeceiras sempre, [...] na verdade (sobre o solo das veredas) é muito traíçoeiro e movediço: quem entra, afunda’”.

¹⁴ Em palestra sobre o conto *Sorôco, sua mãe, sua filha*, proferida no Colóquio Internacional Primeiras Estórias – 60 Anos, realizado, em 2022, pelo grupo Siruiz (CNPq/UnB), em parceria com pesquisadores da Universidade Católica de Brasília, da Universidade Nova de Lisboa e do Museu Casa Guimarães Rosa de Cordisburgo, o pesquisador Luiz Roncari afirmou que o conceito de *margens*, em seu sentido cultural e civilizatório, é fundamental para o entendimento da obra de Guimarães Rosa. Ver:

<https://www.youtube.com/watch?v=YKk58014CgQ&t=56s>. Acesso em: 19 out. 2022.

Morin nos será útil nesse sentido. Tendo em vista a impossibilidade de se alcançar a totalidade de um perfil a partir de um arquivo pessoal, Silva (2018, p. 8-9) comprehende que essa busca “implica muitos hologramas, imagens-ideias ou ideais-forças, como cruzamento de dados, imbricamentos e linhas de fuga, e um certo desejo de coerência”.

Por fim, o capítulo 3 seguirá o caminho das pesquisas genealógica (Lejeune, 2015), interpretativa e em arquivos literários. O estudo se utilizará de uma imagem-ideia fundamental a Rosa: a *travessia*.¹⁵ É, portanto, na travessia, no vislumbre dialógico das *margens*, que se buscarão os rastros que possam contribuir, especialmente, para o avanço das análises sobre o Fundo JGR no IEB-USP e dos estudos que aproximam o autor mineiro da zooliteratura.

As fontes primárias deste estudo foram organizadas a partir de duas viagens a São Paulo para visita ao IEB-USP, realizadas nos meses de agosto e de outubro de 2023. No anexo *Fontes Primárias Consultadas*, consta extrato do relatório emitido pelo Instituto com todos os documentos lidos, num total de oito dias e 24 horas líquidas de pesquisa, tendo em vista que a consulta é feita somente de forma presencial, de segunda a quinta-feira, das 10h às 13h.

São seis os documentos principais desta pesquisa:

- a) **Álbum ZOOS** (FJGR, IEB-USP, JGR-Z-01): 120 páginas. A encadernação lembra um álbum de família do tempo das máquinas analógicas. É composto por 492 recortes de jornais em francês, inglês, alemão, italiano e português;
- b) **Manuscrito 1950: Um ano zoológico – 1ª versão/1950 A** (FJGR, IEB-USP, JGR-M-23,26A): 193 páginas;
- c) **Manuscrito 1950: Um ano zoológico – 2ª versão/1950 B** (FJGR, IEB-USP, JGR-M-23,26B): 69 páginas;
- d) **Livro Fables de La Fontaine** (GR841.45 L111f): 244 páginas. Edição de luxo da Théodore Lefèvre et Cie. Ilustrada por Desandré et Hadamar. Paris, sem data. O exemplar físico, com anotações de Guimarães Rosa, encontra-se na Biblioteca do IEB-USP, juntamente com os outros livros da biblioteca do autor;
- e) **Conjunto de folhas avulsas Dante / Homero / La Fontaine / Artes** (FJGR, IEB-USP, JGR-EO-08,01) – parte sobre La Fontaine: 7 páginas. Nos registros da leitura, Guimarães Rosa anota e/ou comenta trechos de 29 peças; e

¹⁵ “Noções como ‘multiplicidade’, ‘complexidade’, ‘veredas’, ‘travessias’ e ‘infinito’, são algumas dessas imagens-ideias ou ideias-força, que nos ajudam a pensar as condições de possibilidade de relacionar a Comunicação a uma teoria do imaginário que busca no ‘Aberto’ (Heidegger, 1998) seu pressuposto fundamental. Travessia, infinito, complexidade e imaginário são ‘ultrapassagens’, ‘entremeios’, ‘sistema-de-sistemas’ e níveis de realidade, que podem ser compreendidos como hologramas” (Silva, 2018, p. 9-10).

f) **Diário de Paris – Nautikon** (FJGR, IEB-USP, JGR-EO-01,03): 123 páginas.

Sobre o trabalho em arquivo, ressalta-se o entendimento de Silva (2018, p. 6) de que “o Fundo JGR continua possibilitando pistas e diálogos variados para a expansão interpretativa da obra”. Na avaliação de Silva (2018, p. 9), o acervo permite ao pesquisador praticar “a religação e o vínculo sistêmico, em que se pode atuar em campo aberto, dialógico e polilógico por excelência – entre saberes”.

No que diz respeito aos objetivos, este trabalho busca, de forma geral, aproximar o arquivo *1950: Um ano zoológico*, a vida e a obra de Guimarães Rosa. Além disso, trazemos os objetivos específicos de: (i) ampliar o mapeamento da temática “animais” no Fundo JGR (IEB-USP); (ii) contribuir para os estudos biográficos sobre o autor; (iii) expandir o conhecimento a respeito da relação do escritor com o jornalismo; e (iv) fomentar pesquisas rosianas no campo da zooliteratura.

Em homenagem à clareza e à objetividade, optamos por nomear os três capítulos desta dissertação justamente com os elementos que compõem o objetivo geral deste trabalho:

1 Arquivo

2 Vida

3 Obra

Na primeira parte, apresentaremos as duas versões do datiloscrito *1950: Um ano zoológico* (1950A e 1950B). O capítulo do meio é voltado aos aspectos biográficos de Guimarães Rosa e conecta a primeira à terceira parte da dissertação, em que buscaremos aproximar o datiloscrito e a obra rosiana. Feita esta introdução, em que contextualizamos o objeto de pesquisa, apresentamos o problema, justificamos nossas escolhas e motivações, levantamos a bibliografia prévia sobre o tema, estabelecemos os referenciais teóricos e os métodos utilizados, bem como os objetivos deste trabalho, vamos a partir de agora iniciar nossa travessia.

1 ARQUIVO

A coluna “O curso da natureza”, do *The Times* (Inglaterra), de 11 de julho de 1950, traz o seguinte título: “Observação de um jovem naturalista”.¹⁶ O autor do artigo é denominado apenas como “o correspondente”. O texto é estruturado em três partes. Primeiramente, ele comenta que observadores de pássaros têm visto com cada vez mais frequência cooperação entre aves na alimentação de filhotes. Cita exemplo de um pintarroxo que ajudava um casal de tordos a alimentar a ninhada. Em seguida, fala de um jovem naturalista que observou, na região de Hampstead, Inglaterra, ninho com quatro filhotes de pintarroxos que, além dos pais, contavam com o apoio de um melro macho para se alimentar. O pássaro também ajudava a limpar excrementos do ninho.

O correspondente abre um segundo parágrafo para abordar outra questão. Na carta enviada ao autor do artigo com os relatos sobre os pintarroxinhos, o jovem naturalista Gordon Turner desabafa sobre o descrédito dos adultos quanto às observações de pássaros feitas por crianças. Turner tem 11 anos. O garoto chega a desafiar os incrédulos: “se algum dos leitores de *The Times* vier aqui depois das horas de escola, eu mostrarei a eles o ninho. Posso assegurar ao correspondente que as mais interessantes – e mais fidedignas – observações, frequentemente, provêm dos menores de 18 anos”. O argumento do menino leva o correspondente a rememorar o caderno de notas de observador de pássaros que portava quando tinha cerca de 15 anos. Ao relê-lo, diz sentir que era naturalista melhor naquele tempo. Sua tese é que os adultos são fáceis de se deixar influenciar pelo que leram em livros e, muitas vezes, a eles faltam a frescura e a espontaneidade da “observação de olhos-agudos dos jovens”.

O texto foi transscrito por João Guimarães Rosa para o datiloscrito 1950: *Um ano zoológico*. Em busca do resgate de um pouco dessa capacidade juvenil para observar as coisas, vamos nos deter neste capítulo a descrever as duas versões disponíveis do datiloscrito no acervo JGR, do IEB/USP.

Lejeune (2015, p. 31) propõe estudar a gênese do material de pesquisa, sua evolução ou, em suas palavras, “como ele gera sua mudança”. Esse raciocínio genético ou descrição morfológica será fundamental para esta parte da pesquisa, dedicada à observação. “A ideia é observar, no plano quantitativo, a extensão dos registros, principalmente sua distribuição no tempo, e identificar, no plano do conteúdo, as cadeias coerentes (as constâncias, os

¹⁶ As traduções são de Vitor Borisow (2005): “The course of nature”: A young naturalist's observation.

aparecimentos e os desaparecimentos dos temas) e seu entrelaçamento” (Lejeune, 2015, 32). Para o autor, esse método de estudo morfológico é pré-requisito para qualquer reflexão “genética”.

Vamos descrever as duas versões do datiloscrito a partir de seis critérios, que correspondem às seções deste capítulo: 1.1 Composição; 1.2 O ano de 1950; 1.3 Jornais e revistas; 1.4 Geografia; 1.5 Contexto e; 1.6 Animais. Apesar da discricionariedade e subjetividade desses critérios, acreditamos que esse esforço de classificação nos aproxima e torna mais nítidas as características desses dois documentos.

Maciel (2009) nos lembra que toda taxonomia requer o princípio da menor diferença possível entre as coisas para se sustentar, mas, ao mesmo tempo, é justamente o que resiste à taxonomia, a diferença, o dissonante, que determina que esses sistemas classificatórios estejam sempre em processo de reformulação, o que revela sua insuficiência e precariedade.

Durante essa primeira aproximação, não raras vezes emergia da nossa memória o trecho de Maciel (2009, p. 15) sobre Georges Perec, que lembra a todos que se aventuraram na tarefa de catalogar “o quanto tentador é o afã de distribuir o mundo inteiro segundo determinados códigos capazes de reger o conjunto dos fenômenos, embora saibamos que lamentavelmente não funciona, nunca funcionou, nunca funcionará”. Feitas essas considerações sobre o fado da disfuncionalidade do processo de catalogar, apresentaremos, a partir de agora, as principais características observadas nas duas versões de 1950: *Um ano zoológico*.

1.1 Composição

Identificamos 360 textos em *1950 A*, divididos em 12 pastas, uma para cada mês do ano, e distribuídos em 158 fólios, numerados até a página 193.¹⁷ Quase todo o material está datilografado, com exceção das pastas Novembro e Dezembro, ainda manuscritas, com a caligrafia de João Guimarães Rosa.

Ao contrário do *Álbum ZOOS*, encadernação com capa dura, com título e autoria gravados em letras douradas, o datiloscrito *1950: Um ano zoológico* não está encadernado. São folhas que começam com o número *1950* datilografado e, logo abaixo, também datilografado,

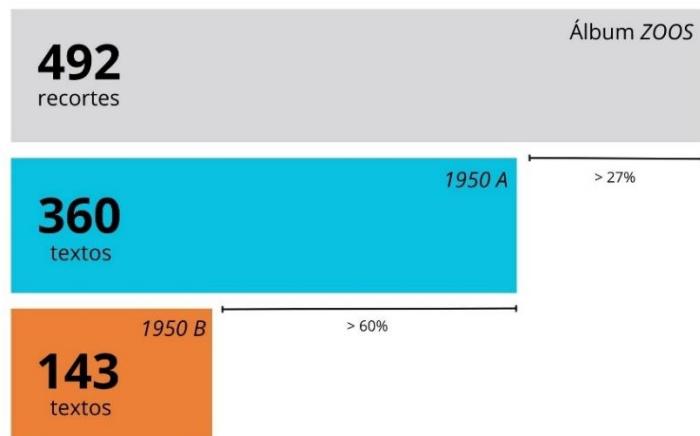
¹⁷ Borisow (2005) registra 377 textos. Como o trabalho dele é focado na descrição pormenorizada do *Álbum ZOOS*, e não do datiloscrito, não consta a lista de textos para que possamos cotejar e verificar a razão da diferença. Pode envolver a definição de critérios sobre o que seria uma unidade textual ou ter relação com alguma perda de material nesses 18 anos de diferença entre as pesquisas. Ao contrário deste estudo, Borisow não faz distinção entre as duas versões quando fala no número de textos. De qualquer forma, a soma dos textos únicos de *1950 A* e *1950 B* não alcança 377.

o título *Um Ano Zoológico* sublinhado. O catálogo *online* do IEB-USP se refere ao material sem fazer menção ao ano: *Um Ano Zoológico*.¹⁸ Vítor Borisow (2005) nomeia o datiloscrito como *1950 – Um ano zoológico*. Frederico Camargo (2018) inverte a ordem e o denomina *Um ano zoológico – 1950*. Optamos, nesta pesquisa, pelo uso dos dois pontos após o ano e por preservar a ordem em que o título aparece no original, antes da primeira notícia do mês de janeiro, denominada “O elefante gatuno” (*Le Figaro*, 3 jan. 1950).

Há indicações intertextuais no documento, com características de título, que apresentam o mês a que vão se referir as notícias que virão na sequência. Em regra, esses títulos estão na cor vermelha, em fonte maior, às vezes manuscritos, outras, datilografados. Todavia, as pastas propriamente ditas que reúnem as folhas avulsas são intervenções extratextuais do IEB-USP no material. Com poucas exceções, quase todo o datiloscrito foi composto no verso de folhas de papel ofício timbrado do Ministério das Relações Exteriores (MRE).

A descrição acima vale também para *1950 B*, com exceção para o número de pastas. Em vez de 12, temos apenas seis, que correspondem aos meses de janeiro, fevereiro, abril, maio, novembro e dezembro. Essa diferença faz da segunda versão significativamente menor que a primeira. Se temos 360 textos em *1950 A*, restaram apenas 143 em *1950 B*, redução de 60%.

Gráfico 1 – Quantidade de conteúdo: Álbum ZOOS x 1950 A x 1950 B



¹⁸ FJGR/IEB-USP, JGR-Z-01. Disponível em:
<http://200.144.255.59/catalogoelectronico/fichaDocumento.asp?DocumentoCodigo=254813> Referência. Acesso em: 13 nov. 2023.

Caso tivéssemos a segunda versão dividida com o mesmo número de meses que a primeira, teríamos mais segurança para propor que a diferença resulta de trabalho de edição comum em um trabalho em etapas como esse. Mas, como o número de pastas de *1950 B* é exatamente a metade de *1950 A* (seis), e essa metade não é cronológica, ou seja, o primeiro semestre de 1950, a hipótese de extravio de parte do material não pode ser descartada.¹⁹ Há, também, a possibilidade de os meses faltantes não terem sido objeto do trabalho de Rosa, esta menos provável, justamente pela difícil identificação de lógica que reúna as pastas disponíveis para consulta no IEB-USP.

1.2 O ano de 1950

Em 12 de abril de 1950, repercutiu no *New York Herald Tribune*, em notícia assinada por Daniel Behrman, o início da campanha anual parisiense contra ratos. A sinopse pode induzir o leitor a pensar que o assunto é trivial,²⁰ apenas mais uma ação de utilidade pública para o controle de pragas numa grande metrópole. Contudo, três detalhes do texto apontam para outra direção: (i) apesar de o tema ser típico de nota pública, é uma das poucas matérias assinadas do datiloscrito;²¹ (ii) o texto tem tamanho maior que a média, são 13 parágrafos dedicados à pauta; e (iii) trata-se de uma das páginas de *1950 A* em que são mais presentes os sinais e as marcas de revisão em caneta preta.

Ao leremos a história, nos deparamos com depoimento de um funcionário da polícia. Fonte da reportagem, falou com a condição de que seu nome não fosse divulgado. Ele explica que a população de ratos de Paris mantinha-se alta desde o fim da Segunda Guerra Mundial. De acordo com o servidor, durante a guerra, os ratos prosperaram nas adegas e porões, onde os parisienses acumulavam mantimentos. O normal seria que as campanhas anuais pós-1945 retomassem os números anteriores, mas o informante alega que isso não aconteceu. Segundo ele, mesmo com as adegas vazias, os ratos achavam ainda mais alimentos em 1950 do que durante a ocupação nazista, por conta da quantidade de alimentos jogados fora pela população.

A leitura da reportagem, mais de 80 anos após a publicação, nos aproxima da Segunda Guerra Mundial, fato histórico com consequências até os dias de hoje. Damo-nos conta de quão

¹⁹ A hipótese do extravio é levantada por Camargo (2018, p. 258).

²⁰ Em seu trabalho de catalogação dos recortes do *Álbum ZOOS*, Borisow (2005) produziu sinopses de todos os 492 itens. Para esta pesquisa, além das sinopses, foram lidos os textos integrais das duas versões de *1950: Um ano zoológico*.

²¹ Na seção *Jornais e revistas* consta gráfico sobre a autoria dos textos.

recente era a ocupação nazista e como ela ainda se refletia no cotidiano local. Esse poder de nos transportar no tempo é uma das características mais fascinantes de *1950: Um ano zoológico*.

Há ainda a vaca Gratwick Beatrice, de Winston Churchill, que ganhou o primeiro prêmio em feira agrícola do Condado de Kent, Inglaterra (*NYHT/AP*, 12 jun. 1950). Outra notícia trata da volta do então príncipe Charles para Londres, após férias no castelo de Balmoral, Escócia, onde brincava com Bunny, coelho que encontrou no parque (*France Dimanche*, 22 out. 1950). O rei Charles III já era notícia antes mesmo de completar dois anos de idade.

Algo, portanto, que esta pesquisa nos exige constantemente é não perder de vista o caráter temporal do documento. Afinal, um datiloscrito em que a primeira informação é o ano, que está organizado por meses e em que há esforço de registro de data do seu autor para cada um dos textos, indica que o cuidado com aspectos do calendário de 1950 é fundamental neste esforço de aproximação do material.

1950 não foi um ano qualquer, sendo período de intensas transformações sociais e culturais, como já mencionado sobre o pós-guerra. É a partir dessa reflexão sobre a importância da data para o material que Camargo (2018) elabora uma de suas hipóteses sobre as motivações de Guimarães Rosa para empreender este projeto:

A relevância do ano de 1950 não é desprezível, afinal, trata-se da metade do século XX. Não terei condições de aprofundar o argumento nem, quiçá, seja trivial comprová-lo a partir de inscrições textuais explícitas. A minha impressão, porém, é a de que, numa visão de conjunto, *Um ano zoológico* não mira exclusivamente no mundo dos animais domésticos ou selvagens, mas também (ou antes) no mundo do próprio homem (não serão zoológicos também as sociedades humanas?). (Camargo, 2018, p. 259)

Na sequência, Camargo (2018) afirma que, ao captar as ocorrências sobre animais nos jornais que lia durante 365 dias do ano, Rosa fazia um retrato da sociedade em que os bichos estão inseridos. Há, de fato, esforço de Rosa para a captação diária de recortes. Isso pode ser percebido quando ele anota, em 23 de junho de 1950, no rodapé direito da página 72 do *Álbum ZOOS*: “Não tem havido nada de zoológico, nos jornais, nos últimos dias. É uma pena!”.

O lamento foi registrado no dia em que ele recortou a notícia “Projeto de lei americano é aprovado para combater caracóis gigantes” (*NYHT/UP*, 23 jun. 1950).²² O texto trata da aprovação de projeto de lei da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos que concedeu à Secretaria de Agricultura autoridade para fiscalizar os equipamentos militares trazidos pelo

²² “U.S. bill is approved to fight giant snails.”

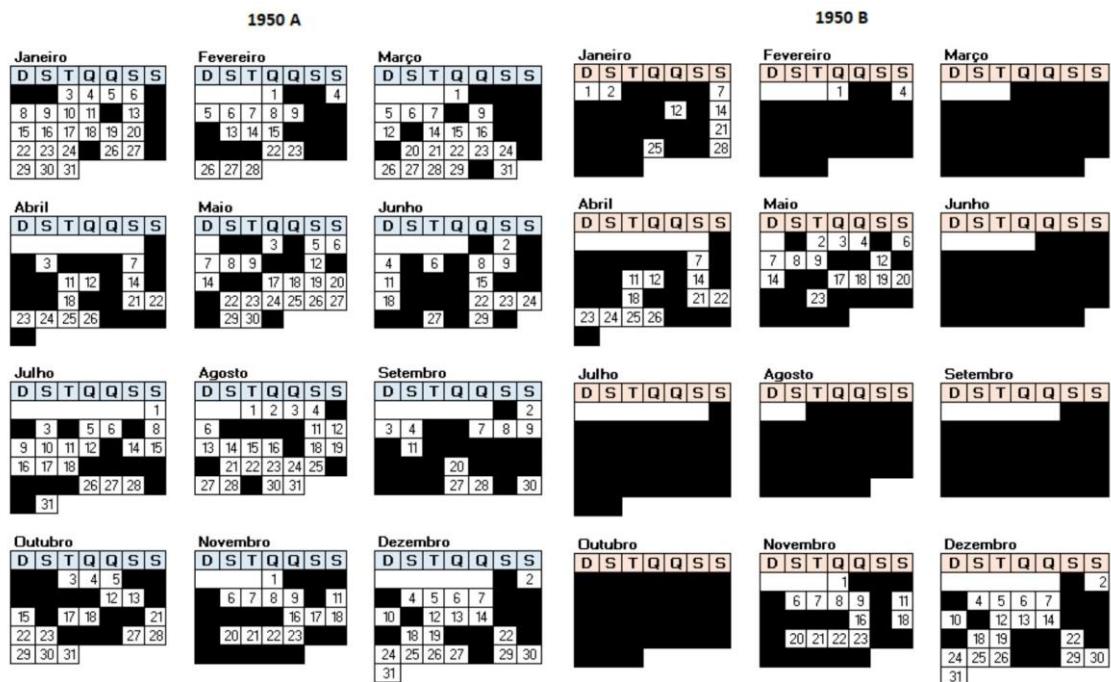
exército americano das ilhas do Oceano Pacífico. O objetivo era combater a invasão de caracóis gigantes provenientes dessas ilhas. Não é possível saber se o registro foi feito antes ou depois da leitura do texto. De todo modo, ao observar as datas do *Álbum ZOOS*, percebemos que Guimarães Rosa estava, havia apenas três dias, sem colher um novo recorte. Os últimos datavam de 19 de junho.

Apesar de parecer tratar-se de um dos dados mais objetivos de uma descrição documental, a catalogação das datas do material também é complexa. Isso porque o mesmo texto carrega, muitas vezes, duas datas. A data de retranca (ou cartola), acompanhada do local de onde o autor a escreveu, e a data de publicação no jornal. Afinal, estamos em 1950, jornalismo impresso, em que, com raras exceções de veículos vespertinos, as notícias demoravam ao menos um dia para serem publicadas, às vezes mais. No exemplo dos caracóis gigantes das ilhas do Pacífico, a retranca traz o seguinte texto: “WASHINGTON, 22 de junho (U.P.)”, mas no rodapé da transcrição que consta em *1950 A*, Guimarães Rosa anota em caneta preta: (N.Y.H.T 23-VI-50). Se tivéssemos esse padrão para todo o material, poderíamos estabelecer duas categorias: (i) data do texto; e (ii) data de publicação no jornal. Mas não o temos. Identificamos notícias em que consta apenas a primeira informação. Em outras, temos apenas a segunda.

A confusão entre uma e outra pode ter interferido no próprio registro original de Guimarães Rosa, pois as marcas e os sinais em canetas coloridas presentes em todo o material indicam que o autor nele voltava diversas vezes, já tendo se distanciado da fonte original, ou seja, o jornal daquele dia, com as informações de capa. Isso nos leva a pensar que, em muitos casos, a fonte de Guimarães Rosa para a datação é praticamente a mesma que temos disponível atualmente: o recorte colecionado no *Álbum ZOOS*. Há, ainda, casos em que não há nenhum registro de data ou que a data está incompleta (só o ano ou ano e o mês), mas essas situações se restringem ao *Álbum ZOOS*. Nas duas versões de *1950*: *Um ano zoológico* constam ao menos uma indicação de data.

Dessa forma, apesar das dificuldades acima relatadas, fizemos elaboramos o calendário comparativo entre *1950 A* e *1950 B* (Infográfico 1). Sabemos que há nele inconsistências quanto à data de feitura e à de publicação. As datas com fundo branco são as que têm registro de publicação. Os quadrados em preto cobrem os dias em que não há esse registro.

Infográfico 1 – Calendário comparativo entre 1950 A x 1950 B

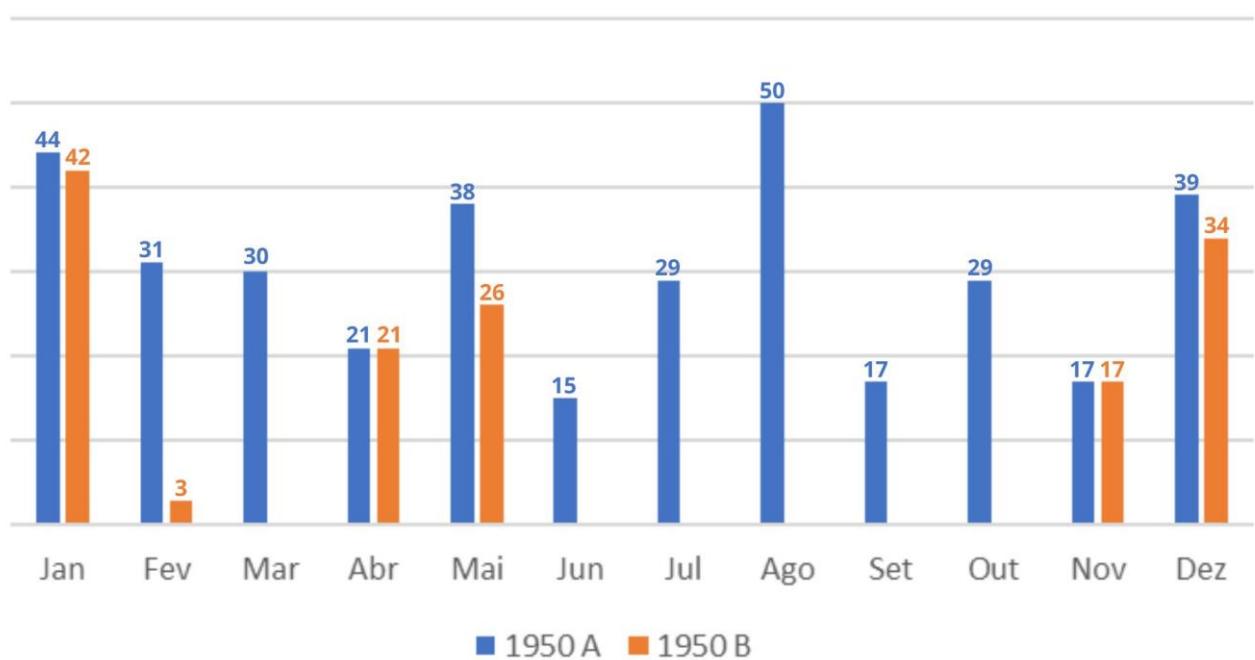


Problema adicional à tarefa de catalogação por data é a diferença entre alguns registros e o agrupamento posterior por meses feito por Guimarães Rosa. Em outras palavras, tem notícia datada em determinado mês, mas que foi reunida no grupo (pasta) de outro mês. É o caso de “Leopardo morto – paciente curado” (*Revue, de Munique*, 29 jun. 1950),²³ que está na pasta Agosto, com data de junho. O mais provável é que seja um erro de digitação e a nota seja de 29 de agosto, e não de 29 de junho. Rosa usava algarismos romanos para a identificação do mês. Assim, VI e VIII estão distantes apenas por II.

No Gráfico 2, temos a distribuição dos textos pelas pastas nominadas de acordo com os meses. Portanto, o que rege aqui é o mês em que Guimarães Rosa arquivou o texto, não a data que ele registrou no rodapé de cada transcrição. A diferença é residual, mas entendemos que a explicação é necessária.

²³ “Leopard tot – Patient gerettet.”

Gráfico 2 – Comparativo de textos por mês (pastas) 1950 A x 1950 B



1.3 Jornais e revistas

Em artigo sobre a relação de Guimarães Rosa com a imprensa, Gustavo de Castro e Andra Jubé (2019, p. 146) afirmam que o escritor mineiro manteve postura ambígua com o jornalismo, com interesses, proximidades e distanciamentos. Apesar de partirem da premissa da ambiguidade, os autores discordam de Walnice Nogueira Galvão (2008, p. 218), que, no ensaio *Página de jornal, página de livro*, afirma que Guimarães Rosa jamais se considerou à vontade com o jornalismo, que “executaria sem regularidade e de modo avulso”.

Castro e Jubé (2019) demonstram que, muitas vezes, Rosa esteve próximo do jornalismo, inclusive com o uso de ferramentas dialógicas típicas da entrevista jornalística na construção de suas histórias. Exemplo máximo: conversa de Riobaldo e seu interlocutor calado e desconhecido em *Grande Sertão: Veredas*. Para os autores, os laços de Guimarães Rosa com a imprensa são pouco conhecidos e pouco investigados em sua biografia.

Nesse sentido, o Álbum ZOOS e o datiloscrito 1950: *Um ano zoológico* são duas peças que podem contribuir para a formação de um mosaico chamado “Rosa e o jornalismo”. Se o

autor tinha fama de ser avesso a entrevistas,²⁴ a análise desses arquivos zoológicos nos apresenta um leitor que tinha nos jornais fonte de pesquisa diária e sistemática de conteúdos sobre animais, em especial, o *New York Herald Tribune* (Estados Unidos) e o *Le Figaro* (França).

Mais que algo típico da rotina de um diplomata ativo em 1950, o que a observação dos documentos integrantes do *corpus* desta pesquisa mostra é que a leitura do que era publicado na imprensa servia como espécie de base de dados para Guimarães Rosa, à qual ele recorria muitas vezes posteriormente, assim como fazia com seus diários e cadernos de anotações. Se, conforme afirma Gama (2008 *apud* Camargo 2013, p. 36), Guimarães Rosa “pode ser caracterizado como um colecionador de expressões e palavras que registrava em listas o que lhe interessava”, os arquivos zoológicos do autor nos permitem afirmar que Rosa era, também, colecionador de notícias de jornais sobre animais.

Em correspondência trocada com seu tradutor para o italiano, Edoardo Bizarri, Rosa chegou a se definir como antijornalista (Rosa, 1965 *apud* Castro; Jubé, 2019). Em entrevista a Pedro Bloch, ao comentar justamente sua fama de não gostar de entrevistas, ele afirmou: “Não gosto do transitório, do provisório. Gosto do eterno” (Rosa, 1963 *apud* Castro; Jubé, 2019). Se, por um lado, o jornalismo para Rosa não tinha importância, sendo aleatório e totalmente subjugado à literatura (Galvão, 2008), 1950: *Um ano zoológico* nos apresenta alguém que abusava dessa aleatoriedade do jornalismo para montar seus mosaicos.

Fator determinante para os dados sobre jornais e revistas dos quais Rosa recortava os conteúdos sobre animais é o aspecto geográfico e profissional. Ele estava em Paris e servia como diplomata na Embaixada do Brasil. Portanto, é de lá a maior parte dos jornais a que tinha acesso, inclusive, o *New York Herald Tribune*, pois se tratava de versão editada em Paris, mas em inglês.²⁵

Especialmente quanto ao *Le Figaro*, acreditamos que o número pode ser maior, pois, assim como no caso das datas, dependemos dos registros feitos por Guimarães Rosa nos recortes para a identificação da fonte dos textos. Dessa forma, apesar dos 43 registros atribuídos ao *Le Figaro* (12%), existem outros 48 com a marcação *Jornal francês* ou *J.F.* É possível que

²⁴ “A aversão aos jornalistas correu mundo. Em Gênova, em 1965, Günter Lorenz se congratulava de conseguir o acesso ao ‘inimigo de toda a espécie de entrevistas e terror dos repórteres’” (Castro; Jubé, 2019, p. 154).

²⁵ “Para os americanos, era o ‘Paris Herald’. Para os franceses, ‘Le New York’. Seu nome completo era ‘New York Herald Tribune’, um jornal em inglês publicado na França desde o fim do século XIX que se tornara leitura quase obrigatória dos expatriados e turistas dos Estados Unidos e de uma elite europeia” (Molina, 2013).

Disponível em: https://www.observatoriadimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed768_de_nova_york_para_o_mundo/. Acesso em: 20 nov. 23.

essa indicação parta de falta de certeza do próprio autor da coleção quando se defrontava novamente com alguns dos seus recortes colados no *Álbum ZOOS*. Há, também, a marcação *Jornal parisiense* ou *J.P.*, com mais 13 menções (4%).

Sobre a presença de jornais ingleses, italianos, alemães e brasileiros, em quantidade bem menos expressiva, temos algumas hipóteses. Rosa fez ao menos uma viagem a Londres, em 1950, acompanhado do primo Pedro Barbosa.²⁶ Além disso, a proximidade geográfica entre os dois países nos leva a pensar que o acesso aos veículos ingleses, em especial integrando a carreira diplomática, era relativamente simples.

Guimarães Rosa viajou com Aracy Moebius de Carvalho para a Itália em 1950, o que explica em grande parte os jornais italianos. Sobre os exemplares alemães, especificamente de Hamburgo, cidade em que Rosa serviu como diplomata durante a Segunda Guerra Mundial (1938-1941), não investigamos ainda a origem, mas nossa hipótese é que sejam resultado das relações sociais e diplomáticas realizadas durante o período alemão do escritor. No caso dos jornais brasileiros, em carta de 19 de agosto de 1950 para as filhas Vilma e Agnes (Rosa, 1999), Guimarães Rosa comenta que a Embaixada do Brasil em Paris recebia semanalmente os jornais do Rio de Janeiro, vindos de avião.

Além do *Jornal parisiense* e do *Jornal francês*, alguns poucos veículos (4) não estão identificados. Dessa forma, temos variedade de 35 veículos para 1950 A e 16 para 1950 B.

Tabela 1 – Jornais e revistas presentes em 1950 A

		<i>1950 A</i>		
		JORNAL/REVISTA	Quantidade	Percentual
1	New York Herald Tribune		134	37%
2	Jornal francês		48	13%
3	Le Figaro		43	12%
4	France Dimanche		15	4%
5	Le Journal du Dimanche		14	4%
6	Jornal parisiense		13	4%
7	Revista Paris Match		13	4%
8	The Times		10	3%
9	Diário da Noite		6	2%
10	Le Combat		6	2%
11	France-Soir		4	1%
12	Le Monde		4	1%

²⁶ Há registro da viagem no *Diário de Paris* e tem foto deles juntos em Londres, disponível no Arquivo Público Mineiro/Acervo DIMUS. Disponível em: <https://acervodigital.secult.mg.gov.br/museu-casa-guimaraes-rosa-mngr/>. Acesso em: 13 nov. 23.

13	NÃO IDENTIFICADO	4	1%
14	Pomeriggio (Roma)	4	1%
15	Revista parisiense	4	1%
16	A Noite	3	1%
17	Gazzetino Sera/Gazzeta di Venezia	3	1%
18	Hamburger Abendblatt	3	1%
19	Paris-Presse / L'Intransigeant	3	1%
20	Revista Life	3	1%
21	Revista Time (EUA)	3	1%
22	L'Intransigeant	2	1%
23	O Globo	2	1%
24	The Daily Telegraph	2	1%
25	Ce Matin	1	0%
26	Corriere della Sera	1	0%
27	Corriere d'Informazione (Milão)	1	0%
28	Gazeta de Paraopeba	1	0%
29	Gazzetino Sera	1	0%
30	Humanité	1	0%
31	il Gazzettino	1	0%
32	Le Figaro Litteraire	1	0%
33	Momento Sera (Roma)	1	0%
34	Pomeriggio (Bolonha)	1	0%
35	Revista "Tempo" (Milão)	1	0%
36	Revista Elle	1	0%
37	Revista Point de Vue	1	0%
38	Revue, de Munique	1	0%

Tabela 2 – Jornais e revistas presentes em 1950 B

1950 B			
	JORNAL/REVISTA	Quantidade	Percentual
1	New York Herald Tribune	55	38%
2	Le Figaro	22	15%
3	Jornal francês	12	8%
4	Revista Paris Match	10	7%
5	France Dimanche	6	4%
6	Jornal parisiense	6	4%
7	Le Combat	5	3%
8	The Times	5	3%
9	Le Monde	4	3%
10	NÃO IDENTIFICADO	3	2%
11	Diário da Noite	3	2%
12	Hamburger Abendblatt	2	1%
13	Le Journal du Dimanche	2	1%

14	Paris-Presse / L'Intransigeant	2	1%
15	Revista Parisiense	2	1%
16	France-Soir	1	1%
17	Le Figaro Litteraire	1	1%
18	Revista Point de Vue	1	1%
19	Paris Dimanche	1	1%

Os dados sobre autoria do conteúdo são menos ricos pela quantidade de registros sem a identificação de autor. Isso se dá menos por uma opção ou descuido de Guimarães Rosa, que manteve nas duas versões do datiloscrito o registro da autoria dos textos que transcreveu, do que, ao que nos parece, decisão dos próprios veículos, que não traziam assinatura para grande parte dessas notícias.

Para termos um dado mais consistente, apresentamos a descrição de autoria reunindo os conteúdos assinados por um ou mais jornalistas, as sem autoria identificada (S/autor) e as notícias produzidas pelas agências de notícias internacionais, com presença recorrente no material e que Rosa preservou nas duas versões de *1950: Um ano zoológico*. São quatro as agências identificadas: United Press (U.P.), Associated Press (A.P.), Agence France-Presse (A.F.P.) e Reuter.

O surgimento das agências de notícias internacionais está associado à invenção do telégrafo, no século XIX, que criou condições para a formação de uma rede mundial de notícias. É o que explica Barbosa (2007 *apud* Sotana, 2018). No Brasil, jornais passaram a criar a editoria “Mundo” para veicular o material que chegava do exterior. Em 1874, a partir da aquisição de um telégrafo, o *Jornal do Comércio* começou a publicar, de forma pioneira no país, notas enviadas pela agência Reuter-Havas.

A agência foi fundada em 1825, na França. Após o final da Segunda Guerra, passou a se chamar Agence France-Presse (Sodré, 1966 *apud* Sotana, 2018). Sotana cita Jobim (1960 *apud* Sotana, 2018), que afirma que Reuters, Associated Press, United Press International e France Presse praticamente monopolizavam o noticiário do exterior veiculado na imprensa escrita brasileira, notadamente no período inicial da Guerra Fria.

Apesar de o artigo de Sotana ser voltado para o contexto brasileiro, essas são as mesmas agências que dividem a autoria das notícias colecionadas por Guimarães Rosa, em 1950, o que corrobora o que Rossi (1980 *apud* Sotana, 2018, p. 271) traz sobre o caráter tentacular da rede de agências internacionais de notícias: “elas estão presentes na grande maioria dos países do mundo e vendem seus serviços, da mesma forma, para quase todos eles”.

As Tabelas 3 e 4 trazem, além da categoria “S/autor”, alguns jornalistas que se repetem em mais de uma coluna por assinarem os textos de forma coletiva com um ou mais colegas. Optamos por apresentar as autorias a partir do quantitativo total de textos dos manuscritos. Ou seja, 360 para *1950 A* e 143 para *1950 B*. É por essa razão que o mesmo autor aparece em alguns casos em mais de uma linha. De todo modo, excluída a categoria “S/autor”, que acompanha a maior parte dos textos, temos uma variedade de 36 autorias para *1950 A* e 17 para *1950 B*.

Tabela 3 – Autores presentes em *1950 A*

		<i>1950 A</i>	Quantidade	Percentual
AUTOR				
1	S/autor	204	57%	
2	Associated Press (A.P.)	54	15%	
3	United Press (U.P.)	43	12%	
4	Agence France-Presse (A.F.P.)	8	2%	
5	Joan Appleton/Michael Horton	5	1%	
6	Yves Dartois	4	1%	
7	André Larcher	3	1%	
8	Guermantes	3	1%	
9	Reuter	3	1%	
10	Art Buchwald	2	1%	
11	Carmen Tessier	2	1%	
12	Daniel Behrman	2	1%	
13	Luc-Marie Bayle	2	1%	
14	Michael Horton	2	1%	
15	A. T. Steele	1	0%	
16	Pierre Doublet (A.F.P.)	1	0%	
17	André Larcher / Piem	1	0%	
18	B. K. Paranjpe	1	0%	
19	Campbell Kilduff	1	0%	
20	Cecil Brunet	1	0%	
21	Charles Pasquier	1	0%	
22	Christopher Rand	1	0%	
23	Dominique Arban	1	0%	
24	E. A.	1	0%	
25	Fousi/Yves Dartois	1	0%	
26	Gabrielle Ullstein/Joan Appleton/ Michael	1	0%	
27	Horton	1	0%	
28	Georges Ravon	1	0%	
29	H.M.S.	1	0%	
30	Hotspur	1	0%	
31	Jacques Cordier	1	0%	
	John O'Reilly	1	0%	

32	Maurice Josco	1	0%
33	Orsolino	1	0%
34	P. Achyutham (leitor)	1	0%
35	Pierre Mazars	1	0%
36	René Barotte	1	0%
37	Zefiro	1	0%

Tabela 4 – Autores presentes em *1950 B*

1950 B			
	AUTOR	Quantidade	Percentual
1	S/autor	85	59%
2	Associated Press (A.P.)	22	15%
3	United Press (U.P.)	19	13%
4	Daniel Behrman	2	1%
5	Yves Dartois	2	1%
6	A. T. Steele	1	1%
7	André Larcher	1	1%
8	Art Buchwald	1	1%
9	Carmen Tessier	1	1%
10	Christopher Rand	1	1%
11	Dominique Arban	1	1%
12	E. A.	1	1%
13	Fousi/Yves Dartois	1	1%
14	Guermantes	1	1%
15	Jean Appleton/Michael Horton	1	1%
16	Pierre Mazars	1	1%
17	René Barotte	1	1%
18	Reuter	1	1%

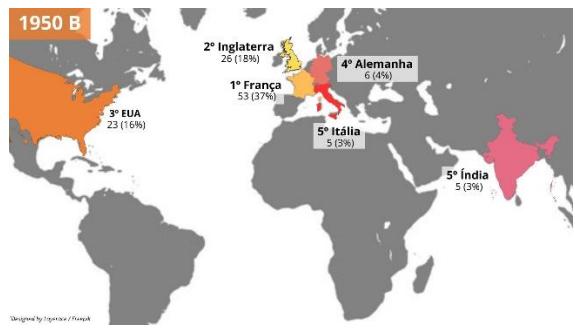
1.4 Geografia

A rede tentacular das agências de notícias internacionais já permitia, à época, que os veículos trouxessem em suas páginas pautas provenientes de boa parte do mundo. Assim, há um padrão em grande parte dos textos transcritos por Guimarães Rosa no datiloscrito que é o início pelo local de feitura da notícia. Portanto, independentemente de estar publicada no *Le Figaro*, editado em Paris, a notícia recortada por Rosa pode ter origem em Nova Déli, na Índia, ou Durban, na África do Sul. Por um lado, esse padrão facilitou a construção de mapa com a origem das notícias colecionadas por Rosa, mas aqui também precisamos fazer as ressalvas da catalogação e sua infinita necessidade de reformulação.

Mapa 1 – Países mais presentes em 1950 A



Mapa 2 – Países mais presentes em 1950 B



Grande parte das notícias guarda coerência entre o local que está na retranca e o do fato narrado. Algumas outras não têm nenhuma relação. A retranca vem de Londres, e o fato ocorreu em Lagos (Nigéria). Em outros casos, residuais, não é possível identificar a origem da informação. Os Mapas 1, 2, 3 e 4 seguem, em regra, o que está na retranca. Nos casos em que não há retranca e em que é evidente a origem da história, incluímos a cidade mencionada. Um exemplo é a matéria que discute o acesso ao transporte público por animais de estimação na cidade de Paris. Nesse caso, mesmo que não tenha retranca, o texto foi classificado como originário de Paris.

Mapa 3 – Cidades mais presentes em 1950 A



Mapa 4 – Cidades mais presentes em 1950 B

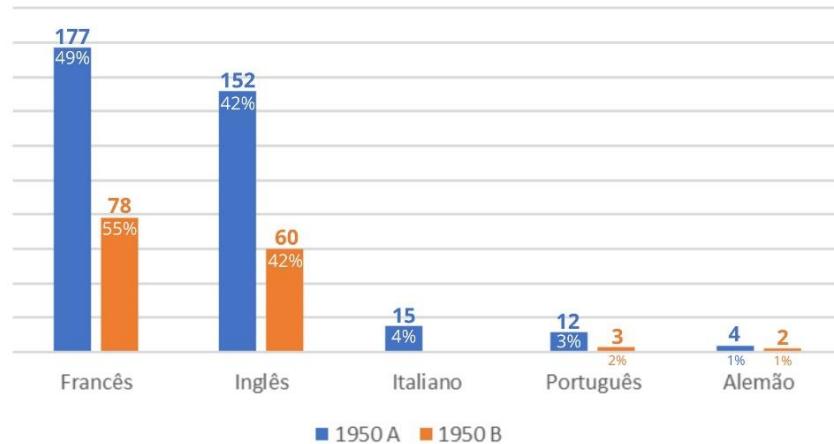


Ainda no aspecto geográfico, levantamos os idiomas originais dos textos traduzidos por Guimarães Rosa, que era poliglota. Em entrevista de 19 de outubro de 1966, concedida por carta a sua prima Lenice Guimarães de Paula Pitanguy, ainda criança à época, Rosa escreveu sobre as línguas que estudava:

Falo português, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco de russo; leio sueco, holandês, latim e grego (mas com o dicionário agarrado); entendo alguns dialetos alemães; estudei a gramática do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituânia, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do tcheco, do finlandês, do dinamarquês; bisbilhotei um pouco a respeito de outras. Mas tudo mal. E acho que estudar o espírito e o mecanismo de outras línguas ajuda muito à compreensão mais profunda do idioma nacional. Principalmente, porém, estudando-se por divertimento, gosto e distração. (Rosa, 1966)

As fontes de Rosa para 1950: *Um ano zoológico* refletem um pouco essa Torre de Babel. Os conteúdos originais, além do português, foram escritos em francês, inglês, italiano e alemão. E, dessa forma, a partir do que ele mesmo disse anos mais tarde sobre o estudo do espírito e do mecanismo de outras línguas, além de coleção e diário-colagem, o datiloscrito pode também ser visto como exercício de tradução para o autor. Borisow (2005) alerta, porém, que não podemos tratar o material apenas como exercício de tradução, pois estão incluídos conteúdos publicados originalmente em português, conforme representado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Idiomas originais dos textos em 1950 A e 1950 B



1.5 Contexto

Se a descrição do datiloscrito, de acordo com datas, jornais e dados geográficos, parecia mais objetiva, mas não se mostrou tão simples, no caso do contexto em que cada notícia está inserida, já não tínhamos essa ilusão de antemão. Maciel (2009, p. 19) resgata o *frisson* que a descoberta do ornitorrinco na Austrália, em 1799, causou entre cientistas da Grã-Bretanha: naquele momento, “a taxonomia gozava de um enorme prestígio e se amparava rigorosamente

nas leis da racionalidade triunfante”. Predominava o que Foucault (1987 *apud* Maciel, 2009, p. 18) chamou de “tempo classificado”, de “de vir quadriculado”. Era tempo de instauração de arquivos, reorganização das bibliotecas, estabelecimento dos catálogos, dos museus e dos zoológicos. O ornitorrinco surgiu como um anarquista, um questionador da racionalidade iluminista, antes de Nietzsche e dos pensadores da pós-modernidade.

Considerado um *puzzling animal*, o ornitorrinco provocou a perplexidade dos naturalistas do tempo, por ser um híbrido de mais ou menos 50 cm, sem pescoço, com patas dotadas de membranas, cauda semelhante à de um castor, bico de pato, membros posteriores dotados de esporões venenosos, além de ter um corpo achatado e coberto por um pelo marrom-escuro. Fica na água e lá se alimenta. As fêmeas são ovíparas, mas amamentam seus filhotes através de mamilos internos. Como descreveu um naturalista do tempo, Thomas Bewick, “o ornitorrinco é um animal *sui generis*: ele parece possuir três naturezas: a do peixe, a do pássaro e a do quadrúpede”. (Maciel, 2009, p. 18)

Mais adiante, Maciel (2009) resgata o texto *Kant e o ornitorrinco*, de Umberto Eco (1997 *apud* Maciel, 2009, p. 19), em que o pensador italiano elege esse animal como herói: “o ornitorrinco não é feito de um amálgama de todos os animais, mas todos os outros animais são feitos a partir de uma parte do ornitorrinco”. É a partir desse exemplo que constrange o racionalismo ortodoxo que Maciel (2009) retoma a ideia de que há casos em que uma classificação só é possível por meio de aproximação analógica. Para isso, o uso da imaginação é inescapável. De acordo com Maciel (2009, p. 19), “na falta de critérios para se definir com precisão um objeto estranho, há que se inventar novas formas - sejam elas metafóricas ou não - para que ele possa ser descrito e especificado”.

Apoiados no pensamento trazido por Maciel (2009), categorizamos os textos de 1950: *Um ano zoológico*. Realizamos a leitura integral do datiloscrito e tentamos reunir em temas agregadores o maior número de conteúdo possível. Buscamos, também, retomar a dialógica entre intratextualidade e extratextualidade da qual nos fala Lejeune (2015), estabelecendo categorias que, mais do que repetir editorias clássicas do jornalismo (Mundo, Política, Economia), se relacionassem com aspectos biográficos e assuntos notadamente de interesse do escritor.

Em seu trabalho de classificação do *Álbum ZOOS*, Borisow (2005) recorreu a Roland Barthes (1970 *apud* Borysow, 2005, p. 52) e sua reflexão sobre a diferença entre conteúdos jornalísticos categorizados como informação e *fait divers* e concluiu que as notícias sobre bichos colecionadas por Guimarães Rosa são, em sua maioria, *fait divers*, o que significa uma escolha pelo insólito, pelo acaso, pelo espanto: “Não há *fait divers* sem espanto (escrever é espantar-se)”.

Como o nosso esforço é de aproximação ao datiloscrito *1950: Um ano zoológico*, buscamos deliberadamente fugir da criação de uma categoria “insólito”. Uma primeira tentativa corroborou o que nos trouxe Borisow (2005), o que fazia do insólito força magnética que tudo atraía. O resultado seria uma classificação em que tudo é insólito, que ficaria assaz genérica.

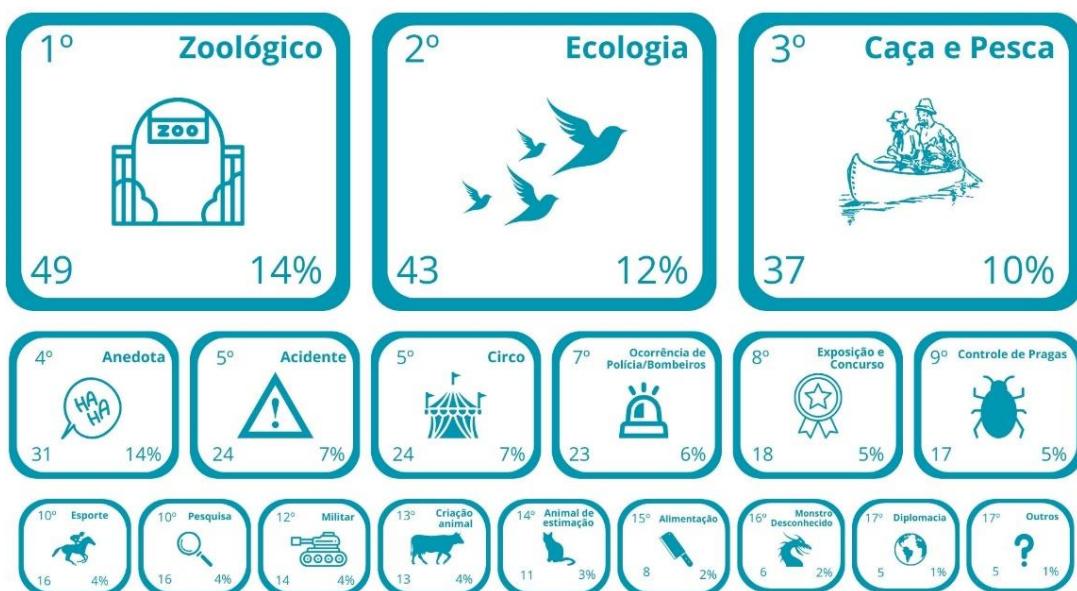
Isso posto, propomos uma categorização em 19 grupos, aqui apresentados em ordem alfabética: acidente; alimentação; anedota; animal de estimação; caça e pesca; circo; controle de pragas; criação animal; diplomacia; ecologia; esporte; exposição e concurso; floricultura; militar; monstro desconhecido; ocorrência de polícia/bombeiros; outros; pesquisa; e zoológico.

Nos Infográficos 2 e 3, hierarquizamos as categorias por meio de cartões, a partir da recorrência de cada contexto. Os cartões maiores são aqueles mais representativos, que mais se repetiram. Os menores são os menos recorrentes, que menos se repetiram. Cada cartão traz cinco informações. No centro, inserimos ícone de caráter ilustrativo que faz referência ao nome dado à categoria.²⁷ No canto superior direito, está o nome da categoria. No canto superior esquerdo, a posição que ele ocupa no *ranking* contextual.²⁸ O canto inferior esquerdo traz o número de textos que foram classificados naquela categoria. E, por fim, no canto inferior direito, está o percentual de textos categorizados naquele contexto em relação ao total de textos de cada uma das duas versões (*1950 A* e *1950 B*).

²⁷ Criamos os cartões no aplicativo *online* gratuito *Canva*, com figuras de uso livre.

²⁸ As categorias com o mesmo número de textos contabilizados dividem a mesma posição.

Infográfico 2 – Ranking contextual dos textos em 1950 A



Infográfico 3 – Ranking contextual dos textos em 1950 B



A categoria com mais textos no ranking contextual que fizemos para 1950 A corrobora o título 1950: *Um ano zoológico*: 49 textos (14%) foram classificados como zoológico. A categoria é, talvez, a mais homogênea das 19 pensadas para descrever o material. Um exemplo é a notícia publicada no *The Daily Telegraph* (Inglaterra), em 3 de outubro de 1950, sobre a morte de Gus, leão-marinho do Zoológico de Londres. Ele tinha cerca de 20 anos e era o único leão-marinho macho do parque. Deixou três viúvas.

Na sequência, em 2º lugar para 1950 A e em 1º para 1950 B, está o contexto ecologia. Sem a homogeneidade de zoológico, funciona como uma supercategoria, que reúne três temas caros a esta pesquisa: direito animal; preservação da fauna; e migração sazonal. As matérias reunidas sob esse guarda-chuva dialogam com aspectos da zoopoética e da zooliteratura que Maciel (2009) nos apresenta. O interesse do escritor mineiro por animais é conhecido. Isso se reflete ao longo de toda a sua obra. Mesmo assim, surpreende o número de textos selecionados para o datiloscrito com essa abordagem ecológica: 43 (12%) em 1950 A e 21 (15%) em 1950 B. É o caso de notícia que repercute discussão sobre a definição do termo “animal” empregado em proposta de emenda de projeto de lei do Parlamento inglês (*The Times*, 18/05/50). Este é um caso em que Guimarães Rosa criou um título autoral para o trecho transcreto: “Dando os nomes aos bois”.

Outra história trata da reação negativa a decreto do ministro da Agricultura da França que autorizava o extermínio de gatos que estivessem a mais de 200 metros de casa (*France-Soir*, 10/12/50). O texto traz manifestação do procurador Vassart contra o decreto: “O direito dos animais, de todos os animais, quaisquer que sejam, tal como está atualmente inscrito, na consciência pública, resume-se no direito de não sofrer sofrimentos inúteis”.

Em 3º lugar para 1950 A, estão 37 textos (10%) sobre caça e pesca. A categoria traz notícias como as que informam a abertura da temporada de caça na região parisiense. Uma delas, publicada pelo *Le Figaro*,²⁹ em 3 de setembro de 1950, reforça que os bandos de perdizes, coelhos e, sobretudo, lebres estavam abundantes naquele ano. A reportagem traz, também, levantamento sobre os lucros anuais gerados pela caça na França.

A categoria anedota está na 4ª posição para 1950 A, com 31 textos (9%). Aqui, a hecatombe causada pelo ornitorrinco no mundo das classificações se manifesta de forma mais presente que nas categorias citadas anteriormente. O que é anedótico? Também nesse caso percebemos a força atrativa semelhante ao que já foi dito sobre o insólito. E a leveza desses textos também nos remete diretamente à ideia de *fait divers*. De todo modo, optamos por manter a categoria pela sua capacidade de apontar os conteúdos mais divertidos do datiloscrito, pela semelhança estética de algumas histórias com fábulas de La Fontaine, que serão exploradas no capítulo 2, e pela sua relação com dados extratextuais conhecidos de Guimarães Rosa, como a

²⁹ “No início da Segunda Guerra Mundial, o *Le Figaro* havia se tornado o principal jornal da França. Após a guerra, tornou-se a voz da classe média alta e continua a manter uma posição conservadora.” Atualmente, é tido como o segundo maior jornal francês. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Le_Figaro. Acesso em: 20 nov. 2023.

reflexão que ele faz sobre anedotas no primeiro dos quatro prefácios de *Tutaméia*: “Aletria e hermenêutica”:

A anedota, pela etimologia e para a finalidade, requer fechado ineditismo. Uma anedota é como um fósforo: riscado, deflagrada, foi-se a serventia. Mas sirva talvez ainda a outro emprego a já usada, qual mal de indução ou por exemplo instrumento de análise, nos tratos da poesia e da transcendência. (Rosa, 2001, p. 29)

Diante da riqueza do material, é difícil selecionar os melhores exemplos anedóticos. Tem a do rato que teria morrido de desgosto ao descobrir que não era um gato (*NYHT/AP*, 22 mar. 1950). Tem algumas notícias aparentemente diferentes, mas com a “moral da história” bem semelhante.³⁰ É o caso do veado que, após ser salvo por pescador enquanto se debatia no rio Arkansas, derrubou seu salvador e tornou a pular no rio (*NYHT/UP*, 26 mai. 1950). Muito parecida com essa é a do gato que, logo após se ver livre das mãos do bombeiro que o resgatou de árvore no Rio de Janeiro, subiu novamente até o mesmo galho de onde foi retirado (*O Globo*, 28 jul. 1950).

Poderia haver também um subgrupo de anedota só com histórias de casais, como a do homem de Kearny, Nova Jersey, abandonado pela esposa. Ela se mudou para outra cidade junto com o vizinho e seu cão (*NYHT/AP*, 14 mai. 1950). A mulher alimentou o cachorro do vizinho por dois anos e disse ao marido que não suportaria viver separada dele, no caso, o cachorro. Em outra, vinda de Detroit, um homem pediu o divórcio à esposa que, entre outras excentricidades, criava um jacaré na banheira, gastava 50 dólares por semana com um macaco e mantinha uma pistola em casa para amedrontar o marido (*NYHT/UP*, 9 jun. 1950). Também de Detroit vem uma sobre George Blair, que deixou em testamento todos os seus bens para seu papagaio Bob, de 52 anos, por este ter sido seu único amigo ao longo da vida (*NYHT/UP*, 7 fev. 1950). A história circulou, e o homem passou a receber cartas de mulheres com propostas para cuidar do animal após sua morte.

A próxima notícia de casais poderia ser classificada tanto em diplomacia quanto em anedota. Optamos por diplomacia pelo provável olhar diferenciado que Rosa tinha sobre notícias que tratavam do seu ofício e de seus colegas. Nesse caso, a história é de um diplomata americano que afirma ter recebido a visita de uma rã em seu quarto de hotel durante a noite, em Deauville, na França (*NYHT*, 1 ago. 1950). Quando a esposa abriu a porta, a rã, no colo do

³⁰ O tema “moral da história” na fábula será retomado no segundo capítulo.

diplomata, havia se transformado numa linda jovem. O texto termina sarcasticamente: “apenas a esposa do diplomata não acreditou na história da rã”. A categoria diplomacia aparece mais uma vez em tom anedótico em notícia sobre o cachorro do adido britânico da Aeronáutica, que causou um incidente diplomático entre Grã-Bretanha e Romênia (*Paris-Presse/L'Intransigeant*, 6 dez. 1950). O dono do cachorro foi detido durante três horas porque seu cão resolveu fazer as necessidades em frente ao edifício onde fica o escritório do Partido Comunista local.

A categoria acidente vem na sequência de anedota em número de textos classificados. São 24 (7%) para 1950 A. Reúne textos que são insólitos, regidos pelo acaso. Justamente por isso, como mencionado por Borisow (2005), são levados às páginas dos jornais. Uma grande diferença da categoria anedota é o fato de não serem histórias leves e divertidas, sendo, muitas vezes, brutais. É o caso de notícia vinda de Roma, de uma velhinha de 77 anos que, ao tentar tirar ovos de seu galinheiro, foi bicada diversas vezes no rosto por um galo enfurecido (*Gazzetino Sera/Gazzeta di Venezia*, 7 set. 1950). Ela morreu de tétano dias depois.

E como classificar o caso de dois leões que escaparam do circo e mataram uma jovem em Buchlertal, Alemanha (*Jornal francês*, 24 abr. 1950)? Especula-se que os leões foram soltos por um funcionário do circo que havia sido demitido. Acidente ou circo? Optamos por classificá-la em circo, tendo em vista o esforço já mencionado por evitar categorias mais vagas. Circo e acidente dividem a 4^a colocação para 1950 A, com o mesmo número de 24 textos (7%).

Há também uma série de notícias sobre monstros desconhecidos, quase a totalidade deles marinhos. É o caso de um que apareceu em Delake, costa leste dos EUA (*NYHT/UP*, 05 mar. 1950). Essa é também uma das notícias com título autoral de Guimarães Rosa no datiloscrito: “O estranho monstro marinho”.

A categoria alimentação mostra que Rosa também colecionava textos sobre animais que em nada se aproximavam do conceito de *fait divers* e, a princípio, não continham nenhum apelo literário. É o caso de nota sobre o preço da carne bovina, suína e ovina no mercado de Villette, Paris (*Jornal francês*, 6 fev. 1950). Na mesma categoria, há outra notícia, esta com forte apelo dramático, sobre um salsicheiro que se matou com um tiro após inspetores descobrirem carne de cavalo em sua fábrica (*NYHT/AP*, 8 mai. 1950). Para essa, Rosa deu o título “A hipofagia punida”.

Quanto à categoria militar, a quantidade de textos com essa característica em comum nos fez entender que a reunião deles contribuiria para o entendimento do documento. Eles trazem outro valor em si, que é o de contribuir para marcar temporalmente o material. Em 1950, o mundo vivia o contexto pós-Segunda Guerra. A Organização das Nações Unidas (ONU) foi

fundada em 1948. A Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética pautava as relações internacionais em um mundo dividido. A Guerra da Coreia, exemplo desse mundo bipolar, estava em andamento, e textos sobre o conflito que se interseccionam com o tema animais estão entre os selecionados por Rosa para 1950: *Um ano zoológico*. Em geral, em vez de o nome de uma cidade, como é o padrão, essas notícias iniciam com a retranca “Front da Coreia”. Assim é a matéria sobre a dificuldade de soldados americanos de apressar a retirada de campões coreanos para o Sul, que resistiam a abandonar pelo caminho seus animais de criação, como búfalos (*L'Intransigeant/AFP*, 16 jul. 1950).

A categoria esporte se chamaria, *a priori*, corrida de cavalo. Esse é o assunto mais comum da seção, mas, conforme lemos textos sobre corridas de cachorros, touradas (sem a problematização dos direitos dos animais) e jogos de futebol com a invasão de touros, optamos por um nome que permitisse a reunião de todos esses assuntos em um só conjunto. É o caso da notícia que repercute memorando da Igreja Católica Romana na Grã-Bretanha (*NYHT/UP*, 9 mar. 1950). O documento aprova as apostas em corrida de cavalo e partidas de futebol, mas desaprova jogos de azar envolvendo a corrida de cães. Guimarães Rosa intitulou o texto de “A igreja e os cavalos”.

Uma diferença que se sobressai ao compararmos as duas versões de 1950: *Um ano zoológico*, no que diz respeito ao contexto, é a presença em 1950 B de notícia sem qualquer referência a animais e que não está presente em 1950 A. É uma nota curta sobre nova espécie de rosa branca cultivada na Tchecoslováquia (*NYHT*, 2 mai. 1950). A rosa resiste a temperaturas abaixo de zero. Cada flor tem o formato de uma estrela de cinco pontas e, por isso, recebeu o nome de Estrela da Paz. Este é o único caso do datiloscrito de um texto que consta em 1950 B e no *Álbum ZOOS*, mas que não consta em 1950 A. Guimarães Rosa pode ter recorrido à fonte inicial para resgatá-lo ou a página com o texto da primeira versão se perdeu. Ou, uma terceira hipótese, o texto é de 1950 A e está classificado equivocadamente como 1950 B. Como se trata de folhas avulsas reunidas e há muitas semelhanças entre as duas versões, não podemos descartar esta última possibilidade.

1.6 Animais

Em alguns casos, Guimarães Rosa não faz a transcrição ou a tradução integral do conteúdo original presente no *Álbum ZOOS*, mas “ficha” apenas um trecho de interesse. É o caso de entrevista intitulada “Collete, rainha das letras francesas” (*NYHT*, 28 mar. 1950),³¹ feita por Campbell Kilduff com a escritora francesa Colette. Dos 26 parágrafos da entrevista, Rosa traduziu do inglês para o datiloscrito uma pequena parte sob o título “Nenhum gato é pardo”, criado por ele:

Nenhum gato é pardo

... Ela não tem ideia (nem sabe mais) quantos gatos já teve. Abana (sacode) a cabeça: -“Vocês, norte-americanos, têm a obsessão de estatística.” Ela não tem preferência por raças. Quando perguntada se já teve alguma vez um gato vagabundo, ela disse que tal coisa não existia. – “Todos os gatos são extraordinários, belos e interessantes.” (FJGR/IEB-USP, JGR-M-23,26A, p. 57)

Em 22 de outubro de 1950, o *France Dimanche* publicou notícia sobre três novos produtos lançados pela indústria de animais de estimação para gatos: árvores artificiais para amolarem as unhas, casinha plástica com camundongos mecânicos e uma maleta transparente para transporte. O *Le Figaro*, em notícia assinada por Yves Dartois, em 23 de novembro de 1950, repercute ação da Sociedade Protetora dos Animais junto aos hoteleiros de Paris para que hospedassem os cães de seus clientes, evitando que os animais fossem abandonados durante as férias.

As duas notícias estão entre os textos traduzidos por Guimarães Rosa para o *1950: Um ano zoológico*. O carinho de Rosa pelos gatos é conhecido. Ao leremos o *Diário de Paris*, constatamos que sua gata Xizinha é uma das protagonistas do documento, tendo mais menções que muitas pessoas do convívio do autor durante o período na França.³²

Em *1950 A*, contamos 25 menções a gatos (4%), sendo o quarto animal mais citado. Ficou atrás do cavalo, com 26 menções (5%), do gado, que reúne vacas, bois, touros, bezerros, novilhas, rês, com 37 (7%), e do cachorro, animal mais citado, com 53 citações (9%). Esta é a única das classificações em que optamos por não respeitar o total de textos de cada manuscrito. Ou seja, o 100% aqui não é regido pelos 360 textos de *1950 A* e 143 de *1950 B*. Como o objetivo

³¹ “Colette, queen of French Letters.”

³² Xizinha será objeto de seção específica do segundo capítulo desta dissertação.

é de aproximação deste material e muitos dos textos contam com a presença de mais de um animal, escolhemos os bichos como referencial da contagem. Assim, registramos 563 citações em *1950 A*, com uma variedade de 137 animais. Em *1950 B*, registramos 239 citações, com uma variedade de 98. Portanto, se um gato foi citado em dois textos diferentes, no nosso critério, houve duas menções a gatos e uma variedade de animal foi citada: gato. Agora, se a mesma notícia traz 10 vezes a palavra gato, cinco vezes cachorro e uma vez tartaruga, contamos uma referência a gato, uma a cachorro e uma a tartaruga. Interessa-nos ter uma ideia do universo zoológico do datiloscrito, e não fazer uma contagem estatística de termos.

Infográfico 4 – Os cinco animais mais presentes em *1950 A*



Infográfico 5 – Os cinco animais mais presentes em *1950 B*



Outro esclarecimento importante é o esforço de unificação para a geração de dados mais significativos, com o risco de alguma perda. Assim, escolhemos apenas um gênero para reunir determinada espécie. Portanto, se o documento traz menções a cachorros e cadelas, ambos estão classificados como cachorro. O mesmo ocorre quando nos deparamos com o termo *poodle* ou *coolie*. Em geral, referências ao *pedigree* estão em notícias em que a palavra cachorro já foi mencionada, mas, no caso de não ter sido, contamos como menção a cachorro, pois é sobre cachorro a notícia. O mesmo princípio vale para sinônimos e plurais: cão e cães também são contabilizados no grupo cachorro.

No caso de animais domésticos, a explicação é relativamente simples, mas quanto aos pássaros, em que há grande variedade de denominações, a classificação é bem mais delicada. Partimos do princípio de que este não é um estudo taxonômico, ornitológico, da biologia ou da zoologia. Assim, se um rouxinol é citado, ele entra na conta rouxinol. O mesmo ocorre para o beija-flor, a garça, a gaivota. Agora, em alguns casos, a notícia é sobre pássaros, mas só traz o genérico “pássaro”. Nesse caso, classificamos no grupo pássaro.

Situação semelhante ocorre com os peixes. Tem salmão, tem truta, tem tubarão, mas tem “peixe” genericamente também. Em outros casos, muito comum no caso dos pássaros, optamos por não entrar em um hiperdetalhamento. Portanto, as gralhas-calvas (*corvus frugilegus*) e as gralhas (*corvus monedula*) contam igualmente como gralhas. Com todas essas dificuldades taxonômicas em parte intrínsecas e em parte por falta de conhecimento nosso sobre o tema, construímos duas tabelas, constantes no Apêndice, com a lista completa dos animais citados e quantas vezes eles aparecem em *1950 A* e *1950 B*.

Para mitigar a dificuldade quanto à variedade de nomes com os quais os animais são citados, buscamos, também, reuni-los em classes, respeitando, *a priori*, a lógica taxonômica. A escolha não se mostrou tão mais simples como pensávamos. Isso porque animais muito diferentes pertencem todos a uma mesma classe: os mamíferos. Dessa forma, quando agrupamos felinos, roedores, cachorros, gado e baleias, sentimos que perdemos informações que poderiam facilitar a aproximação do material.

Gráfico 4 – Comparativo entre 1950 A x 1950 B por grupos de animais



Ser rigoroso quanto ao critério de classe significaria categorizar o tubarão como *Chondrichthyes* (peixes cartilaginosos). A truta, por sua vez, é da classe *Actinopterygii* (peixes com nadadeiras suportadas por “raios”). Optamos por reunir tubarões, trutas, salmões e sardinhas no grupo peixes.

O ideal, portanto, é cotejar as duas classificações: a dos animais (tabelas do Apêndice), em que se pode ver a quantidade de menções a ratos, leões, panteras etc., e a dos grupos (Gráfico 4) que, apesar da predominância dos mamíferos, trazem informações úteis sobre a presença de aves, insetos e peixes no datiloscrito.

Finalizamos aqui a descrição do datiloscrito e partimos agora para o capítulo de transição entre o documento *1950: Um ano zoológico* e as obras de Guimarães Rosa. Para essa travessia, nos concentraremos, na próxima seção, em alguns aspectos biográficos relevantes da vida do escritor, em busca de demonstrar quão peculiar e importante para a sua formação eram os bois de sua infância em Minas Gerais, seus animais de estimação, a relação com os zoológicos, a defesa dos direitos dos animais e a observação dos pássaros.

2 VIDA



Fotografia 1 – João Guimarães Rosa, Aracy Moebius de Carvalho e dois homens não identificados.
Paris, 1950³³

Este capítulo tem viés biográfico e pretende ser a ponte entre a primeira parte desta dissertação, de caráter arquivístico, em que descrevemos o documento *1950: Um ano zoológico*, e a terceira parte, de ambição arqueológica, em que buscaremos aproximar o datiloscrito e a obra rosiana. Não pretendemos traçar panorama completo da vida de Guimarães Rosa, nascido em 1908 e morto em 1967. Em vez disso, nos concentraremos em apresentar aspectos significativos da trajetória do escritor para a compreensão de sua peculiar relação com os animais. O ano de 1950 será o nosso norte temporal. As exceções em direção ao passado e ao futuro servirão para iluminar e contextualizar o presente definido pelo recorte da pesquisa.

E que presente seria esse?³⁴ Em 27 de junho de 1950, Guimarães Rosa completou 42 anos. Sua única obra publicada até então foi *Sagarana* (2001), cuja primeira edição é de 1946, que obteve relevante repercussão crítica.³⁵ O autor também já havia escrito *Magma* (1997), livro de poesias vencedor de concurso promovido pela Academia Brasileira de Letras, em 1936, mas que só foi publicado postumamente.

³³ Acervo Digital da Secretaria de Cultura de Minas Gerais disponível em:
https://acervodigital.secult.mg.gov.br/museu-casa-guimaraes-rosa-mcgr/184331-2/?order=ASC&orderby=date&perpage=12&search=0345&pos=0&source_list=collection&ref=%2Fmuseu-casa-guimaraes-rosa-mcgr%2F. Acesso em: 3 de fev. 2025.

³⁴ Os dados biográficos apresentados nesta seção introdutória do capítulo 2 podem ser consultados na cronologia publicada na 22ª edição de *Grande Sertão: Veredas* (2019, p. 515-543).

³⁵ Um pouco da repercussão crítica de *Sagarana* será mencionada no capítulo 3 desta dissertação.

A essa altura da vida, Rosa já havia abandonado a medicina, tendo 16 anos de carreira diplomática. Em 1938, foi nomeado para o seu primeiro posto no exterior, em Hamburgo, na Alemanha. Lá, vivenciou a Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1942, ano em que o governo de Getúlio Vargas rompeu relações com os países do Eixo. Depois de quatro meses confinado em Baden-Baden, após negociação de troca de diplomatas com a Alemanha, desembarcou no Brasil em julho de 1942, acompanhado de sua segunda esposa, Aracy Moebius de Carvalho.

Entre 1942 e 1944, Rosa serviu na embaixada brasileira em Bogotá, na Colômbia. Chegou a Paris em agosto de 1948, onde morou até fevereiro de 1951. Teve duas filhas, ambas do primeiro casamento, com Lígia Cabral Pena. Vilma, nascida em 1931, e Agnes, de 1934. A primogênita chegou a passar uma temporada em Paris. Aracy tinha um filho, Eduardo Carvalho Tess, nascido em 1929, fruto do seu primeiro casamento. Ele morava em São Paulo com a avó materna, Sida (Sidonie), que era alemã. O rapaz esteve um período com a mãe e o padrasto em Paris, em 1950.

Parte da rotina do casal na França está registrada no *Diário de Paris* e nas cartas que Rosa e Aracy trocavam com familiares e amigos. Dentre outros destinatários, Rosa se comunicava com o pai, Florduardo Pinto Rosa, as filhas e o primo Pedro Barbosa, que os visitou em 1950. Aracy se correspondia especialmente com a mãe. Esses arquivos, reportagens avulsas e algumas notícias de 1950: *Um ano zoológico* serão os nossos principais instrumentos para atravessarmos este capítulo.

Apesar dos suportes tecnológicos disponíveis para facilitar os estudos biográficos por meio da consulta de arquivo, este ainda é um método que demanda incontáveis horas de trabalho silencioso que nos remete ao ofício do artesão a costurar lentamente uma colcha de retalhos. É complexo no sentido etimológico do termo, conforme apresenta Edgar Morin (2015) ao tratar do conceito de complexidade. *Complexus*: é aquilo que é tecido junto. Assim, em um primeiro momento, Morin (2015) fala da complexidade como um tecido de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas. A complexidade lida com o paradoxo do uno e do múltiplo. “Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico” (Morin, 2015, p. 13). Não é demais lembrar que os estudos biográficos se dedicam à vida de pessoas, de natureza complexa, impossível de serem encaixadas confortavelmente numa única gaveta.

Essa tessitura será costurada a partir de sete partes, quais sejam: 2.1 *Álbum ZOOS*: exercício diário; 2.2 O zoológico enquanto refúgio; 2.3 A gata Xixinha; 2.4 Os bois da infância em Cordisburgo; 2.5 “O último dos maçaricos”; 2.6 “Fábulas de La Fontaine” e; 2.7 “O Bestiário Amoroso”.

2.1 *Álbum ZOOS*: exercício diário

Guimarães Rosa se empenhava diariamente ao longo de 1950 na captação de novos recortes sobre animais. Conforme descrito no capítulo 1, *1950: Um ano zoológico* reúne apenas notícias sobre animais. É, portanto, monotemático.³⁶ O *Álbum ZOOS*, por sua vez, fonte do datiloscrito, traz duas exceções dentre os seus 492 recortes. A primeira é uma notícia de 31 de janeiro de 1950 com o título: “Retorno a um tempo agradável e chuvoso”. Ao lado, o escritor escreveu à caneta em 1º de fevereiro: “Realmente ontem o dia foi melhor, bem menos frio, e hoje há um simples raiar de primavera”. O segundo recorte, do mesmo dia, traz novamente a previsão do tempo para a capital francesa.

As duas exceções e, em especial, a anotação do escritor à caneta chamam atenção, pois são típicas do *Diário de Paris*, que Guimarães Rosa produzia de forma concomitante à coleção de notícias sobre animais. É o caso de comentário meteorológico de 26 de janeiro de 1950 em que descreve uma bruma média “amarelenta” igual à véspera. Em seguida, se retifica. Registra que o dia não está tão frio quanto o anterior, que foi um dos de temperatura mais baixa do inverno. Essa intersecção de conteúdo entre o *Álbum ZOOS* e o *Diário de Paris* nos remeteu aos estudos de Philippe Lejeune (2015) sobre o exercício de escrever diários.

O diário pode significar por vários outros meios além do texto: o suporte, a tinta, a grafia, a paginação, enfeites e ilustrações fazem parte dos rastros que devem, no futuro, testemunhar o instante. Pouco ilustrado — essencialmente por desenhos — até o final do século XIX, o diário enriqueceu-se depois com fotos e, na segunda metade do século XX, alimentou-se com todos os signos que uma vida pode produzir ou coletar, tornando-se um relicário, uma bricolagem, um bazar, uma instalação. (Lejeune, 2015, p. 17)

³⁶ A exceção em *1950: Um ano zoológico* é uma notícia de 2 de maio de 1950, publicada na edição francesa do *New York Herald Tribune*: “Rosa tcheca pode suportar o frio intenso na Sibéria”. Para o datiloscrito, o escritor criou o título “A rosa dos gelos”. A matéria trata de uma nova espécie de rosa branca cultivada na então Tchecoslováquia. A rosa resiste a temperaturas abaixo de zero. Cada flor tem o formato de uma estrela de cinco pontas e, por isso, recebeu o nome de Estrela da Paz.

Frederico Camargo (2013) explica que o *Diário de Paris* é uma transcrição datilografada de registros manuscritos tomados em um ou mais suportes. De acordo com o pesquisador, isso permitiu a Rosa selecionar e alterar os registros a serem transcritos, fator que pode indicar menor espontaneidade das anotações. Esse passar a limpo também ocorre entre o *Álbum ZOOS*, a primeira e a segunda versão de 1950: *Um ano zoológico*. Lejeune (2015, p. 25), ao tratar de diaristas que passam dias sem atualizar seus diários e os retomam de uma vez chega a conclusão próxima à de Camargo sobre a versão “passada a limpo” do *Diário de Paris*: “Um dos problemas, então, é a percepção dos limites do ‘presente’, ou seja, do tempo para além do qual se passa do diário à autobiografia, da rasura autorizada à reconstrução: essa percepção pode ser muito variável, estrita ou elástica”.

O próprio Rosa reflete sobre os limites do presente em anotação de 9 de maio de 1950:³⁷ “Escrever diário é como deixar de fumar, para guardar bem a cinza do cigarro que se gastou aceso sozinho... Falta a distância”. Dois dias antes, em 7 de maio, anotou: “A ânsia de fixar no papel as minhas impressões priva-me de certo modo de gosar³⁸ do espetáculo do campo de tulipas. Mas não é avareza, é a necessidade de contar, transmitir a outros esta beleza. Estou sendo o escritor, e não o diarista”.

Outro aspecto que Lejeune (2015) levanta como algo comum entre diaristas é certo recálculo de rota durante o fazer diário. Metas e procedimentos preestabelecidos são revistos pelo autor, que acaba por modificar as regras do jogo.

As mutações, abandonos, retomadas, incoerências, lacunas, às vezes, são comentados pelo diarista quando ele “reassume o trabalho”, mas apresentam-se muitas vezes brutos sob o olhar de um leitor que não dispõe de outro recurso para compreender que não seja o de realizar, extratextualmente, pesquisas de ordem biográfica. Contrariamente a um preconceito estimulado pela retórica da sinceridade, se, por um lado, o diário esclarece um pouco a vida do autor, por outro, sobretudo, ele precisa ser esclarecido por ela. (Lejeune, 2015, p. 21)

Esses meta-comentários sobre o fazer diário são recorrentes no *Diário de Paris*. Em 7 de maio de 1950,³⁹ Guimarães Rosa fez a seguinte reflexão: “O diário (o ato de escrevê-lo) dá-me coragem, para a vida. Ponho grades entre mim e as feras. (Meu desprezo anterior para com diaristas e diários). É que, então, bem fraca era a minha vida interior”. Na mesma data registrou

³⁷ FJGR, IEB-USP, JGR-EO-01,03 [*Diário de Paris*], p. 72.

³⁸ Com “s” no original.

³⁹ FJGR, IEB-USP, JGR-EO-01,03 [*Diário de Paris*], p. 60.

ainda: “Esta minha tagarelice, de lua-de-mel com o diário, há de serenar-se”.⁴⁰ Em 9 de maio, parece já trabalhar nesse serenar e define novo objetivo para o diário:

Não se pode ser actor e espectador, simultaneamente. Devo despreocupar-me um pouco dêste NAUTIKON, mas sem esquecê-lo, com êle sempre à mão. O que devo fazer, isto sim, é anotar, inteiros, de vez em quando, dias-prova. Por exemplo: um dia ir anotando, passo a passo. Outra vez: isolar-me, fechar-me absolutamente, isto é, desligar-me, e tentar recompor a véspera. (Além disso, para um escritor, devo estar fazendo ótimos exercícios.) (O que pode parecer influência de Proust não o é. Sempre senti, espasmodicamente, a ânsia de ir fixando o tempo, o vivido.) (FJGR, IEB-USP, JGR-EO-01,03 [*Diário de Paris*], p. 74)

O ajuste do acordo consigo mesmo feito por Rosa e o destaque que dá ao seu “Nautikon” como exercício corrobora o que Lejeune (2015) afirma sobre o tema. O diário não é essencialmente uma obra, mas uma prática, tendo como finalidade a própria vida de quem o escreve.

O diarista começa a escrever seu diário enquanto vive, ao longo do dia. O diarista é um ruminante: vive como uma forma à espera de conteúdo. Tem seus esquemas, seus moldes de frases, de parágrafos — e seus cuidados e obsessões mobilizados. Seus projetos e seus roteiros. Certas coisas, e não outras, são aptas a fecundar esse aparelho. A gestação é inconsciente na maioria das vezes (mas nem sempre), e o parto é aparentemente rápido no papel. Fazer uma anotação é registrar o que foi composto na vivência. (Lejeune, 2015, p. 21)

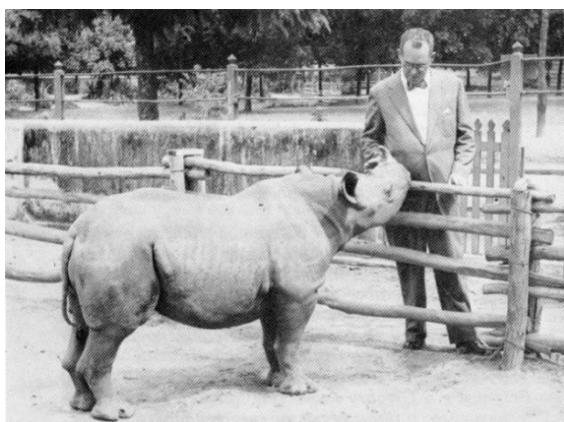
De acordo com Lejeune (2015, p. 33), o diário é escrito, primordialmente, para ser relido pelo seu autor, para recordar e, também, para avaliar o passado e julgar suas evoluções. Nesse sentido, em 9 de maio de 1950, Guimarães Rosa vê seu diário como “Reportagem de si mesmo” e, em seguida, escreve: “Contudo, creio que, se conseguisse filmar e taquigrafar e perregister todo, todinho, um dia meu, poderia servir-me de meditação (normativa) a vida inteira, todos os dias. Sempre haveria tanta matéria, para interpretação e descobertas. Tudo tem algo por baixo”.⁴¹

⁴⁰ *Ibidem*, p. 61.

⁴¹ FJGR, IEB-USP, JGR-EO-01,03 [*Diário de Paris*], p. 73.

Lejeune (2015, p. 14) percebe no exercício do diário uma estética de “fragmentação, da repetição e da acumulação”. Essa forma de ver o diário interessa a esta pesquisa de forma geral, mas será especialmente útil no capítulo 3. Por ora, a partir da reflexão sobre a prática do diário, adentremos no zoológico particular de Guimarães Rosa.

2.2 O zoológico enquanto refúgio



Fotografia 2 – Guimarães Rosa acaricia um rinoceronte no Jardim Zoológico da Quinta da Boa Vista. Rio de Janeiro, 1957. (Arquivo Público Mineiro/Acervo DIMUS)⁴²

No domingo, 14 de maio de 1950, Guimarães Rosa visitou o zoológico de Vincennes pela manhã. Às 13h30, encontraria Aracy numa exposição de gatos, para, em seguida, almoçarem juntos em Paris.⁴³ No *Diário de Paris*, há mais três registros de passeios assim, todos eles aos domingos. Rosa voltou a Vincennes em 16 de julho.⁴⁴ No dia 30 do mesmo mês, esteve no *Jardin des Plantes*, jardim botânico de Paris, parte do Museu Nacional de História Natural,⁴⁵ aonde voltou em 20 de agosto.⁴⁶

Os passeios aos zoológicos já eram hábito do escritor antes de Paris. Em entrevista concedida a Ascendino Leite (1946 *apud* Borisow, 2005, p. 13), Guimarães Rosa contou que se refugiava no Zoológico de Hamburgo, principalmente, nos dias das vitórias nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Fugia “dos aparelhos de rádio que bradavam, com fanfarra, notícias

⁴² Acervo Digital da Secretaria de Cultura de Minas Gerais disponível em:
https://acervodigital.secult.mg.gov.br/museu-casa-guimaraes-rosa-mcgr/184337-2/?order=ASC&orderby=date&perpage=12&pos=41&source_list=collection&ref=%2Fmuseu-casa-guimaraes-rosa-mcgr%2F. Acesso em: 3 de fev. 2025.

⁴³ FJGR, IEB-USP, JGR-EO-01,03 [*Diário de Paris*], p. 87.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 98.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 99.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 101.

capazes de aleijar-lhe a alma”. É do pórtico do Zoológico de Hamburgo que Rosa tirou a frase que está em *Ave, Palavra* (2009, p. 163): “Amar os animais é aprendizado de humanidade”.

Em *Relembamentos: João Guimarães Rosa, meu pai* (1999, p. 138), a filha Vilma Guimarães Rosa também registrou o gosto do escritor por passear no zoológico, onde observava e desenhava os animais: “Quando eu viajava, e perguntava-lhe se queria alguma encomenda, ele me pedia o livreto do Zoo, obrigando-me, assim, a uma visita”.

As anotações que fazia nas visitas aos zoológicos renderam textos publicados originalmente em jornais entre 1947 e 1967 e, postumamente, reunidos em *Ave, Palavra*, cuja primeira edição foi publicada em 1970. Os textos são “Aquário (Berlim)”,⁴⁷ “Zoo (Whipsnade Park, Londres)”,⁴⁸ “Zoo (Rio, Quinta da Boa Vista)”;⁴⁹ “Zoo (Hagenbecks Tierpark, Hamburgo-Stellingen)”,⁵⁰ Aquário (Nápoles),⁵¹ “Zoo (Jardin de Plantes)”,⁵² e “Zoo (Parc Zoologique du Bois de Vincennes)”.⁵³

No artigo “Outros ZOOS: afetividade e poética dos animais de *Ave, Palavra*” (2010), Vitor Borysow defende que as imagens literárias criadas por Guimarães Rosa mais próximas do Álbum *ZOOS* e de 1950: *Um ano zoológico* são as descritas na série “Zoo” de *Ave, Palavra*.⁵⁴ Borysow (2010) descreve o livro como uma miscelânea de contos, notas de viagem, relatos de diário, poesias, flagrantes, reportagens poéticas e meditações.

Apesar das aproximações temáticas acima referidas, a pesquisa não encontrou evidências textuais que denunciem a participação direta dos textos jornalísticos do álbum no processo de criação dos “Zoo”, mas ainda assim, pode afirmar que todos participam de um mesmo campo de preocupações do escritor quanto ao que ele considerava literatura ou digno de participar de sua literatura. (Borysow, 2010, p. 85)

Para Borysow (2010), o enredo desses textos pode ser resumido como um passeio pelo jardim zoológico, por meio de uma enunciação fragmentada, formada pela acumulação de

⁴⁷ Publicado no periódico médico *Pulso* em 18 de fevereiro de 1967.

⁴⁸ Publicado no *Pulso* em 7 de janeiro de 1967.

⁴⁹ Publicado no *Pulso* em 1º de abril de 1967.

⁵⁰ Borysow (2010, p. 89) explica que são dois textos com o mesmo título. A primeira parte foi publicada em 11 de março de 1961, no jornal *O Globo*. A segunda parte foi publicada no *Pulso*, em 29 de abril de 1967. Para Borysow, apesar de distintos, os dois podem ser tomados como uma sequência pois, no segundo texto, o autor dá continuidade à descrição de alguns animais iniciada no primeiro.

⁵¹ Publicado duas vezes antes de *Ave, Palavra*. A primeira no suplemento “Letras e Artes”, do jornal *A Manhã*, em 11 de maio de 1954. A segunda, no *Correio da Manhã*, em 21 de dezembro de 1957.

⁵² Publicado no jornal *O Globo*, em 24 de junho de 1961.

⁵³ Publicado no *O Globo*, em 29 de abril de 1961.

⁵⁴ A série “Zoo” faz referência ao conjunto de textos de *Ave, Palavra* já citados nesta seção que têm como tema os zoológicos visitados por Rosa. Não confundir com o Álbum *ZOOS*, caderno com os 492 recortes de jornal colecionados pelo escritor que é a fonte das notícias transcritas para o datiloscrito 1950: *Um ano zoológico*.

descrições de animais. No entendimento do pesquisador, a estrutura de colagem do *Álbum ZOOS* gera efeito semelhante, como se o leitor fosse um visitante a colher impressões de jaula em jaula. As tensões entre natureza e cultura, que, na avaliação de Borysow (2010), são a tônica dos recortes de jornais colecionados por Rosa em 1950, também podem ser observadas em *Ave, Palavra*.

Com o objetivo de testar a proximidade entre esses dois universos, os próximos parágrafos serão estruturados em duas partes. A primeira trará exemplo de notícia retirada de 1950: *Um ano zoológico*, oriunda de um dos parques públicos que compõem *Ave, Palavra*. A segunda parte reunirá alguns dos aforismos de Guimarães Rosas para os textos intitulados com os nomes desses locais.

Comecemos com notícia da United Press publicada no jornal *A Noite*, em 25 de agosto de 1950. A matéria conta a história de um “peixe-sol” morto enquanto era transportado do mar em Nova Jersey para o aquário da Filadélfia, apesar das tentativas de reanimar o animal por respiração artificial. Em *Ave, Palavra*, temos dois aquários. No de Berlim, Guimarães Rosa incluiu frases bem-humoradas, como: “São peixes até debaixo d’água...” (Rosa, 2009, p. 62); “O bagre tem sempre as barbas de molho” (p. 63); “O polvo se embrenha em seu despenteado: desmedusa-se” (p. 63) e; “O marisco em ostracismo” (p. 63). O Aquário de Nápoles traz outra porção de aforismos marítimos, a exemplo de: “Onde está uma concha, está o fundo do mar” (p. 228); “Só não existe remédio é para a sede do peixe” (p. 229); “O caramujo no seu ujo, e o caranguejo, ejo” (p. 230); “O peixe vive pela boca” (p. 231).

Em 1950: *Um ano zoológico*, Guimarães Rosa criou o título “Ama canina para bebês ursos” para a transcrição de notícia da Associated Press publicada na edição parisiense do *New York Herald Tribune*, em 1º de fevereiro de 1950. A matéria fala de iniciativa do Zoológico de Whipsnade, em Londres, que lançou um apelo por rádio procurando duas cadelas para adotarem uma ninhada de filhotes de urso recém-nascidos. A ninhada anterior havia morrido de desnutrição. O “Zoo (Whipsnade Park, Londres)” também está em *Ave, Palavra*. É nele que podemos encontrar fragmentos como: “Girafa – a indecapitável a olho nu” (p. 97); “Todo cavalo, de perfil, é egípcio. (Aquela cara que se projeta)” (p. 99); “A massa principal: elefante. Um volume fechado: rinoceronte. O amorfo arremedado: hipopótamo” (p. 99).

O jornal *A Noite*, de 28 de julho de 1950, traz notícia sobre a chegada de urso preto à Quinta da Boa Vista, vindo do Zoológico de Paris, onde nasceu. O urso faria par com “Mademoiselle Giselle”, fêmea da mesma raça que já vivia no Rio de Janeiro. Por sua vez, o

texto “Zoo (Rio, Quinta da Boa Vista)” reúne aforismos como: “A cigarra cheia de ci” (p. 134) e “Será o tamanduá bandeira a verdadeira mula-sem-cabeça?” (p. 134).



Fotografia 3 – Guimarães Rosa toma nota em sua caderneta diante da jaula dos tamanduás, no Zoológico da Quinta da Boa Vista. Rio de Janeiro, 1957. (Arquivo Público Mineiro/Acervo DIMUS)⁵⁵

O *Le Figaro* de 28 de setembro de 1950 traz a notícia “Quinze beija-flores vindos do Brasil chegaram ao Jardin des Plantes, em Paris”, que descreve a dieta dos animais e as tentativas anteriores de transporte de beija-flores por avião.⁵⁶ O “Zoo (Jardin de Plantes)” de Ave, *Palavra* narra a “paixão e morte” do ratinho branco,⁵⁷ preso na gaiola de uma cascavel. A história fica quase que camouflada, intercalada entre outros aforismos. Mas, quando as seis partes mais explicitamente ligadas ao mesmo enredo são reunidas em sequência, a narrativa se apresenta assim:

Uma cascavel, nas encolhas. Sua massa infame. Crime: prenderam, na gaiola da cascavel, um ratinho branco. O pobrinho se comprime num dos cantos do alto da parede de tela, no lugar mais longe que pôde. Olha para fora, transido, arrepiado, não ousando choramingar. Periodicamente, treme. A cobra ainda dorme. [...] Perdoar uma cascavel: exercício de santidade. [...] Pela cascavel, por transparência, vê-se o pecado mortal. [...] Meu Deus, que pelo menos a morte do ratinho branco seja instantânea! [...] Tenho de subornar um guarda, para que liberte o ratinho branco da jaula da cascavel. Talvez ainda não seja tarde. [...] Mas, ainda que eu salve o ratinho branco, outro terá de morrer em seu lugar. E, deste outro, terei sido eu o culpado. (Rosa, 2009, p. 279, 280, 281, 282, 283, 284)

⁵⁵ Acervo Digital da Secretaria de Cultura de Minas Gerais disponível em: https://acervodigital.secult.mg.gov.br/museu-casa-guimaraes-rosa-mcgr/184336-2/?order=ASC&orderby=date&perpage=12&pos=42&source_list=collection&ref=%2Fmuseu-casa-guimaraes-rosa-mcgr%2F. Acesso em: 3 de fev. 2025.

⁵⁶ A notícia será analisada com mais detalhes no capítulo 3.

⁵⁷ Foi como Benavides batizou esse pequeno enredo (1987 *apud* Borisow, 2010, p. 93).

Um jornal francês publicou, em 18 de agosto de 1950, notícia sobre a chegada de novos animais ao Jardim Zoológico de Vincennes, vindos de navio da África: três avestruzes, 13 antílopes, um marabu, duas águias, uma pantera, um chipanzé e 12 crocodilos. O “Zoo (Parc Zoologique du Bois de Vincennes)” é o último dos parques públicos que dão nome a textos de Ave, Palavra. Nele podemos ler: “Dromedário: ser piramidal” (p. 319); “O macaco é social demais, para poder valer” (p. 319); “A massa dura de um tigre. Sua máscara de pajé tatuado” (p. 319); “Vê-se: o rinoceronte inteiro maciço, recheado de chumbo verde” (p. 320).

Apenas do “Zoo (Hagenbecks Tierpark, Hamburgo-Stellingen)” não temos alguma notícia em 1950: *Um ano zoológico*. O mais próximo que chegamos dele foi por meio do *Le Journal du Dimanche*, de 28 de agosto de 1950, que conta a história insólita de um criador de víboras de Hamburgo que cansou de aguardar autorização para construção de serpentário. Quando a autorização foi concedida, ele já havia libertado alguns dos animais.

Está no “Zoo (Hagenbecks Tierpark, Hamburgo-Stellingen)” o aforismo “Se todo animal inspira sempre ternura, que houve, então com o homem?” (p. 165), que dialoga diretamente com esta pesquisa. Lá também podemos ler: “O dromedário apesar-de. O camelo, além de. A girafa, sobretudo” (p. 166). No mesmo texto, Rosa incluiu lista dos 10 animais a levar para uma ilha deserta: “o gato, o cão, o boi, o papagaio, o peru, o sabiá, o burrinho, o vaga-lume, o esquilo e a borboleta” (p. 168). Os gatos, primeiros desse rol de animais mencionados por Guimarães Rosa, são, justamente, o tema da próxima seção deste capítulo. Começaremos pela história de uma gata em particular: Xizinha.

2.3 A gata Xizinha



Fotografia 4 – Xizinha de Keram. Rio de Janeiro, 1953.

Pela recorrência de menções, a gata Xizinha é certamente uma das protagonistas do *Diário de Paris*, considerando tanto bichos quanto seres humanos. Comprada numa *chatterie* parisiense, entre março e abril de 1949,⁵⁸ o apuro da raça da bichana envaidecia Guimarães Rosa, que participava do Cat-Club de Paris,⁵⁹ prestigiava salões de exposições de gatos de raça e valorizava questões ligadas ao *pedigree*.

Na carta ao primo Pedro Barbosa,⁶⁰ em que apresentou a nova integrante da família, Rosa explicou a razão do nome atípico. Os gatos de raça nascidos no mesmo ano tinham que ser registrados com a mesma letra inicial. Em 1950, estava na vez da letra “x”. Caso fosse um macho, a avaliação era de que a definição do nome seria mais fácil. Poderia batizá-lo de Xerxes, Xá ou Xavier. Como se tratava de uma fêmea, a tarefa se tornava mais desafiadora. Ele queria evitar um nome pedante ou complicado. Tinha preferência por algum com a sonoridade em “i”, pois achava que gatos gostavam de nomes agudos, que lembrassem um miado.

A partir dessas premissas, ao desdobrar a ideia de “Mademoiselle X ou a pequena X”, chegou em Xizinha, Xizinha de Keram. O sobrenome devia conservar o nome oficial da *chatterie*. A gatinha era filha de Thonhill Blue Boy (gato inglês) e Tai-Kia de Escualduna, francesa. Rosa terminou o relato ao primo informando que registraria Xizinha no Cat-Club de Paris e no “Governing Council of the Cat Fancy”, de Londres. Sem termos condições de saber se era uma intenção real ou uma anedota, o escritor disse a Barbosa que os registros seriam importantes para a sua futura *chatterie*: “de Rosa”.

Em 1953, o repórter Carlos de Laet⁶¹ publicou matéria com Guimarães Rosa, que tinha fama de ser avesso a entrevistas. O texto deixa implícito que o escritor aceitou receber a equipe de *Flan: o jornal da semana* sob a condição de a pauta focar em seus gatos. As tentativas de arrancar alguma informação sobre a obra literária do autor eram interrompidas por Rosa, que relembrava o trato feito previamente: “Você deve falar mais sobre o gato, que é sempre mais interessante que a gente. O gato é um injustiçado. Ao contrário do que se imagina, ele é afetuoso, mas como é um introvertido, não faz estardalhaço do seu sentimentalismo”. Em outro

⁵⁸ Em um sábado, 21 de maio de 1949, em Paris, Guimarães Rosa escreveu carta ao primo Pedro Barbosa em que contava a novidade: havia comprado uma gata: “Compramos uma gatinha (persa azul), que é um amor. Tem magnifico pedigree e esta ainda (um mês de idade), tem de ficar mais três semanas na casa da criadora, mas temos ido visitá-la”. De todo modo, a reportagem de *Flan: O Jornal da Semana*, de 1953, informa que a gata nasceu em março de 1949. (Rosa, 1934-1967, Rosa a P. M. Barbosa, 21 maio, 1949).

⁵⁹ Rosa frequentava exposições felinas do Cat-Club de Paris e guardava seus catálogos (FJGR/IEB-USP, JGR-PA-11,03).

⁶⁰ Rosa, 1934-1967, Rosa a P. M. Barbosa, 21 maio, 1949.

⁶¹ Há títulos e brasões também no mundo dos bichanos. *Flan: o jornal da semana*, n. 10, 14 jun. 1953.

Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=100331&pagfis=305>. Acesso em: 4 fev. 2025.

momento da matéria, o jornalista registra: “Mais uma vez diante de um certo laconismo às respostas, estava patenteado que os gatos, os lindos persas azuis de olhos cor de ouro, deveriam ser o ‘clímax’ da reportagem”.

Rendido pelo rigor do entrevistado, o repórter voltou a se dedicar aos felinos. “Contou-nos o casal Guimarães Rosa que o gato é dos poucos animais que aprecia e cheira as flores, que escolhe os lugares mais bonitos da casa, que distingue os tapetes verdadeiros dos falsos, que tem desgosto pela sujeira e que precisa do carinho de seus donos”.

Aracy definiu Xizinha como uma “lady” desdenhosa para Laet: “Não come na cozinha, não gosta dos empregados, só come no prato e na sala com o chão forrado por um guardanapo, só gosta dos donos”. Essa antropomorfização da gata também aparece em correspondência de Guimarães Rosa à filha Agnes, de 4 de outubro de 1949.

A Xizinha é que, apesar de muito bonita e inteligente, ainda não se iniciou nas primeiras lêtras, não obstante só ganhar comida com o pires em cima de um jornal, para tomar gôsto pelas coisas do espírito. Ela está muito *chic*, e só bebe água no copo, depois experimenta morder o copo. Aliás, sempre que vai beber, não vê direito o nível da água, molha o narizinho, e dá um espirro, pulando para trás. É notável. (Rosa, 1999, p. 271-272).

Em outra correspondência a Agnes (Rosa, 1999, p. 279), de 29 de maio de 1950, o pai afirma que é com Xizinha que mais fala sobre a filha e que a caçula iria gostar de conhecê-la. Na mesma carta, Rosa compara Xizinha a um cachorro, pelo jeito afetuoso como se relaciona com os donos. Conta que a gata não gosta de ficar sozinha e acompanha os moradores da casa para todo canto, miando e chamando para brincar. Rosa lista os brinquedos: seis bolas de pingue-pongue, um ursinho de pano, uma velha chupeta e uma pata de coelho, que é periodicamente renovada no açougue. “Pois ela gosta que se jogue longe a patinha de coelho, principalmente de modo que caia atrás do sofá, e ela corre e vai buscá-la, trazendo na boca. Um cachorrinho!”.

Na leitura do *Diário de Paris*, são recorrentes trechos em que Guimarães Rosa demonstra o cuidado e a importância que dá ao bem-estar de Xizinha. O carinho fica evidente em momentos de cio da gata. Em 9 de agosto de 1950,⁶² toma nota: “XIZINHA⁶³ no cio. Nos meus braços. Se aninha. Se falo, ela faz um *nhein* fraco, mexe com o narizinho. Deita-se no chão, espichada, de barriga para cima. Parece que quer falar uma coisa, com Ara”. No ano

⁶² FJGR, IEB-USP, JGR-EO-01,03 [*Diário de Paris*], p. 102.

⁶³ Em caixa-alta no original.

seguinte, em nota de 12 de janeiro de 1951, indica o início de mais um período de comportamento alterado da bichana: “Xizinha me recebe com sua graciosa esfregação ronrorante. Está naquele meio-cio”.

Guimarães Rosa registrou em seu diário a manhã de uma terça-feira, 7 de março de 1950: “Bom despertar. Com Xizinha em meu ombro, abro a porta, pois estava perto quando a campainha tocou. Era a *Concièrge*, Madame Cavé, com sua ‘Chiffonnette’, ao ombro também”.⁶⁴ Em 18 de abril,⁶⁵ Rosa anota: “Xizinha – Com um jornal, consigo-a junto de mim. Faço isso, há 2 noites. Tem havido muito frio”.

Três meses depois, com a chegada do verão, o clima em Paris mudou, mas a atenção à gatinha permanecia a mesma. Em carta ao primo Pedro Barbosa, de 27 de julho,⁶⁶ o autor celebra o bom tempo: “Pedrão, Paris está clara, quente, veranosa. Custou para escurecer, e lá fora a noite está azul como nas poesias. Cá dentro, Xizinha pula no meio da sala, mordendo e arrastando uma gravata, que lhe emprestei para brincar um pouco”. No primeiro domingo de setembro de 1950, dia 3,⁶⁷ Guimarães Rosa a compara a uma ave: “À noite: Xizinha escuta-me assoviar (Minueto de Mozart) e vem, curiosa, atentíssima (pensando que é passarinho)”.

A quantidade e a qualidade das menções a Xizinha no *Diário de Paris* nos permitiu fazer o recorte da intimidade de Guimarães Rosa com a gata ao longo de uma semana completa, entre 4 e 10 de maio de 1950. O exercício de edição resultou em conteúdo que poderia ser nomeado “Diário de Xizinha em Paris”, conforme apresentamos a seguir.

Quinta-feira, 4 de maio de 1950:⁶⁸ Fomos hoje à noite, com Xizinha, à casa de Madame Destrem. Xizinha-II, a abissínia, e Xizinha se cheiraram e reconheceram. Xizinha estranhou muito os dois filhotes de Xizinha-II, que galopinavam e miavam. A Tout-Petit = parece grávida; Tai-Kia = no cio; U'Lilou = sempre simpática.

Sexta-feira, 5 de maio: À noite. Xizinha espera, para jantar. Meu jornal caiu, ela se pôs em cima, como se já fôsse⁶⁹ a sua “mesinha”.

Sábado, 6 de maio: Xizinha vomitou, à noite. Não queria jantar, Angela insistiu. Vomitou vermes (áscaris). Deprimidinha. Bicarbonato com água. Foi deitar-se aos pés da minha cama. Angela⁷⁰ acendeu, duas vezes, fogo, no fogão do studio, porque eu sentia muito frio.

⁶⁴ Chiffonnette era o nome da gata de Madame Cavé.

⁶⁵ FJGR, IEB-USP, JGR-EO-01,03 [*Diário de Paris*], p. 56.

⁶⁶ Rosa, 1934-1967, Rosa a P. M. Barbosa, 27 julho, 1950.

⁶⁷ O *Diário de Paris* traz a data 3.VIII.50. Duas informações do documento nos fizeram entender que é um erro datilográfico: (i) Há uma sequência de anotações de dias seguidos anteriores que começam em 27 de agosto e terminam em 2 de setembro; (ii) Guimarães Rosa registra que é domingo. 3 de agosto de 1950 caiu na quinta-feira, mas 3 de setembro, sim.

⁶⁸ No *Diário de Paris* a anotação está depois do dia 5 de maio.

⁶⁹ Neste e nos demais casos entre aspas, mantivemos a acentuação, a grafia e a pontuação do original.

⁷⁰ Angela era a empregada doméstica da família.

Domingo, 7 de maio: Levantar cêdo. Ida a Chantilly e Pierrefonds, com ara⁷¹ e Mariazinha Frias, conforme combinado. Xizinha sem apetite, deprimidinha. Tomou óleo de parafina. Não comeu. [...] XIZINHA nos esperava à porta. Miou. Miitou. Trouxemos capim para ela, colhido a beira da estrada. Comeu. [...] Abrimos o (capim) jornal no chão, com o capim. Ara, de joelhos, segurava os feixes. Xizinha chega seu rostinho ao capim, acaricia-o. Começa a comer de lado, com estalidos. (Xizinha herbívora.) Quase não quis jantar, depois, apesar de ter esperado com impaciência seu jantaréco.

Segunda-feira, 8 de maio: Ontem, febril excitado, entusiasmado, feliz, trabalhei à noite (Dic. Latino). Custava-me a idéia de ir para a cama. (O barulho de Xizinha, pulando do sofá para seguir Ara ao banheiro). Entretanto, impus-me ir para a cama às 12h e meia. Pus o despertador para as 8. Regular as horas de sono! [...] Angela torna a chamar. Digo-lhe que ela mesma dê a comidinha de Xizinha, e é grande a alegria de que me privo. Fico mais. Penso – hoje queria ir mais cedo à Embaixada, onde assuntos me esperam. Fico. Enfim, ouvindo outros e outros ruídos de vida desperta, ergo-me. Perdi quase 2 horas. Não: o principal é a necessidade de algum ascetismo, de qualquer lado ou modo que seja! Tomo café. Leio “Le Figaro”. Vou para barbear-me. Busco Xizinha. Está na mesa da cozinha, onde espera que Angela ou Ara venham (voltem). Pego-a. Mia (primeiro, fingiu não ver-me.) Beijo-a e, voltando caminho, torno a pô-la na mesa. Não será + assistenta”, hoje. Levinha, carinha afinada, não está bem. Pergunto. Quase não comeu, hoje. Penso que temos de leva-la ao veterinário. Daí a pouco, está ela acompanhando Angela, enquanto esta arruma as camas.

Terça-feira, 9 de maio: Levantei, sem despertador, só com a cortina aberta e o chamado de Angela, às 8hs.30'. O tempo que fiquei na cama, foi quase que voluntariamente. Me alegra que esteja mais quente, um pouco, hoje. Xizinha não tinha querido comer. Fico bem um quarto de hora com ela no braço. Ronrona, ronrona. Angela diz que ela teve saudades de mim, durante a noite. Levo-a à janela que dá para a rua: seu “cineminha”. Leve, quentinha, cheirosa, é como um meu coração externo, contra meu peito. Sua curiosidade infantil, para com os automóveis. Amorzinho. Felpudo. Sempre se interessa. [...] Por que “sozinho a bordo”, se tenho Ara, Xizinha, os colegas? Porque todo homem tem a parte térea e a parte oceânica. Nessa é que (Nautikon) [?] ele está sempre sozinho. Sozinho? E... Deus? Com Deus coexistem os deuses. [...] Não pude esperar o veterinário que vem ver Xizinha. Na porta cruzo com um velho que chega. Ar bondoso. Gostaria que êle fôsse o veterinário.

Quarta-feira, 10 de maio: A Concierge e sua irmã: Mme. Cavé e Mme. Hée. Suas gatas: Chiffonnette e Blondie. Mme. Cavé, na escada, pede notícias de Xizinha. (Diário de Paris, 1950, p. 56, 57, 67, 69, 71, 75, 79)

O *Diário de Paris* se encerra junto com o fim da passagem de Guimarães Rosa pela Embaixada do Brasil na França, em fevereiro de 1951. Em um dos últimos registros, datado de 11 de fevereiro,⁷² um domingo, Guimarães Rosa celebra a chegada de seu novo gatinho: Yogi. Se 1950 foi o ano do “x”, de Xizinha, 1951 é o ano do “y”, de Yogi, resumido pelo escritor como corajoso, limpo e comilão. No dia a dia, era chamado pelos apelidos *Tout-Petit*, *Chouchou*

⁷¹ Com letra minúscula no original.

⁷² FJGR, IEB-USP, JGR-EO-01,03 [*Diário de Paris*], p. 119.

e Joãozinho. Se Xizinha era uma “lady desdenhosa”, Yogi tinha personalidade oposta: “Nunca se zangou nem protestou contra coisa alguma. É, de fato, um ‘iogue’. Aceita todas as situações, desde que coma. Simpatiza com todos. Não tem luxo e tem muito bom caráter. É uma boa ‘pessoa’. Tem alma de proletário”.⁷³

O novo membro da família não teve recepção equânime de todos na casa. Em 13 de fevereiro de 1951,⁷⁴ Guimarães Rosa observou o comportamento da primogênita em relação ao caçula: “Será que é pelas coisas más que os bichos se humanizam? Pelo pecado? (O ciúme tôrvo de Xizinha, por causa do Yogi(zinho)”).

Yogi e Xizinha foram levados por Guimarães Rosa e Aracy na mudança de volta para o Rio de Janeiro. O casal de gatos parisienses gerou Boy de Rosa, o Boyzinho, um carioca. De acordo com a reportagem de Laet (1953), o nome é uma fórmula do escritor para conciliar seus animais prediletos: o gato e o boi.



Fotografia 5 – João Guimarães Rosa e Aracy Moebius de Carvalho seguram sete gatos no sofá.
Rio de Janeiro, 1951⁷⁵

Antes, depois e concomitantemente ao *Álbum ZOOS*, Guimarães Rosa colecionou recortes avulsos de jornais e revistas sobre animais, como é possível constatar em consulta à série “Universo de Interesses” do Fundo JGR, do IEB-USP. Há, inclusive, uma pasta chamada “Gatos”, com 125 itens. Um deles traz coluna assinada por D’Elian J. Finbert com o nome *Le Bestiaire Anecdotique*,⁷⁶ publicada na edição de março de 1950 da revista *Sciences et*

⁷³ Trecho da já citada reportagem a Laet (1953, p. 19).

⁷⁴ FJGR, IEB-USP, JGR-EO-01,03 [Diário de Paris], p. 119.

⁷⁵ Acervo Digital da Secretaria de Cultura de Minas Gerais disponível em:
https://acervodigital.secult.mg.gov.br/museu-casa-guimaraes-rosa-mcgr/184333-2/?order=ASC&orderby=date&perpage=12&pos=32&source_list=collection&ref=%2Fmuseu-casa-guimaraes-rosa-mcgr%2F. Acesso em: 3 de fev. 2025.

⁷⁶ *O Bestiário Anedótico* (tradução nossa).

Voyages.⁷⁷ O colunista relata almoço que fez num restaurante próximo ao porto de Marselha, no Mediterrâneo francês. O lugar estava cheio. Ele notou um cachorro vira-lata que passava de mesa em mesa sem ter a atenção de ninguém. Quando o cão parou à sua frente, deu um pedaço da salsicha que estava comendo, o que parece ter surpreendido o animal. O cachorro foi embora, mas voltou alguns instantes depois com um parceiro com aparência tão miserável quanto a dele. Dessa vez, ignoraram as demais mesas e foram diretamente ao jornalista. Comovido, alimentou também o segundo cão. Os dois saíram satisfeitos, trotando pelo restaurante. Quando Finbert se preparava para sair do lugar, avistou novamente a dupla, dessa vez acompanhada por um terceiro elemento: uma gata branca muita suja, com a cauda cortada ao meio. Os três olharam seriamente para o colunista, esperando mais uma vez que os alimentasse, mas dessa vez ele foi embora sem atendê-los.

Em correspondência de 4 de outubro de 1949, endereçada à filha mais nova, Agnes, Guimarães Rosa (Rosa, 1999, p. 273) diz ter tomado conhecimento do interesse da caçula em colecionar retratos e figuras de gatos. Animado com o novo *hobby* da garota, previu inaugurem juntos em breve “um serviço de permuta de duplicatas.” Dez meses depois, em carta de 19 de agosto de 1950, o escritor (Rosa, 1999, p. 283) conta que está guardando retratos e desenhos de gatos para Agnes, mas que só os entregaria pessoalmente quando voltasse ao Rio de Janeiro.

Além de Xizinha, Yogi (*Tout-Petit*) e Boyzinho, Rosa tinha mais duas gatas em São Paulo, Mica e Mitzi, que eram criadas pela sogra, Sida Moebius.⁷⁸ De volta ao Brasil, um dos seus animais domésticos chamava-se Louro, papagaio adquirido no médio São Francisco, numa vaquejada (Laet, 1953). Guimarães Rosa teve também um cachorro: Sung. Em carta de 10 de junho de 1966, enviada ao colega embaixador Paulo Campos de Oliveira (Rosa, 1999, p. 369), que havia acabado de perder Mini, sua cadela de estimação, o escritor relata com bastante emoção a saudade que sentia de Sung e, também, do gato *Tout-Petit*. O trecho revela, ainda, a convicção do autor sobre a alma dos animais, traço biográfico de Guimarães Rosa dos mais relevantes para esta pesquisa.

⁷⁷ Edição digitalizada *Sciences et Voyages* (março/1950) disponível em: <https://issuu.com/scduag/docs/ork12132>. Acesso em: 7 fev. 2025.

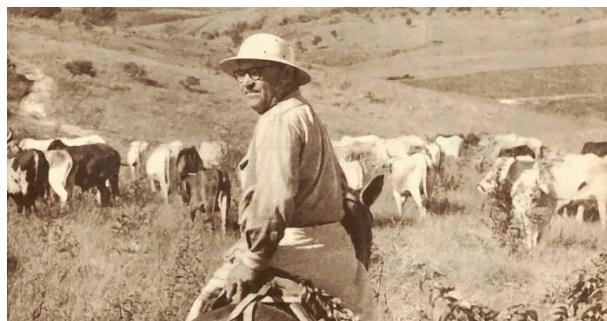
⁷⁸ As duas gatas são mencionadas em várias correspondências da época, como é o caso de carta de Aracy para a mãe, datada de 27 de dezembro de 1950 (Acervo Aracy de Carvalho Guimarães Rosa: Cx2,1-054/157-11).

Você fêz muito bem em escrever-me. Nem sei de carta que tão inteira e diretamente me tenha vindo mais ao coração. Compreendo o que vocês estarão sentindo. Dói muito, Paulinho. E a gente não esquece – nunca. Apenas, com o tempo, a saudade vai ficando mais suave e calma; mas, tem horas, torna a apertar. Meu SUNGUINHO está no Cemiteriozinho dêles, perto da Quinta da Boa Vista, e lá vou, sempre, ao menos uma vez por mês, para um preito de carinho. E o Tout-Petit, morto há 13 anos, também vige e machuca, na memória mais sentida. *Mas eu creio, firmemente, que os animais têm alma, e que, algum dia, sob não sei que forma, havemos de rever os nossos – aos quais o amor desinteressado uniu, e, ainda mais, talvez, o sofrimento.* Assim, a gente se consola. (Rosa, 1999, p. 369, grifo nosso)

No livro *O manifesto das espécies companheiras*, Donna Haraway (2021) trata do amor entre tutores e animais, o qual define como uma forte infecção de desenvolvimento, uma aberração histórica e um legado natural-cultural. Haraway (2021, p. 10) começa seu manifesto com uma confissão sobre a cumplicidade e o aprendizado mútuo entre ela e sua cadela-companheira sra. Cayenne Pepper: “Tivemos conversas proibidas; tivemos trocas orais; somos obrigadas a contar histórias e mais histórias compostas apenas de fatos. Estamos treinando uma à outra em atos comunicacionais que mal entendemos. Somos, constitutivamente, espécies companheiras.” Os depoimentos de Guimarães Rosa sobre os animais em geral e seus bichos de estimação em particular o aproximam dessa confissão de Haraway.

Numa provocação de Laet (1953, p. 19), que perguntou a razão de Guimarães Rosa criar gatos, e não bois, o escritor respondeu também com ironia: “Sempre gostei de bois e de gatos indistintamente. Mas os gatos são mais fáceis de se criar em casa”. A fusão do gato e do boi materializada em Boyzinho, filho de Xizinha e Tout-Petit, consolida uma característica em comum dos dois animais que é cara a Guimarães Rosa: a capacidade de contemplação. “Na realidade aprecio todos os animais, mas o gato e o boi são os mais contemplativos”, justificou na reportagem de 1953. Depois de termos nos dedicado aos felinos nesta seção, será justamente sobre os bovinos que trataremos a partir de agora.

2.4 Os bois da infância em Cordisburgo



Fotografia 6 – Guimarães Rosa em meio à boiada. Minas Gerais, 1952

“Por que o boi?”, ele gritou. “Por que você associa o boi a uma ocasião festiva? Quem pensa em bois nos jardins da luxúria?”⁷⁹

Rosa atribuía seu apreço especial pelos bois ao fato de ter nascido em Cordisburgo, “terra de pastagens calcáreas e fosfatadas, adequada para a engorda do gado” (Laet, 1953, p. 19). Na época, não era conhecido pelo sobrenome, mas simplesmente por Joãozito. Vilma (1999, p. 52) recorda que a avó (Dona Chiquitinha, mãe de Guimarães Rosa) o via como um menino sábio: míope, como Miguilim, protagonista de “Campo Geral”, “brincava, buscando maior proximidade das coisas, forcejando por ver mais de perto a substância e as formas de tudo. Examinava, um elo de cada vez, a corrente da vida”.

Em *Joãozito: a infância de João Guimarães Rosa*, Vicente Guimarães (2006) lembra que o sobrinho, apenas dois anos mais novo, quando voltava a Cordisburgo nas férias escolares, gostava de andar a cavalo e quase nunca fazia visitas urbanas. Apreciava ir às fazendas da região. O tio conta que Rosa cresceu cercado de bichos. No quintal da casa, havia pombos, patos, galinhas, marrecos, perus e galinhas-d’angola.

De acordo com Guimarães (2006), não tinha nada que Joãozito gostasse mais do que de assistir ao embarque das boiadas na estação de trem de Cordisburgo, que ocorria no curral do final da rua onde viviam seus pais. Os moradores fechavam as portas das casas. Deixavam apenas as janelas abertas para ver a passagem dos bois.

⁷⁹ O trecho pertence à obra *The Flying Inn*, de C. K. Chesterton, e foi transcrita em alemão por Guimarães Rosa no *Diário de Paris* (p. 104), em 18 de outubro de 1950: “Warum Ochse?”, schrie er. “warum verbindet ihr Ochse mit einer festlichen Gelegenheit? Wer denkt an Ochsen in den Gärten der Lust?...etc. (“Das Fliegende Wirtshaus”) (tradução nossa).

A chegada da boiada movimentava o arraial. Ao longe ouvia-se a buzina do guia, pela estrada do alto Bento Velho, ou, mais das vezes, pelos lados do morro do Pau-d’Alho, passando aproximado da Igrejinha de São José. Alvoroço geral. Ninguém se cansava de ver o repetido espetáculo. Touros, marruás bravos e mansos, vacas e até bois velhos, de carro, vinham tangidos pelos boiadeiros, levantando poeira, com o vento arvorando redemoinhos que se arredondinhavam elevando-se em bailados ligeiros, rapidamente acabáveis. Nesses tais havia a presença do capeta, conforme crendeirice local e das redondezas. Por isso sendo, dos cujos o povo todo passava ao largo, benzendo-se e arrenegando. (Guimarães, 2006, p. 66)

Cordisburgo fornecia gado de corte para Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo à época (Guimarães, 2006). Os dois principais fazendeiros locais eram o coronel José Saturnino e o coronel Sérgio Correia. Guimarães (2006) compara os vaqueiros daquele tempo aos heróis do cinema e das histórias em quadrinhos que depois surgiram, a quem chama de falsos.

Dentre todos os verdadeiros heróis, um tinha a predileção do menino Joãozito: Zezé Correia. Ao contrário do que se possa imaginar, Zezé Correia não era um vaqueiro experiente, com façanhas famosas pela região, mas um menino de apenas 12 anos, filho do coronel Sérgio Correia. Ao rememorar aqueles tempos, Guimarães (2006, p. 67-68) descreve o garoto como uma miniatura do pai: “gordote, de bota preta, em manga de camisa, cinturão largo, chapéu de boiadeiro e tala na mão”. Entrava na cidade ao lado do coronel. No curral de embarque, lidava com o gado sem diferenciar boi manso ou bravo. Agia “como se fosse um mestre em doma”.

Segundo Guimarães (2006), com o tempo, Rosa se tornou um conhedor do assunto. Sabia o nome das raças, dos tipos, das cores, dos petrechos usados pelos vaqueiros e das peças todas componentes de um carro de boi. Em mais uma de suas listas, essa da infância, colocou a boiada entre as três mais belas coisas do mundo. Segundo o tio, as outras duas eram “o pio de um pássaro, o patativo-borageiro e a Gruta do Maquiné” (Guimarães, 2006, p. 173).⁸⁰

A fascinação pelo ofício de vaqueiro acompanhou Guimarães Rosa por toda a vida. Na entrevista de 1953, Laet perguntou como o escritor conseguia harmonizar esse lado rústico de vaqueiro com o refinamento da carreira diplomática. Rosa respondeu: “Porque o vaqueiro é uma filosofia e a diplomacia é uma especialização”. O repórter insistiu em levar o assunto para a literatura.⁸¹ “Sendo o ministro um poliglota, como não adquiriu estilo impreciso, escrevendo sempre em tom nitidamente regional?” A resposta do escritor reforça a importância que dá aos

⁸⁰ A Gruta do Maquiné fica no município de Cordisburgo/MG.

⁸¹ A entrevista foi concedida em Gênova, na Itália, em janeiro de 1965, durante o Congresso de Escritores Latino-Americanos.

animais. “Isso não me cabe falar. Não vou fazer crítica de mim mesmo. Mas se assim é, talvez se trate do boi e do gato.”⁸²

Guimarães Rosa viajou mais de uma vez por Minas Gerais acompanhando boiadas. Na excursão mais famosa, de 1952, foi acompanhado pela revista *O Cruzeiro*. A reportagem registrou o percurso de comitiva chefiada por Manuel Nardy, o Manuelzão, por mais de 240 km, entre Pirapora e Araçáí. São dessa viagem as cadernetas postumamente publicadas sob o título de *A boiada* (2011). Em *A saga do burro e do boi: um estudo de O burrinho Pedrêis e Conversa de bois, de João Guimarães Rosa*, Kelly Ferreira (2009, p. 22) resgata que Rosa “tomava nota de tudo, palavras e expressões dos vaqueiros, histórias contadas por eles, descrições de paisagens e animais, especialmente de bois, descrevendo-lhes os berros, os nomes, o aspecto, o compasso, o comportamento, modificações fisiológicas e morfológicas, etc.”. Registra, ainda, que Guimarães Rosa perguntava aos vaqueiros se os bois tomavam amor e ódio. Anos mais tarde, na conhecida entrevista concedida ao jornalista alemão Günter Lorenz, o escritor retoma sua filosofia de vaqueiro:

As vacas e os cavalos são seres maravilhosos. Minha casa é um museu de quadros de vacas e cavalos. Quem lida com eles aprende muito para sua vida e a vida dos outros. Isto pode surpreendê-lo, mas sou meio vaqueiro, e como você também é algo parecido com isto, compreenderá certamente o que quero dizer. Quando alguém me narra algum acontecimento trágico, digo-lhe apenas isto: “Se olhares nos olhos de um cavalo, verás muito da tristeza do mundo!” Eu queria que o mundo fosse habitado apenas por vaqueiros. Então tudo andaria melhor. (Lorenz, 1983, p. 67-68)

Ferreira (2009) cita as frequentes cartas em que Rosa solicitava ao pai que lhe descrevesse com o máximo de detalhes paisagens, costumes, vestimentas, caçadas, pescarias, tipos, palavras e expressões, cantingas. Em correspondência de 26 de março de 1947, pede a Florduardo para responder-lhe com tudo que consiga recordar que se refira a vacas e bezerros. “Estou escrevendo outros livros. Lembro-me de muitas coisas interessantes, tenho muitas notas tomadas, e muitas outras coisas eu crio ou invento, por imaginação. Mas uma expressão, cantiga ou frase, legítima, original, é como uma pedrinha de ouro, com valor enorme” (Rosa, 1999, p. 183).

⁸² Guimarães Rosa era resistente ao rótulo de autor de literatura regional. Via-se em posição distinta da geração de 30 e valorizava os críticos que percebiam o universal na sua obra, como foi o caso de Antonio Cândido a respeito de *Sagarana*. O assunto será abordado novamente no capítulo 3, em análise sobre carta enviada a Vicente Guimarães em 1947.

No “Zoo (Hagenbecks Tierpark, Hamburgo-Stellingen)”, de Ave, *Palavra* (2009), há uma lista já mencionada neste capítulo de 10 bichos a se levar para uma ilha deserta. Nela, o gato é o primeiro e o boi o terceiro animal mencionado. Porém, a ordem de preferência é inversa na coluna “Arquivos Implacáveis”, da revista *O Cruzeiro*.⁸³ Aqui, o boi figura na primeira posição dentre os bichos citados por Guimarães Rosa, estando abaixo apenas de Deus no ranking das 10 coisas de que o escritor mais gostava. O gato é o segundo bicho citado, figurando na sexta posição, entre a poltrona e a mulher.

Conforme mencionado no capítulo 1, o gado (bois, vacas, touros, garrotes, bezerros, reses) corresponde a 7% dos animais presentes na primeira versão de 1950: *Um ano zoológico*. Para esta pesquisa, a notícia mais importante sobre bovinos foi publicada pelo jornal italiano *Pomeriggio*, em 4 de outubro de 1950. A matéria conta a história de uma vaca e um bezerro roubados na região de Palermo, e será abordada com detalhes no capítulo 3.

Há, porém, outras notas de teor mais anedótico, como a publicada em 2 de agosto de 1950 no jornal *A Noite*. Com o título “*Goal, com boi e tudo...*”, a matéria descreve uma partida de futebol realizada na cidade de Moravânia, em Minas Gerais, que foi invadida por um boi bravo. De acordo com o relato, “o animal espantou o juiz e todos os jogadores com exceção de Quinzinho, que não apenas enfrentou o boi como ainda marcou um gol que foi validado”.

Muito parecida com a notícia de *A Noite* é outra, de 26 de julho de 1950, publicada por jornal francês com o título “Em Vichy, um touro jogará futebol”. Ao contrário do ocorrido em Moravânia, a presença do touro no campo nessa cidade francesa não é acidental. Os jogadores deveriam respeitar as regras da partida e se proteger do touro que seria solto deliberadamente no gramado.

Podemos observar, também, rastros dos bois de Rosa em seus registros no *Diário de Paris*. Em excursão à Borgonha iniciada em 16 de setembro de 1949,⁸⁴ o gado não passava despercebido na paisagem. Em Viteaux, anotou: “gado nibernês”. Em St. Laurent: “até a entrada da cidade, a pastagem verde claro, linda, com o gado pintado”.

⁸³ A coluna de João Condé na revista *O Cruzeiro* fazia a lista Detesta/Gosta de diversas personalidades da época. A edição com Guimarães Rosa foi publicada em 2 de fevereiro de 1957. Rosa detestava: 1. Reunião social; 2. Frio; 3. Bife sangrento; 4. Dirigir automóvel; 5. Político; 6. Ficar de pé; 7. Escrever cartas; 8. Conversar em auto-lotação; 9. Comida sem alho e pimenta; 10. Colchão e travesseiros macios. Gostava: 1. Deus; 2. Bois; 3. Alho e pimenta; 4. Laranja; 5. Poltrona; 6. Gatos; 7. Mulher; 8. Olhos (de mulher); 9. Bôca (de mulher); 10. Pés e sapatos (de mulher). Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pesq=Arquivos%20implac%C3%A1veis&p_agfis=109960. Acesso em: 10 fev. 2025.

⁸⁴ FJGR, IEB-USP, JGR-EO-01,03 [*Diário de Paris*], p. 27

Em visita ao Museu do Louvre de 21 de janeiro de 1951,⁸⁵ anotou impressões sobre o quadro “La Nativité”: “O boi e o burro, vivos, pecuários, realistas demais. Os mais. Sôltos do ambiente. Inteiros, na coberta, à esquerda.” Em 3 de fevereiro de 1951,⁸⁶ escreveu: “(Cinema: THE OVERLANDERS” (“La Route est Ouverte”.) Boiadas. Os bois farejam a água. No atravessar o rio: os bois tentam trepar uns nos outros.) M%: tentar trepar nas costas dos outros é próprio de todo animal de rebanho”.⁸⁷

A menção aos bois é recorrente, ainda, nas correspondências com Pedro Barbosa. Em carta de 16 de novembro de 1948,⁸⁸ Guimarães Rosa fala do mundo cheio de beleza que o primo verá em futura viagem à Europa. Mas, em seguida, afirma que, para ele, não há nada “como uma cadeira-de-pano, no alpendre de sua casa [casa de Pedro Barbosa], na Paraopeba, com uma chuvinha, comida gostosa, lá dentro, um carro-de-bois cantando”. Na mesma carta, Rosa reforça: “Quando você voltar ao Rio, de uma de suas viagens ao seu feudo paraopebano, escreva-me, contando alguma coisa que transmita o cheiro dos bogaris de lá, o barulho do ‘carneiro’ de tirar água, e o berro dos bois, distintos semoventes”. Em outra correspondência, de 12 de abril de 1949,⁸⁹ o escritor comenta as fotos enviadas pelo primo em mensagem anterior. “A garotada está magnífica, sadia, digna da estirpe. Fico com saudades. Deles, de vocês, de sua mãe, de Paraopeba, das Pindaíbas. Aliás, as saudades são constantes, apenas numa hora destas, se reavivam. Até os bezerros, e o zebu, posaram bem, dignamente”.

Para finalizarmos esta seção, retomemos entrevista de Vilma a Jorge de Aquino Filho (Rosa, 1999, p. 141), que teve alguns trechos publicados na edição de 27 de fevereiro de 1982 da revista *Manchete*. Em uma das respostas, a primogênita de Guimarães Rosa afirmou que, nos últimos anos de vida, o pai “sonhava viver tranquilamente numa fazenda confortável, rodeado de árvores, possuindo pomar e horta. Ouvir o gado mugir e o galo cantar”. Um enfarto aos 59 anos impediu que o escritor cumprisse seu desejo. Morreu no Rio de Janeiro, em 19 de novembro de 1967, três dias após posse na Academia Brasileira de Letras. O encantamento repentino frustrou o plano desse diplomata-vaqueiro de voltar a viver junto aos bois, como o seu herói da infância nos embarques do gado na estação de trem em Cordisburgo, o menino Zezé Correia.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 116.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 119.

⁸⁷ “Acreditamos que o arquivamento de memórias, objetos, folhas e fotografias tem sempre uma intenção biográfica. O sinal ‘M%’, como dissemos, é uma constante nas anotações do escritor; significa ‘minha porcentagem’ ou ‘minha parte’; indica ele mesmo, é a sinalização de que ele se diferencia da massa de informações que coleta” (Silva, 2018, p. 11).

⁸⁸ Rosa, 1934-1967, Rosa a P. M. Barbosa, 16 novembro, 1948.

⁸⁹ Rosa, 1934-1967, Rosa a P. M. Barbosa, 12 abril, 1949.

2.5 “O último dos maçaricos”

O livro *O Último dos maçaricos*, do canadense Fred Bodsworth, teve uma versão condensada publicada no Brasil em 1958.⁹⁰ Dividida em 13 episódios, a obra é a única tradução assinada por Guimarães Rosa na vida. O protagonista é um pássaro macho da espécie maçarico-esquimó à procura de uma fêmea para se reproduzir durante período de migração para acasalamento.

Pedro Guilherme Bastos Menezes, em seu artigo “João Guimarães Rosa, tradutor de *O Último dos Maçaricos*, de Fred Bodsworth” (2016), contextualiza esse projeto único na carreira do escritor, publicado dois anos depois de *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de baile*. De acordo com Menezes (2016), uma característica peculiar do romance são as inserções de boletins científicos que atestam o progressivo desaparecimento do maçarico-esquimó nos séculos XIX e XX, devido à caça humana predatória. O autor observa que Bodsworth foi presidente da Federação de Naturalistas de Ontário, no Canadá, e empregou no livro um forte tom denunciador da extinção premente da ave. Em sua saga, o pássaro chega a encontrar uma parceira, porém, antes que tivessem filhotes, ela é morta em decorrência de um tiro, o que torna o protagonista o último maçarico-esquimó vivo.

Menezes (2016) informa que a versão reduzida foi publicada originalmente pela revista norte-americana *Reader's Digest*, em 1955. A história dessa tradução tornou-se conhecida por meio do poeta Manuel Bandeira (1966), em crônica em que destaca o perfeccionismo de Guimarães Rosa:

Eu sabia que era assim com Rosa. Sabia do que se passou com ele quando foi convidado a traduzir para Seleções um romance condensado. Era a história de um pássaro. Rosa mandou vir dos Estados Unidos o romance completo. Mandou vir também tratados de ornitologia. Fez a tradução, reescreveu-a cinco vezes. No fim saiu obra perfeita, coisa que não era no original. Mas Rosa gastou muito mais do que ganhou. (Bandeira, 1966 *apud* Menezes, 2020, p. 58-59)

Em troca de versos entre Bandeira e Rosa, em que o poeta convida o escritor a se candidatar à Academia Brasileira de Letras para que possa votar em seu nome para assumir uma das cadeiras da ABL, Manuel Bandeira (1966 *apud* Rocha, 1996, p. 9) faz menção ao

⁹⁰ Incluída no volume IV (1958) da *Biblioteca de Seleções da Reader's Digest* (publicada no Brasil pela Editora Ypiranga S. A., Rio de Janeiro), em 1958.

maçarico: “Vou pedir ao maçarico, vou pedir a Miguilim que ao mano Rosa eles digam: — ‘Rosa, não seja ruim. Faça a vontade do bardo, Ainda que bardo chinfrim!’.

Menezes (2016) informa que Guimarães Rosa contou com o apoio do colega diplomata Mário Calábria, que leu e criticou a tradução antes da publicação. O escritor reconheceu a importância do amigo para o resultado do trabalho:

Vou contar-lhe uma coisa. Eu, uma vez, perpetrei a tradução, do inglês para o português, de uma história de passarinho (*The Last of the Curlews/O último dos maçaricos*). Pois bem, hoje sei que não teria conseguido fazê-la com nem ao menos 50% de resultado e efeito, não fosse a cooperação afetuosa de Mário Calábria, emprestando-me vivo seu “dispositivo ultra-verificador”, interpretador, e seus olhos do espírito. (Montello *apud* Menezes, 2016, p. 60)

Os pássaros também se fazem presentes em *1950: Um ano zoológico*. De todas as notícias do datiloscrito, a maior delas, com seis laudas, tem o título “O regresso da avoceta”. Publicada no jornal inglês *The Times*, em 10 de janeiro de 1950, a reportagem especial acompanha a volta da avoceta, pássaro também conhecido como alfaiate, à costa da Inglaterra para se reproduzir. De acordo com a matéria, a ave havia deixado de procriar na Inglaterra desde o século XIX.

O documento traz outras notícias sobre preservação de aves migratórias em risco de extinção, a exemplo de matéria publicada também no *The Times* em 12 de junho de 1950. A tradução literal do título seria “Ameaça à vida das aves em ilhas isoladas”, mas Guimarães Rosa optou por “Às aves de longínquas ilhas”. A reportagem é assinada por correspondente especial do jornal inglês em Upsália, na Suécia. A matéria trata de resolução aprovada pelo Comitê Internacional de Preservação às Aves. A entidade recomendava ao governo francês desautorizar projeto de exploração de ovos de aves nas ilhas francesas do Oceano Meridional. Caso persistisse, a ação poderia levar à extinção de espécies como albatrozes, procelárias e pinguins.

O interesse de Guimarães Rosa por aves é conhecido e se reflete, também, em sua literatura. Existem estudos especificamente voltados a analisar os pássaros de *Grande Sertão: Veredas*. É o caso do artigo “*Grande sertão: veredas*, um inventário da avifauna” (Dolberth; Eggensperger, 2020). Os pesquisadores identificaram 61 aves específicas (ex. martim-pescador); 51 aves genéricas (ex. gavião); 13 localidades com nome de aves (ex. Serra das Araras); nove substantivos, adjetivos, interjeições ou verbos derivados de pássaros (ex. beija-flores); seis personagens (ex. Gavião-Cujo); e quatro designações relativas à flora (ex. canela-de-ema).

O escritor contava com livros de ornitologia em sua biblioteca, alguns deles encomendados para a tradução de *O último dos maçaricos*. No Fundo JGR do IEB-USP, constam títulos como *Aves da Península Ibérica e especialmente de Portugal* (1928), de Manuel Paulino d’Oliveira,⁹¹ e *Aves de Portugal: chaves para a sua determinação* (1952), de Antônio Armando Themido.

Tendo em vista a excepcionalidade da tradução na trajetória de Guimarães Rosa, Menezes (2016) busca identificar possíveis mobilizadores para o escritor ter assumido esse projeto, que em sua língua original tem uma forma convencional, distante esteticamente da literatura rosiana, permeada de invenção linguística.

Apesar de concluir como impossível retraçar uma motivação única e determinante para a escolha de Guimarães Rosa, Menezes (2016) arrisca apontar um duplo compromisso implicado no projeto de *O último dos maçaricos*. O primeiro ligado à precisão terminológica, científica, ao uso da linguagem e da literatura como veículo de uma afirmação política que diz respeito às questões éticas em face do animal e à destruição do patrimônio natural pelo ser humano. A segunda ligada à poesia, ao metafísico-religioso, tendo em vista que, apesar da limitação do ponto de vista da linguagem, Menezes (2016) considera que o cerne e a temática da obra trazem questões transcendentais de interesse de Rosa.

Vamos nos ater a desdobrar rapidamente a primeira implicação, que é ousada, tendo em vista as várias declarações de Guimarães Rosa contra a instrumentalização da literatura para qualquer outro compromisso que não a própria literatura e seu poder de transcendência. Essa é, inclusive, a deixa da já citada entrevista do escritor concedida a Günter.⁹² Em sua argumentação, Menezes (2016, p. 68) afirma que “a própria obra do escritor atesta essa amálgama, na qual o intangível convive com o tangível, o transcendental com o documental. Compromissos não de todo excludentes, mas absolutamente vinculados”.

Aprofundar nesse Rosa ecológico não é objetivo desta pesquisa, mas nos permitimos contribuir com alguns apontamentos nesse sentido. Para reforçar o argumento sobre a

⁹¹ O livro de Manuel Paulino d’Oliveira que consta na Biblioteca do IEB-USP é um dos que Rosa encomendou ao jornalista e escritor Josué Montello, em maio de 1957. Montello escreveu sobre o assunto no *Diário da Manhã* – Recebi longa carta de Guimarães Rosa, com este pedido: “Preciso de informações sobre aves europeias, em português, para um estudo que estou fazendo, e queria ver se você conseguia aí, para mim: *Catálogo das aves de Portugal*, publicado por A. F. Seabra, em 1911; *Aves da península*, por Paulino de Oliveira, e *Catálogo das aves*, por Dom Carlos de Bragança” (Montello *apud* Menezes, 2016, p. 59).

⁹² “Embora eu veja o escritor como um homem que assume uma grande responsabilidade, creio entretanto, que não deveria se ocupar de política; não desta forma de política. Sua missão é muito mais importante: é o próprio homem. Por isso a política nos toma um tempo valioso. Quando os escritores levam a sério o seu compromisso, a política se torna supérflua” (Lorenz, 1983, p. 62-63).

sensibilidade e a imaginação de Guimarães Rosa a propósito do amor pelos animais, Ferreira (2009) resgata dois casos de infância contados pelo tio do escritor Vicente Guimarães. No primeiro, saíram para uma caçada o tio, o sobrinho e Juca Bananeira. Queriam pegar um passarinho chamado de papa-capim, mas quem caiu na armadilha foi um tico-tico, espantando o alvo da empreitada. Juca Bananeira se enfureceu e desembainhou a faca da cintura para matar a ave. Joãozito protestou. E, depois que o papa-capim foi, enfim, capturado, soltou o tico-tico. A segunda história é de uma caçada a que foi na companhia do pai. Enquanto Florduardo dormia em decorrência do longo de tempo de campana, um veado apareceu. O filho gritou, e a caça fugiu. Mais tarde, confessou à mãe a satisfação com a fuga do animal. Nunca mais quis participar de caçadas.

Há entre os recortes do *Álbum ZOOS* um formulário publicado em jornal para adesão à Sociedade Protetora dos Animais.⁹³ Em correspondência ao primo Pedro Barbosa, de 19 de julho de 1949,⁹⁴ em que lista uma série de perguntas sobre o funcionário da fazenda da família Barbosa, chamado Mechéu,⁹⁵ Rosa pergunta se o homem dedicava alguma especial inimizade aos cachorros ou maltratava os animais. Na resposta, de 18 de agosto de 1949,⁹⁶ Barbosa responde que Mechéu não gostava de cachorros, mas não os maltratava, como também não maltratava nenhum outro animal. Em 9 de maio de 1950,⁹⁷ Rosa anotou no *Diário de Paris*: “Não basta evitar de pisar numa formiguinha, é preciso deixar de esmagar uma flor, uma pétala, ainda que murcha”.

Esse último pensamento dialoga com o que Ferreira (2009) apresenta como ecologia profunda, ecologia radical ou ecologia espiritual, segundo a qual o homem não se configura sujeito isolado ou acima de uma realidade reduzida à condição de objeto, antes se integra ao universo em escala espiritual. Segundo Ferreira (2009, p. 11), “esta corrente ambientalista suplanta os limites científicos e funda-se nos preceitos de fontes diversas, entre elas o taoísmo, o budismo e grandes nomes da cristandade, como São Francisco de Assis”. Para a pesquisadora, há consonância de Guimarães Rosa com o pensamento ecológico radical ou profundo quando escreve ao seu tradutor para o italiano, Edoardo Bizzarri, a respeito de sua preferência pelo Tao, Vedas e Upanixades, São Paulo, Platão, Plotino e, principalmente, Cristo. Para Ferreira (2009,

⁹³ FJGR, IEB-USP, JGR-Z-01,022, p. 15.

⁹⁴ Rosa, 1934-1967, Rosa a P. M. Barbosa, 19 julho, 1949.

⁹⁵ Mechéu é o nome de um dos contos de *Tutaméia* (2001, p. 135).

⁹⁶ Rosa, 1934-1967, P. M. Barbosa a Rosa, 18 agosto, 1949.

⁹⁷ FJGR, IEB-USP, JGR-EO-01,03 [*Diário de Paris*], p. 76.

p. 11), essa afirmação expressa o desejo do escritor de “abrir o mundo sob uma perspectiva holística em busca do homem universal integrado ao cosmos”.

2.6 “Fábulas de La Fontaine”

Em vez da relação de Guimarães Rosa com os animais, vamos nos concentrar agora em uma atividade concomitante à composição de 1950: *Um ano zoológico* que contribuirá para a composição do recorte biográfico do escritor que estamos a montar. Trata-se da transcrição das anotações feitas sobre as *Fábulas de La Fontaine*, entre 1950 e 1951, conforme consta na descrição do conjunto de folhas avulsas *Dante/Homero/La Fontaine/Artes*, do Fundo JGR no IEB-USP.⁹⁸

O exemplar das *Fábulas de La Fontaine* que está na Biblioteca do IEB é uma edição de luxo ilustrada, de 248 páginas, publicada por Théodore Lefévre et Cie. Éditeurs, sem data. Segundo Camargo (2013, p. 237), Guimarães Rosa grifou trechos e escreveu notas marginais usando lápis grafite: “Praticamente todas as intervenções no livro são transpostas para as páginas datilografadas do volume dos Estudos para Obra”.

No levantamento feito por Camargo (2013), nas sete folhas que registram a leitura do livro, Guimarães Rosa anota ou comenta trechos de 29 peças.⁹⁹ São elas: “O corvo e a raposa”; “O lobo e o cão”; “O rato da cidade e o rato do campo”;¹⁰⁰ “A morte e o desgraçado”; “Conselho dos ratos”; “Contra os ruins de contentar”;¹⁰¹ “Os dois touros e a rã”; “O morcego e as duas doninhas”; “A gata metamorfoseada em mulher”; “O velho, o menino e o burro”; “O lobo feito pastor”; “Os membros e o estômago”; “A raposa e o bode”; “A doninha na despensa”; “O gato e o rato velho”;¹⁰² “O rato anacoreta”; “Um animal na lua”; “O poder das fábulas”;¹⁰³ “O facetô e os peixes”; “O rato e o gato”; “O gato e o macaco”; “O gato, a doninha e o láparo”; “O leão

⁹⁸ JGR-EO-08,01. Disponível em:

http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/fichaDocumento.asp?Documento_Codigo=26773%20Consulta%20realizada%20em%202013. Acesso em: 20 nov. 23.

⁹⁹ Traduções dos títulos para o português retiradas da edição das *Fábulas de La Fontaine* de Teófilo Braga, 2001. Disponível em:

http://be.ae2serpa.pt/ficheirosbiblioteca/livrosdodominiopublico/Autores.Portugueses/Teofilo.braga/obras/Teofilo_Braga_Fabulas.pdf. Acesso em: 2 fev. 2025.

¹⁰⁰ Desta fábula, Guimarães Rosa transcreveu o epíteo: “Fi du plaisir que la crainte peut corrompre!”. Em tradução nossa: “Não há prazer onde o medo pode corromper”.

¹⁰¹ Desta fábula, Rosa transcreveu o trecho: “Le mensoge et les vers de tour temps sont amis”. Em tradução nossa: “Mentira e poesia sempre foram amigas”.

¹⁰² Desta fábula, transcreveu o epíteo: “Et savait que la méfiance est mère de la sûreté”. Em tradução nossa: “E saiba que a prudência é mãe da segurança”.

¹⁰³ Desta fábula, transcreveu o trecho: “La qualité d’ambassadeur – Peut-elle s’abaïsser à des contes vulgaires?”. Em tradução nossa: “A qualidade de embaixador pode ser reduzida a contos vulgares?”.

e outros animais”; “A ave ferida de uma flecha”; “O rato e a ostra”; “O homem e a cobra”; “O leão”; “Prudência entre cães e gatos, e entre gatos e ratos”; “O elefante e o macaco”.

Camargo (2013) chama atenção para os poucos versos anotados de cada fábula. Em levantamento nosso, calculamos que Guimarães Rosa fez algum registro de 16% das 180 peças do livro. O pesquisador agrupou os interesses rosianos pelos textos de La Fontaine, manifestados nos apontamentos de leitura, em três categorias: (i) nomeação e caracterização dos personagens, em que Guimarães Rosa reconhece a habilidade de La Fontaine para nomear e caracterizar os animais e outros personagens das fábulas; (ii) a moral das fábulas: os ensinamentos morais que as fábulas sugerem podem ser reencenados *ad infinitum* em diferentes enredos. Para o pesquisador, esse é, provavelmente, o motivo da inclinação de Guimarães Rosa pelo gênero, manifestada desde *Sagarana*; e (iii) a teorização do ofício do escritor e do fazer literário: além do interesse linguístico e moral, são selecionados das fábulas comentários de La Fontaine sobre o seu próprio trabalho e a função de seus textos.

Correspondência endereçada à filha mais velha (Rosa, 1999), de 11 de janeiro de 1950, indica que La Fontaine estava, de fato, presente no imaginário do escritor no período. Na carta, o pai conta que havia enviado alguns dias antes quatro livros para as duas filhas: Racine, Corneille, Molière e La Fontaine. Rosa justifica que o volume de La Fontaine que Vilma havia pedido, *Classiques Verts*, não estava disponível. Ele ainda faz uma crítica à edição: “Aliás, não gosto daquela coleção; não porque seja cara, mas porque, apesar da boa apresentação e das notas interessantes, a letra é muito miúda e as linhas muito juntas, não faz bem à vista” (Rosa, 1999, p. 275). Um ano depois, no início de 1951, em outra carta, o escritor menciona novamente livro de La Fontaine encomendado por Vilma. Ele diz que a obra ainda não tinha saído e que voltaria à livraria no dia seguinte para procurá-lo (Rosa, 1999).

Em introdução às *Fábulas de La Fontaine* em português, em referência a Balzac, Pinheiro Chagas define a obra do escritor francês como a “Comédia Humana dos animais”:

O que constitui o seu encanto supremo é a vida potente que êle sabe dar a todos esses animais que se movem no imenso tablado da natureza, que falam a linguagem que êles lhes presta, obedecendo a paixões que êle lhes atribui. E’ que os seus personagens têm a um tempo a verdade humana e a verdade zoológica. [...] La Fontaine escreveu verdadeiramente a Comédia Humana dos animais. (Chagas *apud* Fontaine, 1960, p. 9)

Maria Esther Maciel (2009) recupera a história e o conceito de fábula. O gênero surgiu no Oriente. Foi da Índia à China e à Pérsia, chegando à Grécia, no século 4 a.C., graças a Esopo, que o reinventou. Definida por La Fontaine como uma “pequena narrativa que, sob o véu da ficção, guarda uma moralidade”, e dotada, segundo Fedro, da dupla finalidade de divertir e de aconselhar, a fábula atravessou os séculos com suas estórias protagonizadas por animais e seu tom sentencioso, tendendo ora ao proverbial, ora ao satírico.

Em “*Conversa de bois*”: *uma fábula de João Guimarães Rosa* (2015), Alexandre Veloso de Abreu resgata algumas definições de fábula que também nos serão úteis: resumo, intriga, conjunto, construção. Tudo isso está no espectro do vocábulo. Etimologicamente, resgata Abreu (2015), o termo fábula vem do latim *fari*, que significa falar, ou do grego *phao*, no sentido de contar algo. Para o pesquisador, ao explorar a fábula, Guimarães Rosa “recusa o estado efêmero do fazer literário, entendendo-o como constante e cíclico, um eterno exercício de reconhecimento” (Abreu, 2015, p. 61). Em decorrência desse movimento, a obra literária se emanciparia de seu tempo, contexto e espaço, seguindo como expressão autônoma.

Abreu (2015) explica que o exemplo moral tende a espelhar a conduta padrão de uma ideologia de certa camada social, econômica e culturalmente dominante, sendo, muitas vezes, fechada e inquestionável. De acordo com o pesquisador, a manutenção do *status quo* parece ser o teor de quase toda narrativa fabular. Em regra, a fábula apresenta um modelo de comportamento maniqueísta, em que o “bem” deve ser reproduzido, e o “mal”, rejeitado. Já o uso constante da natureza e dos animais para a alegorização da existência humana aproxima o público da “moral fabular”. Em seu estudo, Abreu (2015, p. 63) classifica “Conversa de bois” como fábula: “Os bois do conto rosiano assemelham-se aos humanos, não só na esfera comportamental, mas também na esfera moral, reproduzindo pensamentos, sentimentos e noção de valores que são humanos.” Abreu (2015, p. 62) sintetiza a moral do conto, implícito no texto,¹⁰⁴ da seguinte forma: “não importa o quão poderoso seja o homem, ele está sempre subjugado à natureza”.

Em mais de uma oportunidade, Guimarães Rosa menciona o termo “fábula” e suas variações no *Diário de Paris*. Em 18 de dezembro de 1950, anotou: “Kafka: desenvolvia provérbios, lugares-comuns, modo de dizer (fabulismo? -m%). M%: diluir ou apresentar, habilmente, profanamente, (coisas importantes)¹⁰⁵”. Essa ideia de fabular como dizer

¹⁰⁴ Epítímio é o nome dado ao texto que explicita ao final da fábula a moral da história. O epítímio, portanto, foi omitido por Rosa em “Conversa de bois”.

¹⁰⁵ FJGR, IEB-USP, JGR-EO-01,03 [Diário de Paris], p. 111.

profanamente coisas importantes será retomada no capítulo 3. Em 7 de maio de 1950, a fábula aparece em reflexão sobre o próprio exercício do diário:

Já o ímpeto criador (fabulador) começa a dominar-me. Estas notas oscilarão entre o tom êsse e o de puro fixar momentos, idéias, reações, emoções. Oscilação de tônus, correspondente: quando em plus = fabulação, o literato; em minus = o memorialista do presente, diarista. (Irremediáveis confidências). (FJGR, IEB-USP, JGR-EO-01,03 [*Diário de Paris*], p. 66-67)

Na entrevista concedida a Lorenz (1983, p. 69), Guimarães Rosa volta a usar o termo fabulador: “Veja você, Lorenz, nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza. Está no nosso sangue narrar estórias; já no berço recebemos esse dom para toda a vida”. Em sequência ao raciocínio, o escritor afirma que, instintivamente, fez o que depois passaria a fazer de forma deliberada e consciente: “disse a mim mesmo que sobre o sertão não se podia fazer ‘literatura’ do tipo corrente, mas apenas escrever lendas, contos, confissões”. Rosa conclui o argumento fabular com o exemplo extremo de como a inspiração o atinge: “Isto me acontece de forma tão consequente e inevitável, que às vezes quase acredito que eu mesmo, João, sou um conto contado por mim mesmo”.

No mesmo sentido, em poema de homenagem a Guimarães Rosa publicado após sua morte, o poeta Carlos Drummond de Andrade (1967 *apud* Rosa, 2001, p. 10) inicia seus versos com a sequência: “João era fabulista? Fabuloso? Fábula?”.

2.7 “O Bestiário Amoroso”

Nesta última seção do capítulo 2, deixemos emergir o termo “bestiário”. Como um enunciado que se repete, a palavra nos parecia até aqui em estado de latência, prestes a tomar a superfície. Nesse sentido, o tema, que nos parece inescapável, servirá de transição entre este levantamento dos aspectos biográficos de Guimarães Rosa relevantes para contextualizar a tessitura de 1950: *Um ano zoológico* e o capítulo final.

O Fundo JGR do IEB-USP, na pasta “Manuscrito de Obra”, traz um documento não datado de apenas duas folhas. A primeira página é descrita pelo catálogo do IEB-USP como capa de possível obra com o título *Animalogia* ou *O Bestiário Amoroso*. A segunda e última página tem duas citações, que seriam “possivelmente as epígrafes escolhidas por João

Guimarães Rosa para a obra mencionada”.¹⁰⁶ Uma delas foi retirada do livro do Gênesis, cap. VII, vv. 2-3, e está em latim. É a passagem em que Deus convoca Noé a embarcar os animais na arca antes do dilúvio. A outra, em francês, é da obra *Incidences*, de autoria de André Gide (1924).

Quando tudo será posto em questão (e tudo é posto em questão) meu espírito repousará ainda na contemplação das plantas e dos animais.¹⁰⁷

“Entra na arca, tu e toda a tua família, porque és o único justo que vejo diante de mim no meio desta geração. De todos os animais puros, tomarás sete pares, o macho e sua fêmea; dos animais que não são puros, tomarás um casal, o macho e sua fêmea.”¹⁰⁸

Os bestiários são objeto de estudos da zooliteratura. Maria Esther Maciel (2009) relaciona a imaginação que cria os monstros à insuficiência epistemológica. Nesse sentido, uma passagem do *Diário de Paris* chama bastante atenção. No domingo, 7 de maio de 1950, Guimarães Rosa visitou o Castelo de Pierrefonds, a menos de cem quilômetros de Paris.¹⁰⁹ Ele começa a descrição do local pelo pátio e parece querer transportar o leitor para o lugar, o que é curioso por se tratar de um diário: “Cantam, longe, galos: cachorro late. Gárgulas. Na parede, crocodilões em relevo (que Maria chama de salamandras), enormes lagartos, de cabeça para baixo e rabo para o alto”. Em seguida, repara nas janelas, com estatuetas de gatos, cada um numa posição. Na sala de recepção, depara com um *boiserie*¹¹⁰, com desenhos quiméricos. Em seguida, faz observação digna de um romance de suspense: “Este é o castelo dos animais estranhos”.

A partir de então, começa a anotar nomes de bichos que podem ser fruto da sua observação ou pura imaginação, com nomes inventados, como indica o sinal de m%. São moscas; gafanhotos meio humanos; ouriços; dragões; dragoaldos; diabolórios; tragosos, furianções. Rosa faz uma pausa na lista com o comentário: “Fauna de pesadela. Delirium tremens”. Em seguida, retoma os nomes fabulados: saponhos; regongus; grifins; zoorama; urgo;

¹⁰⁶ FJGR, IEB-USP, JGR-M-17,02.

¹⁰⁷ “Quand tout serait remis en question (et tout est remis en question) mon esprit se reposerait encore dans la contemplation des plantes et des animaux”. Tradução de Borisow (2005, p. 62).

¹⁰⁸ Tradução da Bíblia de Jerusalém (2002, p. 43).

¹⁰⁹ Na página 62 do *Diário de Paris*, Rosa registra que chegou ao meio-dia a Pierrefonds, mas que o castelo já estava fechado. Lamenta ser a quarta vez que tenta visitar o local sem sucesso. Sobre isso, comenta: “Meu kafkiano”, em alusão à obra *O Castelo*, de Kafka. De todo modo, a partir da página 63 começa a descrever a visita a um castelo. O trecho começa com: “Já estamos no pátio do Castelo”. E termina com: “Saímos do Castelo”, na página 64. Entendemos tratar-se do “Castelo de Pierrefonds”.

¹¹⁰ Nesse contexto, que Rosa preferiu não traduzir para o português, em tradução nossa, parece se referir a um painel trabalhado/talhado em madeira.

orsogrimo; o murdôgo. Nova pausa. “Descubro: êstes salões e salas, ante-câmaras: fizeram-nas, como se fizessem paisagens!”. Novo ambiente, sala de guarda: “(Soldados mercenários) e passagens altas, para os soldados do Senhor. M%: um destroço de estátua. Morcego exoglosso, com 5 mamas e caudão. Mandra (m%) salamandra”. O suspense termina. Rosa registra: “Saímos do castelo”.

Mais à frente, ainda em 7 de maio, o escritor retoma a lista de animais quiméricos com novos nomes inventados por ele: o gorgulôfo; o trescaim; o quibungo boreal; o sôbrelôbo; o homislôbo; o granrão (o grã-rão); o nobislôbo; o acfronhoso (acfronhonho); o gomorrório; o blairaldo; o gurrugo; o tremiurgo; o teratoso; o rei-gomorrengo; o desunicórnio; o drá; o lesmifúrio. A impressão é que Rosa transformou o “castelo estranho”, o “castelo quimérico”, em “castelo-bestiário”, como um livro de Jorge Luís Borges.¹¹¹

O escritor argentino, em particular, é destacado por Maria Esther Maciel (2009) no que tange aos bestiários fantástico latino-americanos. São dele as obras *Manual de zoologia fantástica* (2001) e *O livro dos seres imaginários* (2007f).

[...] o rol de autores é diversificado, incluindo narradores e poetas de várias nacionalidades, como o mexicano Juan José Arreola, o guatemalteco Augusto Monterroso, o uruguai Victor Sosa e o brasileiro Wilson Bueno, dentre vários outros. Todos tomam como referência obrigatória para seus trabalhos a obra de Borges, mas com propostas distintas: seja por mesclarem a "zoologia dos sonhos" com a da realidade, seja por explorarem as metamorfoses - estas deliberadamente excluídas do Manual de zoologia fantástica -, seja por incorporarem explicitamente referências culturais latino-americanas em seus verbetes, estes feitos da mistura de poema, narrativa e descrição. (Maciel, 2009, p. 99)

De acordo com a autora, a tradição zoológica antes e depois de Borges é extensa, coexistindo animais fantásticos (dos sonhos) e da realidade desde Esopo (620-560 a.C.): “os animais nunca deixaram de se inscrever de maneira incisiva no imaginário poético do Ocidente” (Maciel, 2009, p. 94-95).

Para Borysow (2010, p. 87), a tradição ocidental dos bestiários certamente influenciou Guimarães Rosa na criação de seus “Zoo” – tanto os “Zoo” reunidos em *Ave, Palavra* quanto o *Álbum ZOOS*, ao menos quanto ao conceito de coletânea de imagens de animais. De acordo com o autor, ao remontar as descrições presentes nos textos bíblicos e nos tratados de história natural de autores gregos e latinos, os bestiários da Idade Média traziam descrições de diversos

¹¹¹ Para mais informações, consultar *Borges & Guimarães: na esquina rosada do Grande Sertão*, de Vera Mascarenhas de Campos (1988).

animais, inclusive mitológicos, para ilustrar as virtudes e os defeitos humanos. O objetivo seria que a meditação, a partir da contemplação dessas imagens, auxiliasse na salvação do homem.

Nesse contexto, Borysow (2010) cita o trabalho de Maurice Van Woensel: *Simbolismo animal na Idade Média: os Bestiários*. Segundo Woensel (2001 *apud* Borysow, 2010, p. 85), na cosmovisão cristã medieval, animais, plantas, rios e relâmpagos, floresta e o arco-íris eram um livro aberto, “figuras de outra realidade, sobrenatural e eterna. Tudo que Deus criou tinha um sentido profundo e os clérigos se empenhavam na descoberta do significado de cada coisa ou ser criado”.

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (2013) entende que Guimarães Rosa projeta, por meio dos animais, sensibilidade lúcida que questiona e exprime a crise de valores da modernidade. No entendimento de Cunha (2013), a relação com os animais na ficção rosiana propõe uma nova leitura da condição existencial do homem. Com essas premissas, a pesquisadora considera que *Ave, Palavra*, como um todo, pode ser lido como bestiário contemporâneo, os quais não são simples releituras do gênero, mas espaços de reflexão crítica sobre aspectos literários, culturais e políticos dos modelos anteriores e da literatura atual. Na avaliação da pesquisadora, Guimarães Rosa reinventa os bichos a partir da linguagem, reconhece neles características que permitem construir relação de originalidade e identidade, ofertando a esses animais estrutura polifônica e função poética mítica.

Se Borysow (2010) vê a série “Zoo” de *Ave, Palavra* e o *Álbum ZOOS* como bestiários e Cunha (2013) considera todo o *Ave, Palavra* como bestiário, Elvira Livonete Costa (2016) expande ainda mais o olhar. A pesquisadora usa o termo para falar da constância da temática animal na obra rosiana como um todo, em especial em *Magma* (Rosa, 1997), *Sagarana* e *Ave, Palavra*. Para Costa (2016, p. 6), “o homem roseano¹¹² configura um ente cuja vida demanda da participação do animal para ser, para compreender-se, para ligar-se ao outro e à Divindade. O animal o ajuda a se descobrir, vivenciar o amor e a experimentar a vida”.

Em correspondência de 11 de maio de 1947 endereçada ao tio Vicente Guimarães (2006, p. 137), Guimarães Rosa concebe a arte coisa tão séria quanto a natureza e a religião. Kelly Cristina Medeiros Ferreira (2009) vê o trinômio arte-natureza-religião perfeitamente amalgamado na obra rosiana. Para a autora, pela palavra, Rosa expressa sua concepção religiosa, a qual tem como premissa o desejo de religar o ser humano ao universo. Nessa perspectiva, a natureza comparece como organismo vivo.

¹¹² Alguns autores preferem o uso de “roseano” em vez de “rosiano”. Como o trecho está entre aspas, mantivemos a opção do autor.

Na avaliação de Mônica Meyer (1998, p. 193), autora de *Ser-tão natureza*, “a natureza para Guimarães Rosa é um ritual de passagem para alcançar a espiritualidade e a transcendência, e assim se tornar, transformando-se, cada vez mais SER-TÃO”. Para Meyer (1998, p. 194), “a natureza acaricia, alegra e refresca a alma de Guimarães Rosa, inspira o amor e o louvor do Criador, mais próximo de si e mais próximo de Deus”. Nesse contexto, a partir deste capítulo em que atacamos por diversos flancos a peculiar relação de Guimarães Rosa com os animais, tendo como centro espaço-temporal Paris, em 1950, sigamos para a terceira e última etapa deste trabalho.

3 OBRA

Chegamos ao terceiro e último capítulo desta dissertação. Passamos pela descrição do datiloscrito na primeira parte, a significativa relação de Guimarães Rosa com os animais na segunda parte e, agora, buscaremos vestígios que nos aproximem dos motivos para o escritor, tão conhecido pela originalidade de seu trabalho autoral, ter se dedicado a coletar, traduzir e transcrever, em duas versões, notícias de jornais sobre animais publicadas ao longo de 1950.

Por que Guimarães Rosa fez o datiloscrito? O material serviu para algo? É possível identificar conexões entre o documento e a obra do escritor? Essas perguntas já foram feitas por dois pesquisadores. Para Borisow (2005), a constituição de *1950: Um ano zoológico*, na esteira do *Álbum ZOOS*, estaria comprometida com o processo de criação de uma obra a ser publicada, um almanaque de notícias sobre animais. Camargo (2018) também define *1950: Um ano zoológico* como obra inacabada. Para ele, o esmero com que a empreitada foi levada a cabo insinua que Guimarães Rosa visava à publicação do material. Na sequência, especula:

Um ano zoológico teria sido o segundo “livro” do autor de *Sagarana* – obviamente, agora na condição de organizador e tradutor. Que tipo de repercussão isso produziria na maneira como enxergamos a obra de Rosa hoje? Como interpretar esse desvio planejado e consciente da literatura de ficção para a compilação de artigos jornalísticos alheios? (Camargo, 2018, p. 258)

Para nos aproximarmos dessas questões, buscamos escavar as notícias do datiloscrito à luz da literatura rosiana. Se havia projeto de publicação, por algum motivo não levado adiante, conforme aponta a revisão bibliográfica acima, teria restado algo na obra, mesmo que residual, do esforço empreendido pelo escritor na produção de *1950: Um ano zoológico*?

Conforme apresentado na introdução deste trabalho, buscamos fugir das armadilhas do estabelecimento de marcos de origem absolutos. Ao contrário, analisamos os acúmulos (Lejeune, 2015). Não tratamos aqui de exercício genealógico linear, mas de arqueologia, conforme propõe Michel Foucault (2004):

O direito das palavras – que não coincide com o dos filólogos – autoriza, pois, a dar a todas essas pesquisas o título de arqueologia. Esse termo não incita à busca de nenhum começo; não associa a análise a nenhuma exploração ou sondagem genealógica. (Foucault, 2004, p. 149)

Tanto Borysow (2010) quanto Camargo (2008) investigaram possíveis relações entre o *Álbum ZOOS/1950: Um ano zoológico* e a literatura rosiana. Borysow lamenta que nenhuma relação possa ser encontrada, enquanto Camargo estabelece conexão entre uma das notícias do datiloscrito e duas narrativas de Guimarães Rosa: o conto inacabado “Marça, vermelha” e “Sequência”, de *Primeira Estórias*.

Além do achado de Camargo (2008), identificamos mais quatro oportunidades de aproximação novas que podem despertar interesse daqueles que pesquisam Guimarães Rosa. Os exercícios de conexão nomeiam as seguintes seções deste capítulo: 3.1 A vaca de Palermo; 3.2 Os cupins de Santa Helena; 3.3 Os catrumanos dos Gerais e os macacos de Bruxelas; 3.4 Fafafa e a heroica morte do estabuleiro e; 3.5 A panda, o crocodilo e o segredo de Diadorim. Já a seção 3.6 Os beija-flores das “Histórias de fadas” segue raciocínio diverso, conforme detalhado oportunamente à frente. O capítulo termina com a seção 3.7 Mosaico de colagens, que já nos prepara para a conclusão da dissertação.

3.1 A vaca de Palermo

As semelhanças entre a peça inacabada “Marça, vermelha” e “Sequência”, de *Primeiras estórias* (2001), permitem entender a segunda como a versão final e publicada da anterior:

Como adiantamos anteriormente, “Marça, vermelha” será reformulada como a narrativa “Sequência”, de *Primeiras estórias*. A reestruturação, a fim de adequá-la ao estilo dos outros contos do livro de 1962, só adicionou virtudes à estória. A psicologia da vaca é mais sutil e implícita, ao invés de analítica; extirpam-se os episódios secundários e a descrição retardante de outros animais e seu trato; o drama entre vaca e perseguidor torna-se o móbil da narrativa, ao mesmo tempo em que a personagem humana vem mostrada também nas suas fraquezas, dúvidas e dificuldades e não somente como inimiga antipática. (Camargo, 2018, p. 328)

A notícia é da região de Palermo, na Itália, e foi publicada no *Pommerigio*, em 4 de outubro de 1950. Trata-se da história do roubo de uma vaca com o seu bezerrinho, em Montallegre, província de Agrigente. Mesmo tendo acionado os carabineiros, o camponês roubado não teve notícias do paradeiro dos animais. Dias depois, a vaca chegou sozinha à propriedade e foi presa no estábulo, onde passou a manifestar comportamento atípico. Batia com os chifres na porta e mugia insistentemente. O camponês decidiu soltá-la para observar qual comportamento teria. Ao chegar a um arruado chamado Catrelica Eracles, a vaca estacou

em frente à porta de uma casa. Queria derrubá-la a chifradas. A polícia então verificou que na casa morava uma mulher, a mãe do ladrão que roubou a vaca e o bezerro. Ela foi presa. Segue a íntegra da notícia italiana. Os parênteses/colchetes são de Guimarães Rosa, que, em alguns momentos, propõe termos e verbos alternativos na tradução:

Palermo, 4 de outubro. – Tem-se notícia de um fato curioso e ao mesmo tempo comovente, acontecido em Montallegre, na província de Agrigente. Dias atrás, fôra roubada a um tal Angelo Cuffaro uma vaca com o bezerrinho. O roubado denunciou o furto aos carabineiros do lugar, que, entretanto, não obstante tôdas as buscas, não conseguiam rastrear (descobrir) o ladrão. Aí, sem mais nem menos, anteontem, a vaca, sem o bezerrinho, apareceu [reapareceu] de volta, nas proximidades da comuna de Cattelica Eracles. O animal foi restituído ao seu proprietário, e prêsa de novo no estábulo. Mas agora mostrava-se com imprevistas manias, batendo com os chifres na porta, e com os seus mugidos insistentes perturbava os camponeses das casinhas vizinhas. Ontem de manhã, o dono, de acordo com os carabineiros, decidiu-se a pôr em liberdade o animal, para ver o que ela faria. A vaca pegou novamente a estrada, tendo atravessado diversos povoados e sendo perseguida pelos carabineiros e por seu dono. Nem bem se viu sólta, e saída fora do estábulo, a pobre vaca parou (se deteve) um instante, daí girou em torno os olhos, como para recordar o seu angustioso itinerário, e partiu lentamente, direta no rumo da povoação (do POVOADO) chamado canale. Dali, passou no povoado de Conseria, e, seguindo sempre o caminho, alcançou a estrada que leva (conduz) a Catrelica Eracles, apressando de repente sua andadura. Com sumo estupor, do proprietário, dos carabineiros e de alguns camponeses, que a tinham seguido, a vaca atravessou ofegante o arruado, e, chegada a um pátio, estacou ante uma porta, querendo derrubá-la (arrombá-la) a chifradas. Uma mulher, que se achava em casa, e que se verificou ser a mãe do ladrão da vaca e do bezerrinho, foi prêsa. (Pommerigio, 4 out. 1950)

A história que está em “Marça, vermelha” e em “Sequência” tem como protagonista uma vaca. No caso do conto de Rosa, ela não foi roubada, mas fugiu da propriedade. A narrativa conta a jornada do animal até chegar à fazenda do Pãodolhão, de onde havia sido vendida, por um Major Quitério. Ela é perseguida pelo filho do homem que a comprou. O pai se chamava Seo Rigério. O nome do filho não é dito. Quando ele a alcança, já no pátio da fazenda do Pãodolhão, se depara com uma das filhas do Major, que o observava “desescondida”, e pela qual se apaixona à primeira vista.

Para Socorro Acioli (2024, p. 206), no final da segunda parte do conto, a gente tem mais certeza de que a vaca sabe para onde ela está indo, sendo essa certeza e determinação a principal semelhança entre o conto e a notícia italiana: “A gente já sabe para onde ela quer ir, mas a gente sabe que ela está muito determinada a ir: ‘seguia certa. Por amor, não por acaso’. Ela não vagava esperando que algo ou alguém dissesse qual seria o seu destino. Ela sabia aonde ir”.

A autora conclui seu comentário sobre “Sequência” a reforçar a ideia de “querência”, o lugar para onde se quer ir, o lugar que se ama. Para Acioli (2024, p. 217), o que a vaca protagonista e o narrador estão o tempo inteiro dizendo é que “a gente encontra o mel do maravilhoso quando segue em busca das nossas querências”. A autora também chama atenção para o apelo visual do conto, a escolha da forma, que lembra um roteiro de cinema:

Esse conto tem um ponto de vista, uma estrutura quase de uma câmera. Ele é quase um roteiro pronto. Para o audiovisual, os contos do Guimarães Rosa são muito visuais, mas esse tem uma ideia de plano sequência, quase uma sequência direta de imagens que vão se sucedendo, porque essa vaca não para. Ela não desiste, nem hesita nas encruzilhadas, segue certa. Essa certeza do percurso dela, essa persistência e a segurança com que ela vai ao lugar para onde ela quer ir é constante até o final e é de uma maneira tão clara e sempre com adjetivos e com verbos tão seguros, tão certeiros, que o conto nos leva a estar com ela nessa estrada. (Acioli, 2024, p. 205)

Se na notícia do *Pommerigio* a vaca estradeira leva a polícia a solucionar um crime, no conto “Sequência” a obstinação do animal em voltar para a terra de onde tinha sido tirada forçadamente leva um homem a encontrar o amor.

3.2 Os cupins de Santa Helena

“O homem de Santa Helena” compõe o livro póstumo *Ave, Palavra*, de 1970, mas foi publicado originalmente no suplemento “Letras e Artes”, do jornal carioca *A Manhã*, em 3 de maio de 1953. O texto não é um conto. Parece tratar-se de relato verídico, o que não garante que o seja. Nele, o narrador conta a conversa que teve no Itamaraty, entre 1934 e 1935, com um senhor paulista que morava em Santa Helena. O local é conhecido por ter sido a ilha em que Napoleão Bonaparte viveu exilado entre 1815 e 1821, ano de sua morte. O título tem, portanto, caráter irônico, pois o homem de Santa Helena remete a Napoleão, mas, ao lermos o texto, conhecemos a história desse brasileiro cujo nome desconhecemos, mas que afirmava ser à época o único estrangeiro da ilha.

Ele chegou lá em companhia de um astrônomo e geólogo americano. Em Santa Helena, conheceu uma mulher local e por lá ficou. O brasileiro era um comerciante bem-sucedido, que tinha o monopólio de uma das concessões mais vantajosas da ilha. O texto não nos revela qual. É nesse contexto que chegamos ao parágrafo que nos interessa. Em contraposição ao sucesso

do comerciante em Santa Helena, o narrador lembra outros brasileiros que desembarcaram na ilha “no outro século”, mas que não foram tão “construtivos”:

Porque também já aconteceu, no outro século, que uma horda de cupins brancos, viajando vingativamente num navio negreiro, desembarcou e enxameou lá, devorando a biblioteca pública e a maior parte do madeiramento das casas e edifícios da capital, de modo que quase toda Jamestown teve de ser recomeçada – a pau-teque e cipreste, essências que a térmita respeita... (Rosa, 2009, p. 103)

O curioso é que em *1950: Um ano zoológico* há um relato que também envolve Santa Helena e cupins. É uma nota intitulada “Cupins imperiais”, publicada no *France Dimanche*, em 24 de dezembro de 1950. Guimarães Rosa manteve o título no datiloscrito. Transcrevemos a seguir a íntegra da tradução feita pelo autor:

Cupins imperiais

Os cupins, flagelo de Santa Helena, estão devorando (destruindo a) Longwood-House, onde morreu Napoleão. Os próprios soberanos ingleses que insistiram junto ao Embaixador francês, Sr. Massigli, no sentido de que se faça o necessário para restaurar Longwood, cuja conservação incumbe (compete) à França. (France Dimanche, 24 dez. 1950)

Nesse caso, não temos os elementos narrativos que aproximam a notícia do *Pommerigio* e o conto “Sequência”. De todo modo, pareceu-nos significativa a repetição incomum dos elementos Ilha de Santa Helena e cupins. O que o trecho de “O homem de Santa Helena” nos dá a entender é que, possivelmente, a origem dos cupins da ilha é brasileira. Chama atenção, também, que a informação dos cupins parece dispensável ao entendimento do relato. É uma curiosidade que o autor sabia e levou para o texto entre dois parágrafos sobre o empreendedor paulista. Não há desdobramento sobre os cupins no relato. É apenas um registro de caráter enciclopédico.

Não se trata do mesmo episódio de destruição causada pela praga. A notícia e o texto de Guimarães Rosa trazem tempos e espaços distintos. A notícia fala especificamente da casa onde Napoleão morreu (Longwood-House). E a situação de corrupção da madeira por conta da térmita ocorre no presente, 1950. Já o texto de *Ave, Palavra* fala da destruição da biblioteca pública e da maior parte de casas e edifícios de Jamestown, ocorrida “no outro século”, o que nos parece ser o século XIX.

Feitas essas observações, inferimos que em algum momento Guimarães Rosa deparou com a questão dos cupins de Santa Helena ou se interessou ativamente por pesquisar o tema

com mais detalhes do que os que são trazidos na notícia de 1950. Pode ser algo de que ele já tinha conhecimento quando recortou e colou a nota no *Álbum ZOOS* ou algo a que teve acesso depois.

No último parágrafo do texto, o narrador afirma que, logo que se despediu do homem de Santa Helena, telefonou para a redação de um jornal, resumindo o caso e “encarecendo que o procurassem”. Essa “sugestão de pauta”, com palavras de hoje, corresponde ao acesso relativamente fácil que Guimarães Rosa tinha aos editores dos jornais do Rio de Janeiro.¹¹³ A passagem corrobora entendimento de Castro e Jubé (2019), que contestam premissa de uma aversão completa e permanente do autor pelo jornalismo. Segue trecho de “O homem de Santa Helena” sobre o assunto:

Coisas mais me disse, pois conversamos bastante, e eu achei que devia repartir com o público minha informação. Tirado de alguma dúvida, ele concordou em dar entrevista. Estava hospedado num hotel do Largo de São Francisco, ou adjacências. Assim, mal se despediu, telefonei para a redação de um jornal, resumi o caso, encarecendo que o procurassem. Agradeceram-me, muito. Por dias, esperei ler a reportagem. Como, porém, nada saísse, perdi o meu porfio – isto é, nunca mais nada se soube a respeito do brasileiro de Santa Helena. (Rosa, 2009, p. 104)

Para Castro e Jubé (2019), como já mencionado no capítulo 1, Guimarães Rosa demonstrava ambiguidade ao falar da sua relação com a imprensa, ora com proximidade, ora com inquietude, inadequação e angústia. “O homem de Santa Helena”, além de outros 134 textos do autor, foi publicado originalmente em jornal.

Sem contar a coincidência temática com a nota do *France Dimanche*, esta já é uma história duplamente jornalística, pois se trata de um texto publicado em jornal sobre um relato que o narrador achou tão interessante que tentou pautá-lo na imprensa. Podemos dizer também que foi realizada uma entrevista prévia com o personagem para que, posteriormente, jornalistas de ofício fizessem uma segunda entrevista.

Não é incomum em Guimarães Rosa o uso de técnicas de reportagem em seus trabalhos. Castro e Jubé (2019) resgatam o interesse de Rosa pelas dinâmicas interativas de conversação, diálogos, entrevistas em suas narrativas, e lembram que o escritor era um perguntador

¹¹³ Castro e Jubé (2019) concluem que a percepção ética, estética e estratégica de Rosa para com a prática jornalística e seus atores, assim como algumas marcas do jornalismo em sua literatura, são alimentadas pelo estímulo financeiro, pela garantia de visibilidade e proximidade do público leitor e pela presença de amigos em cargos editoriais.

contumaz. É o caso de “Entremeio: Com o Vaqueiro Mariano” e “Meu tio, o Iauaretê”, reunidas em *Estas estórias* (Rosa, 2015), além de *Grande Sertão: Veredas*.

A quase-entrevista ou a semi-entrevista é a técnica utilizada para o compartilhamento tácito do mediador com o ouvinte e vice-versa. Neste compartilhamento, o interlocutor (de Riobaldo, por exemplo) quer entender como e por que um sertanejo semiletrado, ex-jagunço, assimilou, aprendeu e se colocou complexas e sofisticadas questões de ordem filosófica e existencial. A entrevista aparece aqui com a capacidade de mediar testemunhos, com ou sem críticas e julgamentos, diante da abertura à escuta do outro. (Castro; Jubé, 2019, p. 155)

O *Álbum ZOOS* e o datiloscrito *1950: Um ano zoológico* indicam uma espécie de retroalimentação jornalística rosiana. Longe de ser um completo avesso aos jornais, Guimarães Rosa era leitor diário de jornais, tinha nos jornais veículos para publicar sua literatura e ganhar dinheiro com essas publicações.¹¹⁴ Além disso, usava os jornais como matéria-prima no seu exercício literal de recorta e cola prático no caso do *Álbum ZOOS*, mas também metafórico, tendo em vista os rastros deixados por notas, reportagens e entrevistas em sua obra.

3.3 Os catrumanos dos Gerais e os macacos de Bruxelas

A notícia “Macacos fugitivos invadem um grande armazém”, de 20 de setembro de 1950, publicada no *Le Figaro* no dia seguinte, foi traduzida do francês por Guimarães Rosa para *1950: Um ano zoológico* sem o acompanhamento do título original.¹¹⁵ São três as escolhas do autor para aos títulos do datiloscrito: preservar o título original, criar título com estética próxima à das fábulas e dos contos ou omitir o título original, que foi a opção dessa vez, conforme transcrição a seguir:

BRUXELAS, 20 de setembro. – Os bombeiros e a polícia de Bruxelas passaram a noite e uma parte da manhã perseguinto (na perseguição) de vinte e um macacos fugidos de um circo. Conseguiram dêles capturar vinte. Esses macacos tinham saído de suas jaulas, diante da Bolsa de Bruxelas, ontem, no momento em que eram transferidos (os transferiam) provisoriamente a (para) um grande armazém de mercadorias, em plena afluência. A clientela fugira ante essa avalanche simiesca, e os empregados do armazém assistiram,

¹¹⁴ Para Castro e Jubé (2019), são três os motivos pelos quais Rosa estava sempre atento às páginas de jornais: (i) contextualização da geopolítica nacional e internacional, tendo em vista que era diplomata; (ii) divulgação do seu trabalho, pois era sempre citado e comentado, fazendo clipagem das notinhas sobre ele; e (iii) busca de lucro e ganhos financeiros na negociação de seus textos com editores (quase sempre era esse o motivo prevalecente).

¹¹⁵ “Des singes évadés envahissent um grand magasin” (tradução nossa).

impotentes, aos estragos que faziam vários macacos entre as meias de nylon, enquanto que outros se balançavam de um tubo de néon a outro. Um dêles deitão a mão (agarrou o) ao chapéu de maire, Snr. Joseph Van de Meulebreeck, que organizava a perseguição. Mas um policial pôde pegar de uma só vez o chapéu e o ladrão, que o passava entre as pernas. Quatro bombeiros foram mordidos pelos “evadidos”, quando tentavam capturá-los, empoleirados (encarapitados) em suas escadas. De manhã, quatro desses quadrúmanos faziam ainda acrobacias de alto a baixo da fachada do armazém, alto de sete andares. Um quinto limpava o relógio da Bolsa! Procura-se ainda o derradeiro fugitivo. (Le Figaro, 21 set. 1950, grifo nosso)

Sem qualquer aproximação de enredo, o que motivou a inclusão da notícia neste rol de pontos de contato entre o datiloscrito de 1950 e a obra rosiana foi a presença na notícia do termo *quadrúmanos*, no francês original da matéria *quadrumanes*, em substituição ou como sinônimo de *macacos*. O vocábulo *quadrúmano* é ligado etimologicamente a *catrumano*, palavra cara a Guimarães Rosa, ou a Riobaldo, que é quem nos conta a história. O termo é repetido 28 vezes em *Grande Sertão: Veredas*. Em *O Léxico de Guimarães Rosa*, Nilce Sant’Anna Martins (2001) apresenta assim o verbete para catrumano:

Caipira, matuto, sertanejo. //Bras. region. de uso frequente na obra de GR. Conot. Depreciativa. A etimologia (de quadrúmano. Alter. Prosódica por quadrúmano) leva à aproximação com quadrúpede. [Os catrumanos encontrados por Riobaldo (2^a ex.) vivem na mais completa miséria, o que o leva a reflexões deveras significativas]. (Martins, 2001, p. 108).

O lugar limítrofe dos catrumanos dos Gerais de Guimarães Rosa entre os homens e os animais é explorado na fortuna crítica sobre o romance. Em *Grande Sertão: Veredas – da antropofagia ao canibalismo*, Élide Valarini Oliver (2013, p. 184) escreve que *quadrúmana* na taxonomia era o nome dado a uma ordem (categoria taxonômica) composta por “lêmures e outros tipos de macacos que têm pés e mãos igualmente preênseis”.

Vemos aqui deslocada a questão entre humanos bípedes e macacos quadrúmanos, catrumanos. Num mundo de valentias humanas, sejam elas de jagunços ou teólogos, os quatro-mãos, quadrúmana, catrumanos, não são manos, irmãos, mas uma espécie à parte, quase-humanos. Mas, cuidado, é no mundo humano que se metem os pés pelas mãos, com rabo ou não. Um mundo do avesso. (Oliver, 2013, p. 184)

Em *A garganta das Minas: ensaios de História regional*, Aparecido P. Cardoso (2022) recupera informação contida no Musée Scolaire Émile Deyroole (Cameski, 2020) de que os quadrúmanos, na zoologia do século XIX, seriam os “primatas não-humanos” (nomenclatura

da época) e englobavam o chimpanzé, o orangotango, o gorila, o babuíno, o macaco verde, o macaco-prego, o mico-leão-dourado, o sagui etc.

Para Cardoso (2022), a etimologia do vocábulo *catrúmano* explica as injúrias raciais de *macaco*, *macaqueiro* e *quatromano* que os barranqueiros das cidades de São Francisco e Januária dirigiam aos moradores das caatingas em meados do século XX. Em reforço ao argumento, o autor cita Lasmar (2012 *apud* Cardoso, 2022, p. 213), que afirma que “a palavra *catrúmano* era um modo, *meio que satírico, de se chamar polidamente uma pessoa de macaco*”. (Grifo do autor).

Cardoso (2022, p. 222) chega a afirmar que “a própria caracterização física dos catrumanos em *Grande Sertão: Veredas* traz o peso do costumeiro racismo do sertão”. Para sustentar o argumento, faz referência ao artigo *Rastros de racismo nas veredas riobaldianas* (Augusto, 2022 *apud* Cardoso, 2022, p. 222), que enxerga uma “insistência com que os personagens negros são figurados através de uma perspectiva depreciativa” em *Grande Sertão: Veredas*.

Esse lugar do meio entre homem e macaco é explorado em *Grande Sertão: Veredas* no episódio canibalista da primeira tentativa de travessia do Liso do Sussuarão em busca de Hermógenes. Na ocasião, “zuretados de fome”, membros do bando ainda liderados por Medeiros Vaz atiram num “macaco vultoso”, o destrincham e o quarteiam. Riobaldo provou da carne. Diadorim, não. A partilha daquela “caça” foi interrompida apenas quando os jagunços sentiram falta do rabo do bugio.

Por quanto — juro ao senhor — enquanto estavam ainda mais assando, e manducando, se soube, o corpudo não era bugio não, não achavam o rabo. Era homem humano, morador, um chamado José dos Alves! Mãe dele veio de aviso, chorando e explicando: era criatura de Deus, que nú por falta de roupa... Isto é, tanto não, pois ela mesma ainda estava vestida com uns trapos; mas o filho também escapulia assim pelos matos, por da cabeça prejudicado. Foi assombro. A mulher, fincada de joelhos, invocava. Algum disse: — “Agora, que está bem falecido, se come o que alma não é, modo de não morrermos todos...” Não se achou graça. Não, mais não comeram, não puderam. Para acompanhar, nem farinha não tinham. E eu lancei. Outros também vomitavam. A mulher rogava. Medeiro Vaz se prostrou, com febre, diversos perrengavam. — “Aí, então, é a fome?” — uns xingavam. (Rosa, 2015, p. 56)

Oliver (2013, p. 180) estranha a confusão dos jagunços, que só teriam percebido a falta de rabo daquele “macaco vultoso” depois de morto, destrinchado, quarteado e assado. A conveniência do erro é uma das contradições apontadas pela autora no episódio. O menino José

dos Alves era pobre, nu, da cabeça prejudicado e, sem dúvida, sem rabo. Importa registrar que não há indicativo de raça ou cor na descrição do menino e de sua mãe.

Se a ausência de rabo faz do menino “homem humano”, sua pobreza, nudez e capacidade cognitiva comprometida o afastariam da condição humana, dos seres providos de alma. Assim, o erro de julgamento daqueles jagunços, incontornável a partir da chegada da mãe do menino, é visto por Oliver (2013) também como possível arrependimento, mudança de posicionamento.

Predadores de José dos Alves, os jagunços, na análise de Oliver (2013), também ocupavam posição marginal na sociedade e, movidos pela fome e pelo medo da morte, teriam mais dificuldade que a média das pessoas de compreender as balizas que sinalizam os limites entre o mundo natural e o mundo humano.

Estar da cabeça prejudicado é estar, portanto, abaixo do mundo humano. É pertencer já à esfera inferior do mundo animal, pois a capacidade de raciocínio, julgamento, etc., que formam, no entender dos teólogos, a alma, e, no entender dos filósofos, a essencialidade da condição humana, não está presente. Disso, até mesmo o jagunço sabe, visto que corpo, sem alma, se pode comer. (Oliver, 2013, p. 184)

Se a proximidade aos macacos reforça o teor depreciativo dado aos catrumanos dos Gerais, essa mesma proximidade com o mundo animal desperta em Riobaldo cautela e respeito. Uma passagem que marca essa diferença é, talvez, também pista sobre a importância que Guimarães Rosa, aqui por meio de Riobaldo, dava aos animais.

O bando de jagunços, nesse momento da trama, liderado por Zé Bebelo, estava em “fundos fundos” quando se deparou com “os quantos homens, de estranhoso aspecto, que agitavam manejos” para voltarem de onde estavam. Eram os catrumanos.

Que o que acontecia era de serem só esses homens reperditos sem salvação naquele recanto lontão de mundo, groteiros dum sertão, os catrumanos daquelas brenhas. O Acauã que explicou, o Acauã sabia deles. Que viviam tapados de Deus, assim nos ocos. Nem não saíam dos solapos, segundo refleti, dando cria feito bichos, em socavas. Mas por ali deviam de ter suas casas e suas mulheres, seus meninos pequenos. Cafuas levantadas nas burguéias, em dobras de serra ou no chão das baixadas, beira de brejo; às vezes formando mesmo arruados. (Rosa, 2015, p. 316)

O alerta dos catrumanos para não seguirem naquela estrada era para que os jagunços não tivessem contato com o povo do Sucruiú, que estava contaminado com a “peste da bexiga preta” (varíola). A conversa se desenvolve e, em dado momento, sem motivo aparente, no

entendimento de Riobaldo para agradar o bando, “a mais eles todos riram, as tantas grandes bocas, e não tinham quase nenhum dente” (Rosa, 2015, p. 317-318).

O riso dos catrumanos nos remete ao “Animal que ri”, poema de abertura do livro *Les animaux et leurs hommes, les hommes et leurs animaux* (1920),¹¹⁶ do escritor francês Paul Eluard. Guimarães Rosa cita versos de outros dois poemas da mesma obra na versão das “Histórias de Fadas” publicada no jornal *Correio da Manhã*, em 1947, e em carta de 1946 a João Condé sobre *Sagarana*. Os dois serão abordados na última seção deste capítulo. O “Animal que ri”, de inspiração dadaísta, é curto e merece transcrição na íntegra:

O mundo ri
O mundo está feliz, contente e alegre.
A boca se abre, abre suas asas e tomba.
As bocas jovens tombam
As bocas velhas tombam
Um animal ri igual
Estende a alegria contorsiva
Sobre todos os lugares da terra
O pelo balança, a lã dança
E os pássaros ficam sem plumas.
Um animal ri igual
E salta longe de si
Um animal fugiu.

Paul Eluard¹¹⁷

Eduardo Jorge de Oliveira (2014), em análise sobre o uso da obra de Eluard por Georges Bataille, registra que o filósofo francês publicou um verbete, em 1930, no número 5 da revista *Documents*, intitulado “Boca”. Para Bataille (1987 *apud* Oliveira, 2014, p. 289), “a boca seria por onde começam os animais”. Ainda no tema do riso, o desfecho desse primeiro encontro com os catrumanos se dá com o não acolhimento do bando de Zé Bebelo do alerta sobre os riscos do contato com o povo do Sucruiú. Os jagunços seguem viagem a rir daqueles catrumanos. Riobaldo não riu e afirmou que, depois desse dia, nunca mais riu honesto na vida. O protagonista parece se incomodar com o pouco caso que os companheiros faziam dos catrumanos. Essa proximidade com os animais, pois “estavam menos arredados dos bichos do

¹¹⁶ *Os animais e seus homens, os homens e seus animais* (tradução nossa).

¹¹⁷ “Le monde rit/ Le monde est heureux, content et joyeux. / La bouche s’ouvre, ouvre ses ailes et retombe. / Les bouches jeunes retombent/ Les bouches vieilles retombent// Un animal rit aussi/ Etendant la joie de ses contorsions/ Dans tous les endroits de la terre/ Le poil remue, la laine danse/ Et les oiseaux perdent leurs plumes// Un animal rit aussi/ Et saute loin de lui-même./ Le monde rit,/ Un animal rit aussi/ Un animal s’enfuit.” (Eluard, 1920, p. 17). Tradução de Eduardo Jorge de Oliveira (2014, p. 288).

que nós mesmos estamos”, soa para Riobaldo como algo sobre o qual deveriam aprender e de que era perigoso caçoar: “Rir, o que se ria. De mesmo com as penúrias e descômodos, a gente carecia de achar os ases naquele povo de sujeitos, que viviam só por paciência de remediar coisas que nem conheciam. As criaturas” (Rosa, 2015, p. 318).

Curiosamente, Teofrásio, nome do líder dos catrumanos, tem esse Teo (Deus) inicial que em Rosa nunca é gratuito. O nome se aproxima também de Teofrasto, que significa “aquele que tem eloquência divina”, e, por esse significado ligado à eloquência, diz-se que foi o nome dado por Aristóteles a filósofo discípulo, antes chamado de Tirtamo. Como propõe Ana Maria Machado em *Recado do nome* (2003, p. 23), a leitura de Guimarães Rosa, à luz do nome de seus personagens, é não só possível, mas indispensável, e são muitas as leituras possíveis da obra do escritor, “pois a multiplicidade dos fios que formam a trama do texto não se esgota”. A pesquisadora lembra que o próprio autor chamava atenção para “o aspecto de tessitura, de tecido, de texto, enfim, que apresenta sua narrativa, composta de inúmeros fios trançados” (Machado, 2003, p. 23).

O olhar de Riobaldo sobre a relação entre os catrumanos e os bichos nos faz recordar de Guimarães Rosa em busca de refúgio no Zoológico de Hamburgo durante os bombardeios da Segunda Guerra, conforme tratamos no capítulo 2. Lembra-nos, também, o Rosa do exercício diário, durante o ano de 1950, de recortar, colar e transcrever notícias sobre os animais. Os catrumanos reforçam esse horizonte que parece haver em Guimarães Rosa dos animais enquanto travessia necessária da imanência à transcendência.¹¹⁸ Vamos explorar essa questão mais detidamente nas duas últimas seções deste capítulo.

3.4 Fafafa e a heroica morte do estabuleiro

A notícia da United Press “Estabuleiro morre tentando salvar cavalos”,¹¹⁹ de 11 de junho de 1950, publicada no *New York Herald Tribune* no dia seguinte, foi traduzida do inglês por Guimarães Rosa para 1950: *Um ano zoológico* com o título original rasurado e, ao lado, escrito à caneta: “A heroica morte do estabuleiro”, transcrita na íntegra a seguir:

CHICAGO – 11 de junho (U.P). – Um môço de estrebaria (cavalariaço, estribeiro) morreu junto com vinte-e-dois cavalos de corridas que êle tentava

¹¹⁸ Para saber mais sobre os catrumanos em Guimarães Rosa, consultar “*Homens reperdidos sem salvação*” – *catrumanos: representação, ameaças e limites em Grande Sertão: veredas*, de Ana Daniela Rezende Pereira Neves (2011).

¹¹⁹ “Stablehand perishes, tries to save horses” (tradução nossa).

(tentou) salvar, quando um raio (corisco) ateou ontem um incêndio que destruiu uma grande cocheira (estrevaria) na granja (fazenda) de Emil Denemark. O Sr. Denemark, dono de uma grande (big) agência de automóveis (importante), disse que o fogo (incêndio) acarretou (deu) um prejuízo de U S \$ 700.000. O cavaliço Frank Nemecek, com 48 anos, deu sua vida tentando entrar nas baías para salvar alguns cavalos. Um dos cavalos que morreram (vitimados) foi Curtice, que ganhou a “Futurity” de US\$ 57.850, no ano passado, no Washigton Park e o Prêmio “Prairie” de \$ 19.500, naquela pista mesma (também). Outros cavalos que pereceram foram: Red Mood, Margaret Blen, Silver Pony, Trevit, Bog Fair e Raphael II – um cavalo de estirpe (criação) francesa, que gerou (pai de) do famoso Enforcer, também de Denemark. (New York Herald Tribune, 12 jun. 1950)

O ato de coragem de Frank Nemecek no episódio do incêndio que matou 22 cavalos de corrida em Chicago nos aproxima do jagunço Fafafa e da passagem do sacrifício dos cavalos no cerco da Fazenda dos Tucanos. Para Luiz Roncari (2015, p. 177), o cerco da Fazenda dos Tucanos é um dos momentos mais agudos de *Grande Sertão: Veredas*, que culmina com a matança dos cavalos – “ato aparentemente gratuito, mas de extrema crueldade, que talvez só sirva para revelar o grau de ferocidade dos opositores”.

Fafafa é um dos personagens secundários mais citados em *Grande Sertão: Veredas* e o jagunço que tem a relação mais próxima com os cavalos. É por isso, também, o que mais sofre com o episódio da Fazenda dos Tucanos. Em uma das menções a Fafafa, Riobaldo diz que o companheiro estimava irmãmente os cavalos, que deles tudo entendia e que era mestre em doma e em criação. Mais adiante, Riobaldo reforça essa forte conexão ao afirmar que Fafafa estava sempre cheirando a suor de cavalo, e que, quando se deitava no chão, o cavalo vinha cheirar a cara dele. Em outra passagem, diz que Fafafa, “que tanto gostava simples de cavalos, era o prestante para cuidar dum animal, em mesmo dele não sendo” (Rosa, 2015, p. 353).

A Fazenda dos Tucanos era uma fazenda grande, com pastagem formada, recém-abandonada. O bando, nesse momento da narrativa sob o comando de Zé Bebelo, ali descansaria três dias. Na madrugada do dia em que decidiram seguir viagem, Simião, Fafafa e Doristino foram ao posto pegar os cavalos. A paz naquela fazenda começou a incomodar Riobaldo. Tudo estava tranquilo demais.

Aí o que pasmava era a paz. Pensei por que seria tudo alheio demais: um sujo velho respeitável, e a picumã nos altos. Pensei bobagens. Até que escutei assoviação e gritos, tropejar de cavalaria. “Ah, os cavalos na madrugada, os cavalos!...” — de repente me lembrei, antiquíssimo, aquilo eu carecia de rever. Afôito, corri, compareci numa janela — era o dia clareando, as barras quebradas. O pessoal chegava com os cavalos. Os cavalos enchiam o curralão, prazentes. Respirar é que era bom, tomar todos os cheiros. Respirar a alma

daqueles campos e lugares. E deram um tiro. (Rosa, 2015, p. 268) O primeiro tiro anuncia o combate mais sangrento de todo o romance. O Simião foi um dos primeiros a morrer. Sobre Doristino, o outro companheiro que foi pegar os cavalos, Riobaldo ficou sem notícia. E o Fafafa? “Fafafa, não. Fafafa está é matando!...” foi o que responderam a Riobaldo (Rosa, 2015, p. 268).

Não contentes com a violência comum dos tiros de rifle das guerras do sertão, os Hermógenes, dessa vez, cruzaram nova margem do hediondo. Colocaram fogo no curral onde estavam presos os cavalos do bando. Se na notícia de Chicago o fogo no estábulo resultou de um raio, na Fazenda dos Tucanos a ação foi criminosa.

[...] os cavalos desesperaram em roda, sacolejados esgalopeando, uns saltavam erguidos em chaça, as mãos cascantes, se deitando uns nos outros, retombados no enrolar dum rolo, que reboldeou, batendo com uma porção de cabeças no ar, os pescoços, e as crinas sacudidas esticadas, espinhosas; eles eram só umas curvas retorcidas! Consoante o agarre do rincho fino e curtinho, de raiva — rinchado; e o relincho de medo — curto também, o grave e rouco, como urro de onça, soprado das ventas todas abertas. Curro que giraram, trompando nas cercas, escouceantes, no esparrame, no desembêsto — naquilo tudo a gente viu um não haver de dôidas asas. Tiravam poeira de qualquer pedra! Iam caindo, achatavam no chão, abrindo as mãos, só os queixos ou os topetes para cima, numa tremura. Iam caindo, quase todos, e todos; agora, os de tardar no morrer, rinchavam de dôr — o que era um gemido alto, roncado, de uns como se estivessem quase falando, de outros zunido estrito nos dentes, ou saído com custo, aquele rincho não respirava, o bicho largando as forças, vinha de apertos, de sufocados. (Rosa, 2015, p. 280)

Riobaldo registra que todo o bando sentia aquela crueldade, mas destaca o sofrimento de Fafafa, que chorava. A situação ainda piora, pois o método do fogo não levou à morte instantânea dos animais, o que criou imagem infernal, com os cavalos a agonizar no curral. Nesse contexto, Fafafa bramou: “Arre, eu vou lá, eu vou lá, livrar da vida os pobrezinhos!...”. Os demais companheiros não deixaram, “[...] porque isso consumava loucura. Não dava dois passos no eirado, e ele morria fuzilamento, em balas se varava, ah. Agarramos segurado o Fafafa” (Rosa, 2015, p. 281).

Esse momento da narrativa nos faz pensar que, ao estabuleiro de Chicago, faltaram companheiros que contivessem seu ímpeto de salvar os cavalos, e que ele pode ter testemunhado com olhos e ouvidos cenário parecido com o descrito por Riobaldo nos Tucanos:

O senhor não sabe: rincho de cavalo padecente assim, de repente engrossa e acusa buracões profundos, e às vezes dão ronco quase de porco, ou que desafina, esfregante, traz a dana deles no senhor, as dôres, e se pensa que eles viraram outra qualidade de bichos, excomungadamente. (Rosa, 2015, p. 281-282)

O sofrimento chegou ao ponto de tamanha insuportabilidade que os próprios algozes, os Hermógenes, começaram a atirar nos cavalos para cessar aquela agonia. A medida trouxe alívio para Zé Bebelo e outros integrantes do bando, mas Fafafa permaneceu calado “o quanto pôde, se assentou no chão, com as duas mãos apertando os lados da cara, e cheio chorou, feito criança — com todo o nosso respeito, com a valentia ele agora se chorava” (Rosa, 2015, p. 282-283).

Se não fosse contido pelos companheiros, Fafafa estaria morto. Mas Fafafa sobreviveu a essa e às demais batalhas do sertão. Foi um dos poucos antigos jagunços a envelhecer próximo a Riobaldo. Logo nas primeiras páginas do livro, tempo presente de Riobaldo, ele se refere ao vizinho Fafafa, que tem uma eguada, que cria cavalos bons. O estabuleiro de Chicago Frank Nemecek não teve a mesma sorte.

3.5 A panda, o crocodilo e o segredo de Diadorim

Duas notícias transcritas por Guimarães Rosa em 1950: *um ano zoológico* têm enredos similares e nos interessam para este exercício. Uma delas, de 23 de fevereiro de 1950, vem de Londres e foi publicada no dia seguinte por um jornal francês não especificado pelo autor no datiloscrito. Com o título original “O panda gigante tinha um segredo” e traduzida pelo autor como “O segredo do panda gigante”, a nota curta conta a história da morte de um panda do Zoológico de Londres que era conhecido por todos como fêmea. Somente na autópsia descobriu-se que o animal, de cinco anos, era, na verdade, macho. Segue a íntegra da notícia:

O segredo do panda gigante

LONDRES, 23 de fevereiro – Favorito de milhares de crianças, o panda gigante do Zoo de Londres vem de morrer, com a idade de 5 anos. Ele era o único de sua espécie nos jardins zoológicos da Europa. O panda tinha um segredo, que ele guardou até a sua morte. Seus guardas o chamavam de “minha velha”, os meninos (as crianças) diziam: “Como ela é bonita”. Ora, depois da autópsia, as autoridades do Zoo declararam: “era um macho”. (Jornal francês, 24 fev. 1950)

A outra notícia, da United Press, é de 15 de janeiro, tendo sido publicada no *New York Herald Tribune* em 16 de janeiro com o título “Crocodilo Marco Antonio é renomeado Cleópatra”.¹²⁰ A história é de um crocodilo do Zoológico de Cincinnati, nos Estados Unidos, que engoliu uma garrafa e precisou ser avaliado por um veterinário. Na avaliação sobre a necessidade de cirurgia, o médico constatou que aquele crocodilo conhecido como macho era, na verdade, uma fêmea. Guimarães Rosa chega a transcrever em inglês o título original, mas rasura-o e escreve ao lado à caneta um título autoral: “O sexo real do crocodilo”.

O sexo real do crocodilo

CINCINNATI – 15 de janeiro (U.P). – Marco Antônio, o crocodilo antropófago do Zoo de Cincinnati, foi rebatizado de Cleópatra, na sexta-feira. Depois que o crocodilo engoliu uma garrafa (POP BOTTLE), há três semanas, o dr. Carl A. Pleuger, veterinário do zoo, foi chamado para determinar se ele tinha de ser operado. Ontem, o Dr. Pleuger informou que o paciente era uma fêmea. Envergonhados, (confundidos, desconcertados, confusos, confundidos), os funcionários do zoo disseram haver comprado o réptil há doze anos, como sendo um macho. (New York Herald Tribune, 16 jan. 1950)

As duas histórias são do contexto zoológico, como categorizamos no capítulo 1, o mais recorrente do datiloscrito, com 49 menções na primeira versão do documento, correspondendo a 14% do total de notícias transcritas. No caso da panda, a revelação do sexo se dá na autópsia. Quando todos acreditavam tratar-se de uma fêmea, revelou-se macho após a morte. Já quanto ao crocodilo, o caminho é inverso. Marco Antonio, como era conhecido, foi submetido a uma consulta pré-operatória em que o veterinário identificou que o réptil, comprado havia 12 anos como macho, era fêmea. A partir de então, passou a ser chamada de Cleópatra.

As duas histórias nos remetem a um dos principais segredos de *Grande Sertão: Veredas* e dos pontos mais discutidos pela fortuna crítica relativa ao romance:¹²¹ o verdadeiro sexo do jagunço Reinaldo, Diadorim para Riobaldo e registrado no batistério, na matriz de Itacambira, com o nome Maria Deodolina da Fé Bettancourt Marins, “que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor...” (Rosa, 2015, p. 489).

Conforme explicamos no início deste capítulo, não há, nas tentativas em curso de aproximação entre o datiloscrito e a literatura rosiana, nenhuma ilusão a respeito de uma

¹²⁰ “Crocodile Mark Antony is renamed Cleopatra” (tradução nossa).

¹²¹ O Banco de Dados Bibliográficos João Guimarães Rosa traz quatro livros como resultado de pesquisa para a busca Diadorim, além de 26 capítulos ou partes de livro, 84 textos publicados em periódicos jornalísticos ou acadêmicos, 38 teses ou dissertações e 13 comunicações em eventos. Disponível em: https://www.usp.br/bibliografia/resultado_busca.php?s=grosa&termo=diadorim&busca=1&material=. Acesso em: 28 fev. 2025.

genealogia linear. Portanto, não se trata aqui de supor que a origem da ideia para a revelação do verdadeiro sexo de Diadorim esteja nessas duas notícias. De todo modo, na perspectiva dos acúmulos, é dever registrar esse enunciado comum entre as matérias transcritas para 1950: *Um ano zoológico* e essa passagem decisiva de *Grande Sertão: Veredas*.

É a mulher de Hermógenes, sequestrada na Bahia e presa no sobrado do arraial do Paredão na batalha final do romance, quem prepara o corpo de Diadorim. E, por ela, Riobaldo tem conhecimento do derradeiro segredo de Diadorim.

Eu dizendo que a Mulher ia lavar o corpo dele. Ela rezava rezas da Bahia. Mandou todo o mundo sair. Eu fiquei. E a Mulher abanou brandamente a cabeça, consoante deu um suspiro simples. Ela me mal-entendia. Não me mostrou de propósito o corpo. E disse...

Diadorim — nú de tudo. E ela disse:

— “A Deus dada. Pobrezinha...”

E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor — e mercê peço: — mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dôr não pode mais do que a surpresa. A côice d’arma, de coronha... (Rosa, 2015, p. 484-485)

Leandro Bessa (2022, p. 115) argumenta que, embora estivessem delimitados os dois lados do complexo Reinaldo/Diadorim, quando o corpo nu de Diadorim é conhecido, os nomes “o menino”, “Reinaldo”, “Diadorim” não comportam o sentido do efeito que se dá no segredo desvelado. E, não havendo mais como definir, Riobaldo exclama: “Eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo – ‘Meu amor!’” (Rosa, 2015, p. 485). Bessa faz referência também a Marcia Tiburi (2013 *apud* Bessa, 2022, p. 141), que entende que a morte de Diadorim produz um “gozo estético”, sendo Diadorim morta o momento apoteótico da narrativa em *Grande Sertão: Veredas*.

A própria sequência do narrar de Riobaldo após a revelação do segredo de Diadorim reforça esse caráter apoteótico citado acima. Com o sepultamento do corpo de Diadorim no cemitério do Paredão, o narrador decreta o fim da história ao interlocutor silencioso: “Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade. Fim que foi. Aqui a estória se acabou. Aqui, a estória acabada. Aqui a estória acaba” (Rosa, 2015, p. 486).

3.6 Os beija-flores das “Histórias de fadas”

Em todas as cinco seções anteriores, escavamos sítios que nos permitissem encontrar peças que aproximassem as notícias reunidas em 1950: *Um ano zoológico* à obra rosiana posterior. Nesta, porém, trataremos de uma arqueologia impossível. Uma notícia publicada pelo jornal francês *Le Figaro*, em 28 de setembro de 1950, foi traduzida por Guimarães Rosa sem o título original: “Quinze beija-flores brasileiros chegaram ao Museu pelos ares”¹²². O texto pode ser lido na íntegra a seguir:

Vinte e cinco gramas de água, dez gramas de açúcar, dez gramas de leite condensado, um quase nada de extrato de carne, um pouco de pó de carvão. Tal é o alimento (*l'entremets*) confeccionado pelo vivarium do Jardim das Plantas para quinze beija-flôres brasileiros que lá vieram residir. Chegados por avião do Rio de Janeiro, via Hamburgo, êles suportaram bem a viagem e espera-se que se aclimatarem. Uma primeira tentativa, efetuada antes da guerra, não tinha sido encorajadora; mas, depois, fizeram-se progressos no conhecimento de suas condições de existência, e há deles que vivem há já 9 anos, em Copenhague. Isso dá confiança. Esses quinze trochilídeos (nome científico), pesando cada um umas cinco gramas, pertencem a quatro espécies diferentes e possuem uma plumagem maravilhosa, onde dominam os tons ouro, topázio e rubis. A notar que êsses voláteis absorvem num dia o dobro de seu peso da comida de que falamos, e que, contido numa pequena garrafa na qual se introduziu um tubo de borracha, se apresenta sob a forma de mingau. (Le Figaro, 28 set. 1950)

A viagem de avião de 15 colibris brasileiros para a Europa tem pontos de contato significativos com outra viagem de avião de outros 15 colibris brasileiros para a Europa, aquela apresentada nas “Histórias de fadas”. Na notícia francesa, o itinerário dos beija-flores se inicia no Rio de Janeiro, com escala em Hamburgo, tendo como destino o Jardin des Plantes, jardim botânico ligado ao Museu de História Natural de Paris. Já nas “Histórias de fadas”, a jornada das aves começa no Recife, com escalas em Dacar e Portugal, e termina no Zoológico de Copenhague, na Dinamarca. Os dois enredos, mesmo que com detalhes distintos, se preocupam em registrar os cuidados tomados pela tripulação para que os pássaros suportassem o voo.

Essas semelhanças são mais fortes que a maioria das citadas nas demais seções deste capítulo, sendo, portanto, mais que suficientes para constarem neste rol. O problema é de ordem cronológica. As “Histórias de fadas” têm duas versões. A segunda está no livro póstumo *Ave, Palavra*, de 1970, mas a primeira, maior, foi publicada 23 anos antes, em 20 de abril de 1947,

¹²² “Quinze oiseaux-mouches brésiliens sont arrivés au Muséum par la voie des airs” (tradução nossa).

no jornal carioca *Correio da Manhã*, e, portanto, com três anos de antecedência da publicação da notícia do *Le Figaro*.

“Histórias de fadas” foi o primeiro texto inédito de Guimarães Rosa publicado depois do lançamento de *Sagarana* (1946). Borisow (2005) já havia registrado as semelhanças entre os dois textos,¹²³ mas descartou uma análise mais apurada justamente em decorrência da anterioridade das “Histórias de fadas” em relação ao datiloscrito.

Cogitamos seguir o mesmo caminho de Borisow, mas algumas considerações feitas por Camargo (2018) nos fizeram reconsiderar o descarte. O pesquisador registra mais de uma vez quão ignoradas são as “Histórias de fadas” nos estudos rosianos. De acordo com o autor, o interesse crítico pelo texto foi quase nulo desde sua primeira publicação, em 1947, e de seu reaparecimento – modificado – em *Ave, Palavra*.

Ora, enquanto Tutameia vem sido lido e relido por críticos e pesquisadores, “Histórias de fadas” não teve a mesma sorte. E, a julgar pela ênfase à releitura e meditação da crônica, podemos assumir, pelo menos como ponto de partida, que Guimarães Rosa não a considerava uma de suas produções mais descartáveis; ao contrário, naquele momento imediato à publicação, como a carta o testemunha, Rosa apostava nas qualidades de sua composição como exemplar significativo de sua literatura. (Camargo, 2018, p. 178)

A “ênfase à releitura da crônica” está em carta de 11 de maio de 1947 em que Guimarães Rosa responde ao seu tio Vicente Guimarães, que havia criticado o texto em missiva anterior (Guimarães, 2006).¹²⁴ A começar por essa correspondência, o que faremos daqui por diante, portanto, é o caminho arqueológico inverso ao que fizemos até o momento. Em vez de partir de *1950: Um ano zoológico* para nos aproximarmos da obra literária rosiana posterior, partiremos da obra rosiana anterior, a saber, as “Histórias de fadas”, para nos aproximarmos do datiloscrito.

Ao analisarmos o teor da carta, percebemos que Guimarães Rosa dedica grande parte dela a *Sagarana* e sua recepção pela crítica. Assim, a defesa estética das “Histórias de fadas” é também defesa de *Sagarana* e do seu projeto literário como um todo. De acordo com Camargo (2018, p. 171), a despeito das aparências, as “Histórias de fadas” têm muitos pontos de contato com as narrativas de *Sagarana*, “a começar pela promoção renovada de animais à condição de personagens de relevo”. Essa característica, de grande relevância para esta pesquisa, levou o

¹²³ “Do corpus anunciado, serão destacados para uma análise detalhada os ‘Zoo’. ‘Histórias de Fadas’, apesar da forte aproximação temática com o álbum, é anterior à coleção” (Borysow, 2005, p. 63).

¹²⁴ O capítulo “Correspondências” de *Joãozito: a infância de João Guimarães Rosa* reúne apenas as cartas de autoria de Guimarães Rosa. Assim, não tivemos acesso à mensagem inicial de Vicente Guimarães com a crítica às “Histórias de Fadas”.

crítico Álvaro Lins, o principal em atividade na época, ao tratar de *Sagarana*, a afirmar ser essa “uma das faculdades mais originais e poderosas da arte do sr. Guimarães Rosa” (Lins *apud* Camargo, 2018, p. 171). Já Graciliano Ramos definiu Guimarães Rosa como um “animalista notável”. José Lins do Rego mostrou-se menos empolgado com a estreia de Guimarães Rosa:

O que menos vale no conjunto dos contos é a intervenção do autor, quando o autor se propõe a brilhar e a tomar conta dos acontecimentos. Aí se dá uma pausa na corrente da narração para que o Sr. Guimarães Rosa apareça com a sua erudição botânica e os seus conhecimentos de zoologia. Passa-se assim da boa e telúrica literatura, para uma quase pedante exibição de detalhes que nos enfada.” (Rego, “Sagarana”, O Globo, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1946 *apud* Camargo, 2018, p. 176)

A crítica de José Lins do Rego e outras recepções negativas de *Sagarana* não constam da carta de Guimarães Rosa, que faz um compilado das críticas positivas: Graciliano Ramos, Geraldo Silos, Cândido A. Mendes, Antonio Cândido, Aurélio Buarque de Holanda, Braga Monteiro, Rachel de Queiroz, Augusto Frederico Schimdt. Esse já é um trabalho de recorte e cola de jornais do autor, que colecionava menções ao seu trabalho publicadas nos jornais, conforme detalha a Vicente Guimarães:

Desculpe você eu ter citado exemplos ligados ao meu livro e a mim, mas é que são os de que disponho, aqui mesmo, na minha coleção de recortes. Não é por vaidade que os menciono, mas para apoio da minha tese, que considero vital, para a cultura brasileira. (Guimarães, 2006, p. 136)

Em mais de um trecho da carta, Rosa recupera crítica de Antonio Cândido que entende *Sagarana* como um livro universal. Essa negação do rótulo de regionalista parece ser um dos principais mobilizadores para a escrita das “Histórias de fadas”, conforme aponta Camargo (2018), e veremos com mais detalhes à frente, ao grifarmos algumas passagens desse texto que Guimarães Rosa definiu para o tio como crônica-fantasia, conceito chave para esta pesquisa:

Fico pensando que você leu muito rápida e superficialmente a minha crônica-fantasia. Ora, as “Histórias de Fadas” (título figurado que indica tão-somente a “in-temporalidade”, a “não-vulgaridade” e sentido de féerie e “evasionismo do quotidiano”, que presidem ao tratamento de um tema corriqueiro; o transporte de animais por avião) as “Histórias de Fadas” foram escritas para serem relidas, treslidas e... meditadas. (Guimarães, 2006, p. 133)

Camargo (2018) registra que, em muitas narrativas, Guimarães Rosa parte de fato enraizado no cotidiano, um acontecimento verídico, cuja fonte pode ser oral ou escrita, pessoal ou coletiva e dá-lhe tratamento literário. Para o pesquisador, em “Histórias de fadas”, há razões para acreditarmos que nenhuma das estórias contadas é fictícia, com referências a leituras, em especial de notícias na imprensa. De todo modo, Camargo (2018, p. 182) pondera que, “como ocorre em grande parte das narrativas rosianas, permanece certa indeterminação quanto à facticidade dos eventos, uma sutil oscilação entre realidade e fantasia, fato e ficção”. Essa ambiguidade da crônica-fantasia de Rosa é bem apresentada no trecho das “Histórias de fadas” em que o narrador da saga dos beija-flores afirma: “não estamos com graças, a verdade é sempre estranha” (Rosa, 2009, p. 39).

Esse lugar do meio, essa terceira margem, entre fato e ficção, crônica e fantasia, entranha-se, conforme afirma Camargo (2018), no âmago da poética de Rosa.¹²⁵ Desvela o extraordinário de dentro do ordinário e faz do imanente ponte para o transcendente, esconde os sentidos mais profundos por trás de uma primeira camada da narrativa, conforme o compadre Quelemém ensinou um pouco a Riobaldo:

O senhor tolere minhas más devassas no contar. É ignorância. Eu não converso com ninguém de fora, quase. Não sei contar direito. Aprendi um pouco foi com o compadre meu Quelemém; mas ele quer saber tudo diverso: quer não é o caso inteirado em si, mas a sobre-coisa, a outra-coisa. Agora, neste dia nosso, com o senhor mesmo — me escutando com devoção assim — é que aos poucos vou indo aprendendo a contar corrigido. (Rosa, 2015, p. 169)

Nesse ponto, vale recuperar o entendimento de Borisow (2005) de que as notícias sobre bichos colecionadas por Guimarães Rosa são, em sua maioria, *fait divers*, do qual já tratamos no capítulo 1, e a relação do escritor com a imprensa. Castro e Jubé (2022) recuperam declaração do escritor de que o jornalismo do cotidiano era provisório e transitório, carecia de eternidade, e era justamente a eternidade a questão que mais lhe importava. Em correspondência ao tradutor de *Grande Sertão: Veredas* para o italiano, Edoardo Bizzarri, Rosa se definiu como antijornalista por não improvisar coisas escritas, ser lento no escrever. Para quem tinha tamanho apreço ao eterno, ao transcendente, Guimarães Rosa dedicou muito esforço ao jornalismo ordinário em 1950: *Um ano zoológico*.

¹²⁵ Em *A forma do meio: livro e narração na obra de João Guimarães Rosa*, Clara Rowland (2011, p. 13) investiga a estética do “meio” na obra rosiana: “Na relação entre entrar e sair, o meio revela-se o ponto elusivo em torno do qual o texto se articula.”

A marcação da diferença entre *estória* e *história* era importante para Guimarães Rosa, a ver pelo livro *Primeiras estórias* e *Tutaméia*, que tem o nome alternativo de Terceiras Estórias. No verbete *estória* do *Léxico de Guimarães Rosa*, Martins (2001) define o vocábulo como sinônimo de narrativa de ficção, conto. De acordo com a pesquisadora, trata-se de um arcaísmo retomado por folcloristas, como João Ribeiro e Gustavo Barros, para distinguir a narração científica (História) da fictícia, popular: a estória. Ela reforça, ao final do verbete, que Rosa adotou essa distinção, que é bastante discutida e não recomendada pelo *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

“Aletria e hermenêutica”, o primeiro dos quatro prefácios de *Tutaméia*, começa assim: “A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História. A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota” (Rosa, 2001, p. 29). Assim, a escolha do termo *histórias* em vez de *estórias* para as “Histórias de fadas” indica que não se trata dos conhecidos contos de fadas. São, como ele definiu, crônicas-fantias, o ordinário-extraordinário, o imanente-transcendente. A proposta de releitura meditada que Guimarães Rosa faz ao tio reforça o entendimento de que há naquele texto inúmeros enigmas a serem descobertos, “sobre-coisas”. Camargo (2018), a partir do cotejamento entre o texto e a carta, reforça que, distante de um simples relato do transporte aéreo de beija-flores brasileiros para a Europa, as “Histórias de fadas” representam cuidadosamente o projeto literário rosiano:

Em 1947, portanto, para Guimarães Rosa, “Histórias de fadas” não é um texto de circunstância, nem uma mudança de rumo, mas uma intervenção cuidadosamente arquitetada para figurar como representante de um novo tipo de literatura, inaugurada com *Sagarana*. Nessa crônica, Rosa não arrefece sua inventividade linguística, não abandona seus temas preferidos, não descarta as referências intertextuais e extratextuais e continua empregando recursos compositivos que já existiam em seu primeiro livro e serão acentuados nos seguintes. (Camargo, 2018, p. 182)

3.7 Mosaico de colagens

A partir dessa provocação, sem esgotar as inúmeras possibilidades hermenêuticas das “Histórias de fadas”, vamos nos ater a explorar algumas poucas passagens que nos ajudarão a nos encaminharmos para a conclusão deste trabalho. A primeira delas é o nome do amigo do narrador, que é quem conta para ele a jornada dos colibris: o dinamarquês de Copenhague, Kai Jensen. Assim como no caso do catrumano Teofrasto, mais uma vez Ana Maria Machado (2003) nos será útil. Num entendimento do texto apenas enquanto crônica, podemos entender

o senhor Jensen como uma pessoa real, um provável amigo de Guimarães Rosa, que, como diplomata, conhecia gente de vários países. Sem descartar essa possibilidade, chama atenção que Jensen é, também, o sobrenome do escritor dinamarquês, radicado em Copenhague, Johannes Vilhelm Jensen. O autor escandinavo ganhou o Prêmio Nobel de Literatura de 1944. No acervo do IEB-USP, há registro de um livro do autor na biblioteca de Guimarães Rosa, publicado em alemão: *Der Monsun und andere Tiergeschichten* (1925), que na nossa tradução significa *A monção e outras histórias de animais*.

Copenhague é também o destino dos beija-flores nas “Histórias de fadas”, mas não é a parada final da aeronave, que encerraria seu itinerário em Estocolmo, capital da Suécia, sede da Academia Sueca, que concede o Prêmio Nobel de Literatura. Há, ainda, citação direta ao conto “O patinho feio”, de Hans Christian Andersen, que fala de uma ave considerada feia enquanto pato e que só se descobriu bela ao se reconhecer cisne. Ao final da carta ao tio Vicente Guimarães, em que anexa artigo de Paulo Mendes Campos sobre o cenário da literatura no Brasil intitulado “O cafajeste e o transcendente”, Rosa escreve (Guimarães, 2006, p. 150): “Não vá pensar que eu esteja insinuando você entre os cafajestes. Sinceramente, não! Você é inspirado e puro; apenas, como quase todo o mundo, desprevenido, sofre a influência do ópio de uma literatura porca. *Mas eu acho que você poderá ser o Andersen brasileiro*” (grifo nosso). Vicente Guimarães era autor de livros infantis, daí a comparação com Andersen, conhecido por seus contos de fadas, compatriota de Jensen e que também viveu em Copenhague. Há, ainda, um livro do autor danês na biblioteca de Rosa: *Marchen; mit 100 bildern nach aquarellen* (1938), em tradução nossa do alemão *Contos de fadas: com 100 figuras em aquarelas*.

Tratemos, agora, um pouco do poeta Paul Eluard, do qual já apresentamos o poema “Animal que ri”. Na versão das “Histórias de fadas” publicada no *Correio da Manhã*, o narrador cita versos do escritor francês que dizem que a erva para a vaca deve ser “fina como o fio de seda, de uma seda fina como o fio de leite” (Guimarães, 2006, p. 140). O mesmo Paul Éluard é citado por Rosa em correspondência a João Condé, publicada no jornal *Letras e Artes*, de 21 de julho de 1946. A carta atende a pedido de Condé por uma explicação, uma confissão, sobre *Sagarana*. Nela, Guimarães Rosa afirma que gostaria de poder aplicar, em busca de um ideal de precisão “micromilimétrica”, a sua interpretação dos versos de Eluard: “o peixe avança n’água, como o dedo numa luva”.¹²⁶

¹²⁶ A carta foi reproduzida no livro *Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai*, de Vilma Guimarães Rosa (1999, p. 377).

Os poemas compõem o já citado *Les animaux et leurs hommes, les hommes et leurs animaux* (Eluard, 1920). A obra é um bestiário dividido em dois índices. A Parte I, que corresponde à primeira frase do título, traz os seguintes poemas: “Animal que ri”, “Cavalo”, “Vaca”, “Porco”, “Galinha”, “Peixe”,¹²⁷ “Pássaro”, “Cachorro”, “Gato”, “Aranha”.

Os trechos citados por Guimarães Rosa foram retirados dos poemas “Vaca” e “Peixe”, respectivamente. O intelectual francês Georges Bataille (1979 *apud* Oliveira, 2014, p. 285) define Eluard como um dos maiores poetas franceses e defende que a fórmula poética aplicada em *Les animaux et leurs hommes* nos serve de chave para entender que “um sentimento mais preciso do homem é a condição da poesia”. Oliveira (2014) investiga o interesse de Bataille por Eluard a partir do título do livro. O pesquisador entende que a animalidade pode funcionar como um importante espaço de troca entre homens e animais de um modo estético e político:

Essas trocas não são entre forças iguais e cada um exerce sobre o outro pontos distintos em que ora o animal imprime seu poder sobre o homem, ora o homem o faz. Dessa relação, a plasticidade faz com que um absorva e incorpore a fratura no movimento do outro. A plasticidade daria tônus à animalidade porque ela acolhe as forças mais fracas, participa dos acidentes e mantém a matéria em estado de transformação. Por isso um modelo de animalidade que deriva apenas do reino animal, tal como nos define um dicionário, não chega a ser suficiente em relação à literatura e às artes visuais no que diz respeito ao contato com a pele das coisas e, mais precisamente, ao contato contínuo entre os homens e os animais. (Oliveira, 2014, p. 289)

É curioso que em nenhum momento do prefácio do livro Eluard faz menção a qualquer animal do bestiário que está para começar. A abertura da obra é dedicada à arte do fazer literário. É um tratado de estética. Ele conclama: “E a linguagem desagradável (vulgar) que é suficiente para os tagarelas, linguagem tão morta como as coroas em nossas frontes semelhantes, reduzamo-la, transformemo-la numa linguagem encantadora (elegante), verdadeira, de troca comum entre nós” (Eluard, 1920, p. 10).¹²⁸ O trecho dialoga com a carta de Guimarães Rosa ao tio em defesa das “Histórias de fadas”:

¹²⁷ É a epígrafe desta dissertação.

¹²⁸ “Et le langage déplaisant qui suffit aux bavards, langage aussi mort que les couronnes à nos fronts semblables, réduisons-le, transformons-le en un langage charmant, véritable, de commun échange entre nous” (tradução nossa).

“É preciso distendê-la [a língua portuguesa], destorcê-la, obrigá-la a fazer ginástica, desenvolver-lhe os músculos. Dar-lhe precisão, exatidão, agudeza, plasticidade, calado, motores. E é preciso refundi-la no tacho, mexendo muitas horas. Derretê-la e trabalhá-la em estado líquido e gasoso. (Releia, tendo isso em vista, a pequenina e incerta tentativa que é a nossa “Histórias de Fadas”). (Guimarães, 2006, p. 138)

Camargo (2018, p. 182) levanta a hipótese de que as “Histórias de fadas” podem ser enxergadas como um desafio “de dar a uma colagem de estórias corriqueiras um capricho formal raro de se encontrar mesmo em composições de enredo mais complexo e temática mais grave”. Camargo (2018, 259) chama isso de método “mosaico”, termo que usa para falar de 1950: *Um ano zoológico*: “cada pedacinho diz pouco ou é ininteligível; já a composição plural, reunida e vista de longe, produz uma imagem: a nossa [enquanto sociedade em que esses bichos estão inseridos]”. Em 9 de maio de 1950, Guimarães Rosa anota no seu *Diário de Paris* que o diário teria de tudo, é *cocktail*,¹²⁹ *bric-à-brac*:¹³⁰ “Nele quero acompanhar-me. Lê-lo, mais tarde, já impessoal. Cafarnaum. Mas tem de ser assim, carregado de lúdico, de enevoado, bagaço, supérfluo”.¹³¹

Em mais uma das várias metáforas a que recorre para explicar seu projeto literário ao tio, Rosa fala de artesanato: “a palavra de ordem é: construção, aprofundamento, elaboração cuidada e dolorosa da ‘matéria-prima’ que a inspiração fornece, artesanato” (Guimarães, 2006, p. 134). Na mesma carta, enumera cinco coisas que considera que a arte precisa ser. No ponto 5 traz a virtude da paciência:

Infinitamente paciente: a inspiração só fornece um aceno, uma formulazinha, que é preciso trabalhar, com humilde paciência, desenvolver, podar, alterar, desbastar, transformar, enfim, em quimo artístico, sob pena de, se o não fizer, não corresponder magnitude da própria inspiração. Tudo isto, vai aqui muito solememente, porque, segundo concebo, e difuso, arte é coisa seriíssima, tão séria quanto a natureza e a religião. Aliás, filosoficamente, essa é uma das idéias contidas, de modo discreto nas “Histórias de fadas”. (Guimarães, 2006, p. 137)

¹²⁹ É um coquetel (o *drink mimosa*) uma das imagens construídas no poema que acompanha o prefácio de *Les animaux et leurs hommes*, que começa com os seguintes versos em tradução nossa: “Amor de fantasias permitidas/Sol,/ limões,/ mimosa leve” (tradução nossa).

¹³⁰ *Bric-à-brac* [bricabrac] é definido como “aglomerado de objetos heterogêneos, antiguidades diversas, em mau estado”, como bijuterias, móveis, vestuário. *Dicionário Larousse*. Disponível em:

<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/bric-%C3%A0-brac/11>. Acesso em: 15 mar. 2025.

¹³¹ FJGR/IEB-USP, JGR-EO-01,03 [*Diário de Paris*], p. 75.

A versão das “Histórias de Fadas” de 1947 traz, além do caso dos colibris, outras histórias de transporte de animais: uma vaca, uma tartaruga, sapos, um periquito, um gâmbia (mosquito que transmite a malária). Muitos outros casos parecidos estão em *1950: Um ano zoológico*: 25 jumentos transportados de avião do Ceará para o Rio de Janeiro; bebês elefantes que viajaram pelo mar da Índia para os Estados Unidos porque o custo para irem de avião seria muito caro; dois rinocerontes que foram de avião do Sudão para a Antuérpia; 13 cavalos de corrida que chegaram ao porto de Nova York; o primeiro dragão de Komodo levado de Borneo para os Estados Unidos e que morreu pouco antes de desembarcar; peixes vermelhos que enjoaram durante a última viagem do navio Washington pelo Atlântico; o desembarque de 28 cães esquimós na Antártida, os quais assustaram os pinguins locais; uma cachorra que pariu quatro filhotes em viagem de navio da Escócia para o Canadá; 13 animais que chegaram à França vindos da África.

A prática de Guimarães Rosa de colecionar recortes de jornal, como demonstrado no capítulo 2, é anterior a *1950: Um ano zoológico*. Os primeiros recortes do *Álbum ZOOS*, onde estão as notícias que compõem o datiloscrito, são de 1948, um ano depois da publicação das “Histórias de fadas”, que é do ano seguinte de *Sagarana*. Como dito por Camargo (2018) e já referido neste capítulo, é razoável pensar que as histórias reunidas na crônica-fantasia publicada no *Correio da Manhã* têm pontos de contato com notícias de conhecimento do escritor, ao estilo dos vários exemplos dados acima.

O índice de *Les animaux et leurs hommes* nos remete a um dos índices de planejamento de obras e narrativas de Guimarães Rosa presentes no Fundo JGR do IEB-USP. Camargo transcreve conteúdo de uma folha do volume *Estudos para Obra*. O documento é datado entre 1948 e 1959 no sistema do IEB. Como a estrutura começa com “Marça, vermelha” e, conforme apresentado na primeira seção deste capítulo, a estória é uma primeira versão de “Sequência”, com pontos de contato significativos com notícia presente no datiloscrito, acreditamos que o documento seja posterior a 1950. Camargo (2018, p. 375) entende que a proposta de índice mostra que permanece vivo em Guimarães Rosa “o plano de escrever uma espécie de bestiário”:

Marça, vermelha – vaca
Mãezinha na madrugada – rato
Os perus

- 1 – A onça (gigante) má
- 2 – A anta e o filhote
- 3 – O papagaio que fugiu
- 4 – A sucuri (anaconda)

- 5 – As cobras (Bicho-mau)
6 – O tamanduá
7 – O gavião manso
8 – O mão-pelada
9 – A maitaca
(Rosa *apud* Camargo, 2018, p. 375)

Em outra folha dos *Estudos para Obra*, intitulada [*Provérbios/Marimata/Roça*], Rosa reúne, em ordem alfabética, lista de obras já publicadas e outras que, provavelmente, tinha intenção de publicar. O documento é datado pelo IEB-USP entre 1951 e 1955. Na letra J está escrito “João e seus (bichos)”. Na letra Z ele escreve “Zoo”.

O caminho arqueológico inverso que percorremos das “Histórias de fadas” para *1950: Um ano zoológico*, com os enunciados que se repetem nos textos, documentos e cartas relacionados acima, nos devolvem à pergunta feita por Borisow (2005) e Camargo (2018) na tentativa de nos aproximarmos da resposta à pergunta feita no início deste capítulo: por que Guimarães Rosa fez esse datiloscrito?

A hipótese de Borysow (2005, p. 196) é que o datiloscrito, na esteira do *Álbum ZOOS*, seria um almanaque a ser publicado de notícias sobre animais. Na mesma linha, Camargo (2018) entende que o cuidado com que Guimarães Rosa tratou o material insinua que o escritor teria a intenção de publicá-lo. Assim, de acordo com o pesquisador, *1950: Um ano zoológico* teria sido o segundo “livro” do autor, publicado na condição de organizador e tradutor. Apesar de levantar a hipótese do almanaque de notícias, Borysow (2005, p. 57) questiona: “Mas por que um escritor conhecido por seu estilo de escrita inconfundível investiria seu tempo na publicação de textos de terceiros?”.

CONCLUSÃO

Responder à pergunta sobre as intenções de Guimarães Rosa ao compor *1950: Um ano zoológico*, apesar de tentador, não foi o objetivo desta pesquisa. Nos propusemos a trilhar um caminho que nos ajudasse a identificar como o datiloscrito contribui para os estudos sobre a importância dos animais na vida e na obra de Guimarães Rosa. A partir desse problema, perseguimos o objetivo geral de aproximar o arquivo *1950: Um ano zoológico*, aspectos biográficos do escritor e a literatura rosiana.

Conforme apresentado na introdução, esta dissertação foi estruturada a partir da tríade arquivo, vida e obra. Começamos pela descrição do datiloscrito, em que apresentaremos as duas versões do datiloscrito *1950: Um ano zoológico*. No capítulo 1, também, cumprimos o primeiro dos objetivos específicos, qual seja, ampliar o mapeamento da temática “animais” no Fundo JGR (IEB-USP). Para isso, detalhamos o teor do documento, com o levantamento de sua composição, periódicos que o integram em suas cinco línguas, local de origem das notícias e animais citados.

Propusemos, ainda, categorização do contexto das notícias em 19 grupos: acidente; alimentação; anedota; animal de estimação; caça e pesca; circo; controle de pragas; criação animal; diplomacia; ecologia; esporte; exposição e concurso; floricultura; militar; monstro desconhecido; ocorrência de polícia/bombeiros; outros; pesquisa; e zoológico. O último reuniu o maior número de textos: 49 para *1950 A* (14%), o que reforça a pertinência do título do datiloscrito: *Um ano zoológico*.

Ainda na primeira parte deste trabalho vimos que o *Álbum ZOOS* e *1950: Um ano zoológico* contribuíram para o objetivo específico de expandir o conhecimento a respeito da relação do escritor com o jornalismo. Mesmo com fama de ser avesso a entrevistas e ter uma relação ambígua com a imprensa, o estudo traça perfil de um Rosa leitor, que tinha nos jornais fonte de pesquisa diária e sistemática de conteúdos sobre animais, em especial a edição parisiense do *New York Herald Tribune* e o *Le Figaro*.

Mais do que a mera busca por informação, a leitura do que era publicado na imprensa servia como base de dados para Guimarães Rosa, a qual ele consultava periodicamente, assim como fazia com seus diários e cadernos de anotações. Nesse sentido, esta pesquisa apresenta, além de um colecionador de expressões e palavras em incontáveis listas, um Rosa colecionador de notícias de jornais sobre animais.

No capítulo 2, cumprimos o objetivo específico da pesquisa de contribuir para os estudos biográficos sobre o autor. Nosso referencial temporal foi a passagem do escritor por Paris entre 1948 e 1951. Para essa tarefa, além do datiloscrito, utilizamos outros documentos relevantes do Fundo JGR (IEB-USP), em especial o *Diário de Paris*, mas, ainda: o Álbum ZOOS, o exemplar do acervo pessoal do escritor das *Fábulas de La Fontaine* que está na Biblioteca do IEB-USP, o conjunto de folhas avulsas *Dante/Homero/La Fontaine/Arte*, correspondências e entrevistas concedidas pelo autor que nos ajudassem a compreender a curiosa relação que mantinha com os bichos.

Tratamos de suas visitas aos zoológicos, o amor pela gata Xizinha, os bois da infância em Cordisburgo, a tradução do livro “O último dos maçaricos” e o interesse por bestiários. Nesse último aspecto, este estudo corrobora o pensamento de que, mais do que um documento ou um momento em particular, a ideia de bestiário é uma constante na obra rosiana como um todo, de *Magma a Ave, Palavra*, passando por *Sagarana, Grande Sertão: Veredas, Corpo de baile, Primeiras estórias, Tutameia* e, no nosso caso em particular, por *1950: Um ano zoológico*.

Na terceira parte, a partir da perspectiva foucaultiana de uma arqueologia do saber por meio dos acúmulos, que não busca uma origem única absoluta, mas vestígios, arriscamos apontar rastros do datiloscrito na obra rosiana. Além de recuperar a ligação entre a notícia da vaca de Palermo e o conto “Sequência”, de *Primeiras estórias*, já apontada por Frederico Camargo (2018), trouxemos quatro conexões ainda não exploradas pela fortuna crítica: (i) Os cupins de Santa Helena; (ii) Os catrumanos dos Gerais e os macacos de Bruxelas; (iii) Fafafa e a heroica morte do estabuleiro; e (iv) A panda, o crocodilo e o segredo de Diadorim.

Além disso, invertemos a seta arqueológica e buscamos rastros da crônica-fantasia “Histórias de fadas”, publicada originalmente em 1947, em *1950: Um ano zoológico*. Ao final, trouxemos alguns elementos do método de mosaico de colagens utilizados por Rosa e que são observados no datiloscrito. O capítulo 3, além de ser o local onde desaguou o objetivo geral da pesquisa, contribuiu, também, para o atingimento do objetivo específico de expansão do conhecimento a respeito da relação do escritor com o jornalismo, em especial na seção sobre os cupins de Santa Helena.

O objetivo específico que trata da relação de Rosa com o jornalismo permeia, de alguma forma, todo este trabalho, tendo em vista que o datiloscrito tem como matéria-prima uma coleção de recortes de jornal, bem como repórteres e reportagens também estão presentes no

capítulo 2, com a matéria de Laet sobre os gatos do escritor e na entrevista concedida a Günter Lorenz.

O último objetivo específico, de fomentar pesquisas rosianas no campo da zooliteratura, apesar de contemplado, tendo em vista os pontos de conexão inéditos *entre 1950: Um ano zoológico* e a obra rosiana, é o que entendemos como o de maior potencial para futuras pesquisas. Limitações de tempo inerentes a um mestrado de dois anos e nossa falta de bagagem filosófica explicam o que talvez seja a principal lacuna deste estudo: uma reflexão crítica mais robusta sobre como Guimarães Rosa entendia a relação de alteridade entre homens e animais. De todo modo, acreditamos que o presente trabalho é terreno fértil para que outros pesquisadores avancem nesse sentido. Apesar da tentação de encarar outros documentos do Fundo JGR (IEB-USP), é justamente nessa direção de viés estético sobre a relação do escritor com os bichos que pretendemos nos aprofundar em futuro projeto de doutorado sobre o tema.

A própria pergunta com a qual terminamos o capítulo 3 e iniciamos esta conclusão é um bom ponto de partida para uma tese. Por ora, o que apresentamos nesta dissertação só nos permite especular. *1950: Um ano zoológico* seria etapa de projeto autoral de Guimarães Rosa? O escritor preservaria o caráter noticioso dos textos ou os utilizaria como ponto de partida para suas crônicas-fantasias? Não sabemos.

De certa maneira, a estrutura trina desta dissertação, organizada em arquivo, vida e obra, se conectou à trindade das coisas sérias estabelecidas por Rosa e amalgamadas em sua obra: natureza, religião e arte. Muitas passagens reunidas neste estudo reforçam o papel da natureza em Rosa como elemento de (re)ligação entre o ser humano e o cosmos, além de promover especificamente os bichos como ponte em direção à transcendência. Nesse contexto, o animal é meio e está justamente no meio entre dois mundos. O zoológico se apresenta enquanto refúgio durante os bombardeios da guerra em Hamburgo, na Alemanha, mas também como zona de proteção do mundano em geral, mesmo em tempos de paz na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. Assim, o jardim zoológico transmuta-se numa espécie de templo rosiano em que a proximidade dos bichos favorece o contato com deus.

A obra mais celebrada de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, começa com um travessão e, em seguida, a palavra *nonada*, que significa nada, coisa sem importância.¹³² A palavra *tutaméia*, título da última publicação de Guimarães Rosa em vida, vem de tuta-e-meia e tem como um dos seus sinônimos *nonada*.¹³³ Pois bem, esse material ainda tão pouco estudado

¹³² Martins, 2001, p. 354.

¹³³ *Ibidem*, p. 509.

por pesquisadores e críticos, aparentemente de pouca importância, nonada, tuta-e-meia, nos remete à imagem de um bicho quimérico, como aqueles que Rosa vislumbrou em Pierrefonds, no “castelo dos animais estranhos”. Um documento misterioso, com corpo de bestiário e cabeça de diário.

Nesse bestiário-diário não publicado, Guimarães Rosa colocou à prova seu método de artesanato, de mosaico, de tessitura, de *coktail*, de *bric-à-brac*. A composição começou novamente do aparentemente ordinário, dos recortes de jornal, dos *fait-divers*. Não podemos afirmar o destino. Da crônica, que é o que temos, viria mais fantasia? Em sua alquimia, produziria novamente o extraordinário a partir do ordinário? *1950: Um ano zoológico* foi mais uma tentativa rosiana de escapar do incômodo provisório em direção ao eterno, do imanente ao transcendente? Com essas perguntas, esta pesquisa termina. Foi até essas novas lacunas que este estudo nos trouxe. É aqui que esta travessia acaba.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alexandre Veloso de. “Conversa de bois”: uma fábula de João Guimarães Rosa. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, p. 61-78, 2º sem. 2015.

ACIOLI, Socorro. Sequência. In: CASTRO, G.; ROWLAND, C.; BESSA, L. (org.). *As primeiras estórias de Guimarães Rosa*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2024.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Um chamado João. *Correio da Manhã*, 22 nov. 1967.

ASTI VERA, Armando. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre: Globo, 1974.

AUGUSTO, Ronald. Rastros de racismo nas veredas riobaldianas. *Nau Literária*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 1-9, 2022.

BANDEIRA, Manuel. Rosa em três tempos. In: *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil (1900-2000)*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1970, p. 57-67.

BATAILLE, Georges. Œuvres complètes X. Paris: Gallimard, 1987.

BATAILLE, Georges. Œuvres complètes IX. Paris: Gallimard, 1979.

BENAVIDES, Washington. Los “Zoo” de João Guimarães Rosa. *Travessia - Revista do Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da UFSC*, Florianópolis, v.7 n.15, p. 125-152, 1987.

BESSA, Leandro de. *Estética das aparições em Diadorim*: transgeneridade e imagens de assombro e fascínio em *Grande Sertão: Veredas*. 2022. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2022.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Tradutores: BALACIN *et al.* Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Ed. Paulus, 2002.

BORYSOW, Vitor da Costa. Outros zoos: afetividade e poética dos animais de “Ave, Palavra”. *Opiniões*, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 1, p. 83-95, 2010.

BORYSOW, Vitor da Costa. *Zoos*: um livro montagem de João Guimarães Rosa. 2005. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2005.

CAMARGO, Frederico. *O outro Rosa*: textos “marginais” e narrativas inacabadas. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2018.

CAMARGO, Frederico. *Da montanha de minério ao metal raro: os estudos para obra de João Guimarães Rosa*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2013.

CAMPOS, Haroldo. A linguagem do “Iauaretê”. In: CAMPOS, Haroldo. *Metalinguagem e outras metas*. 4. ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992, p. 55-63.

CAMPOS, Vera Mascarenhas de. *Borges & Guimarães*: na esquina rosada do Grande Sertão. Coleção Debates. Ed. Perspectiva: São Paulo, 1988.

CARDOSO, Aparecido P. *A garganta das Minas*: ensaios de História Regional. Montes Claros-MG: Editora do Autor, 2022.

CASTRO, Gustavo; JUBÉ, Andrea. Guimarães Rosa e o jornalismo. Galaxia, São Paulo, n. 40, p. 145-158, jan-abr. 2019.

CHAGAS, Pinheiro. Introdução. In: LA FONTAINE, Jean de. *Fábulas de La Fontaine* – Tomo I. São Paulo: Editora Edigraf, 1960.

COSTA, Elvira Livonete. A animália na narrativa poética de Guimarães Rosa. *Perspectivas – Revista do Colegiado de Filosofia da UFT* – n. 2 – 2016.

CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da. *Ave, Palavra*: um bestiário contemporâneo. In: SANTOS, Paulo; BARZOTTO, Leoné. (orgs.). Literatura Intersecções Transversões. Dourados/MS: Ed. UFGD, 2013.

ECO, Umberto. *Kant e o ornitorrinco*. Trad. Ana Theresa Vieira. Rio de Janeiro: Record, 1997.

ELUARD, Paul. *Les animaux et leurs hommes, les hommes et leurs animaux*. Paris: Au Sans Pareil, 1920.

FERREIRA, Kelly C. *A saga do burro e do boi*: um estudo de “O burrinho pedrês” e “Conversa de bois”, de João Guimarães Rosa. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2009.

FONSECA, C. L. V. *Os bichos de muita antiguidade*: anticonvenções do contar em Guimarães Rosa. 2004. Dissertação (Mestrado em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso Africanas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GALVÃO, Walnice N. *Mínima mímica*: ensaios sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GAMA, Monica. O autoarquivamento do autor em seus álbuns-Guimarães Rosa e a Crítica Literária. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. 12, p. 135-149, jun. 2014.

GAMA, Monica. *Sobre o que não deveu caber: repetição e diferença na produção e recepção de Tutaméia*. 2008. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2008.

GUIMARÃES, Vicente. *Joãozito: infância de João Guimarães Rosa* – 2 ed. São Paulo: Panda Books, 2006.

GUIMARÃES, Vicente. *Joãozito: infância de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

GIDE, André. *Incidences*. Paris: Ed. Gallimard, 1924.

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Tradução de Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HEIDEGGER, M. “Para que poetas”. In: *Caminhos de Floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

JOBIM, Danton. *Espírito do jornalismo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.

LA FONTAINE, Jean de. *Fábulas de La Fontaine*: Traduzidas ou adaptadas por poetas portugueses e brasileiros do século XIX. Edição de Teófilo Braga. Obra digitalizada e revista por Ernestina de Sousa Coelho. Projecto Vercial, 2001. Disponível em: http://be.ae2serpa.pt/ficheirosbiblioteca/livrosdodominiopublico/Autores.Portugueses/Teofilo.braga/obras/Teofilo_Braga_Fabulas.pdf. Acesso em: 2 fev. 2025.

LA FONTAINE, Jean de. *Fables de La Fontaine*. Paris: Ed. Théodore Lefèvre et Cie. Ilustrada por Desandré et Hadamar, sem data.

LAET, Carlos de. Há títulos e brasões também no mundo dos bichanos. *Flan: o jornal da semana*, n. 10, 14 jun. 1953. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=100331&pagfis=305>. Acesso em: 4 fev. 2025.

LASMAR, Jorge. Sertão – Gerais – O Movimento Catrumano – A formação de Minas Gerais – Matias Cardoso. In: LASMAR, Jorge. *Fragmentos*. Belo Horizonte: Editora Del Rey, 2012, p. 90-91.

LEÃO, Angela. O ritmo em “O burrinho pedrês”. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 141-148.

LEITE, Ascendino. Arte e céu, países de primeira necessidade. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 26 de maio de 1946. (FJGR, Série Matéria extraída de Periódicos – IEB-USP)

LEJEUNE, Philipe. O diário: gênese de uma prática. In: GUTFREIND, Cristiane Freitas. (org.). *Narrar o biográfico – A comunicação e a diversidade da escrita*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 10-40.

LEONEL, Maria Célia. Imagens de animais no sertão rosiano. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 286-298, 1º semestre de 2002.

LINS, Álvaro. Uma grande estréia. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 12 abr. 1946.

LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, E. Coleção Fortuna Crítica 6: *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 62-97.

MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome*: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MACIEL, Maria Esther. *Animalidades*: zooliteratura e os limites do humano. São Paulo: Editora Instante, 2023.

MACIEL, Maria Esther. *As ironias da ordem*: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MENEZES-LEROY, Sílvia. The animal world in the Works of João Guimarães Rosa. *Portuguese Studies*, Londres, n. 5, 1989.

MENEZES, Pedro Guilherme. João Guimarães Rosa, tradutor de *O Último dos Maçaricos*, de Fred Bodsworth. *Belas Infiéis*, Brasília, v. 5, n. 3, p. 57-71, 2016.

MEYER, Mônica. *Ser-tão natureza*: a natureza em Guimarães Rosa. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1998.

MOLINA, Matías. Imprensa em questão: De Nova York para o mundo. *Observatório de Imprensa*. Seção 768. Data de publicação. 15 de outubro de 2013. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed768_de_nova_york_para_o_mundo/. Acesso em: 20 nov. 2023.

MONTELLO, Josué. Diário da manhã, entrada do dia 7 de maio de 1957. In: *Diário Completo*, volume 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução de Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NASCIMENTO, Edna Maria. O texto rosiano: documentação e criação. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 71-79, 2º sem. 1998.

NEVES, Ana Daniela Rezende Pereira. "Homens reperditos sem salvação" – catrumanos: representação, ameaças e limites em Grande Sertão: veredas. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília (UnB), Brasília/DF, 2011.

NUNES, Benedito. Bichos, plantas e malucos no sertão rosiano. In: PINHEIRO, Victor. (org.): *A Rosa o que é de Rosa*: literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013, p. 279-297.

OLIVEIRA, Eduardo Jorge de. *Inventar uma pele para tudo*: texturas da animalidade na literatura e nas artes visuais (Uma incursão na obra de Nuno Ramos a partir de Georges Bataille). Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2014.

OLIVEIRA, Keila. "Conversa de bois", de Guimarães Rosa: Paisagem zooliterária. In: LIBANORI, Evely; BRAGA, Elda. (org.). *Animais e literatura*: ética e poética. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2018, p. 128-136.

OLIVER, Élide Valarini. Grande Sertão: Veredas – da antropofagia ao canibalismo. *Revista USP*, São Paulo, n. 99, p. 178-185. Set/Out/Nov. 2013.

PEREIRA, Ivani Maria. *O universo zooliterário-poético rosiano*. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2020.

PEREIRA, Ivani Maria. *Os bestiários de Guimarães Rosa em Ave, Palavra*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2014.

REGO, José Lins do. "Sagarana". *O Globo*. Rio de Janeiro, 10 maio 1946.

ROCHA, Luiz Otávio. *João Guimarães Rosa e os maçaricos*: do maçarico-de-coleira (*Charadrius collaris*) ao maçarico-esquimó (*Numenius borealis*). Belo Horizonte: Faculdade de Medicina da UFMG, 2013. Disponível em:
<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12885210/joao-guimaraes-rosa-e-os-macaricos-faculdade-de-medicina-da-> Acesso: 16 mar. 2025.

RONCARI, Luiz. *Sorôco, sua mãe, sua filha*: Primeiras estórias – 60 anos. YouTube, 2022. 134 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YKk58014CgQ&t=56s> Acesso em: 19 out. 2022.

RONCARI, Luiz. Na Fazenda dos Tucanos: entre o ser e o não ser, o poder no meio. *Centro de Pesquisa e Formação*, São Paulo, n. 1, p. 177-194, 2015.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

- ROSA, João Guimarães. *Estas estórias*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- ROSA, João Guimarães. *A boiada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- ROSA, João Guimarães. *Ave, Palavra*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- ROSA, João Guimarães. Entrevista. Entrevistado: João Guimarães Rosa. [Entrevista cedida a] Lenice Guimarães de Paula Pitanguy. Germina – Revista de literatura e arte, Juiz de Fora, agosto 2006. Disponível em:
https://www.germinalliteratura.com.br/pcruzadas_guimaraesrosa_agosto2006.htm Acesso em: 13 nov. 23.
- ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa*: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizarri. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- ROSA, João Guimarães. Sagarana. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, João Guimarães. *Tutaméia*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, João Guimarães. *Magma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- ROSA, João Guimarães. *Carta a Edoardo Bizzarri*. [7 mar. 1965].
- ROSA, João Guimarães. *Entrevista a Pedro Bloch*. Rio de Janeiro: Revista Manchete. n. 580, 1963.
- ROSA, João Guimarães. (1934-1967). *Correspondência*. Fundo JGR/IEB-USP. Arquivo Público Mineiro.
- ROSA, Vilma Guimarães. *Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ROSSI, Clovis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- ROWLAND, Clara. *A forma do meio*: livro e narração na obra de João Guimarães Rosa. Campina, SP: Editora da Unicamp; Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e pesquisa*: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- SANTIAGO, Silviano. Genealogia da ferocidade. Recife: Cepe, 2017.
- SILVA, Gustavo de Castro; DRAVET, Florence; BESSA, Leandro. “Diadorim sou eu” e o problema biográfico de Guimarães Rosa. *Remate de Males*, Campinas, v. 41, n. 2, p. 427-448, jul./dez. 2021. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8663412> Acesso em: 19 out. 2022.

SILVA, Gustavo de Castro. Em busca de Guimarães Rosa: o processo de construção de uma biografia. *E-Compós*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 1-14, jan./dez. 2018. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1587/1934>. Acesso em: 19 out. 2022.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1966.

SOTANA, Edvaldo. Agências internacionais de notícias, telegramas e política: expedientes e práticas dos jornais brasileiros no alvorecer da Guerra Fria. *Dimensões*, v. 41, p. 252-278, jul.-dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/18313/15644>. Acesso em: 22 mar. 2025.

SOUZA, Eneida. De animais e de literatura: Rosa, Kafka e Coetzee. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 83-90, set./dez. 2011.

TIBURI, Marcia. “Diadorim: biopolítica e gênero na metafísica do Sertão”. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, p. 119-207, 2013.

WOENSEL, Maurice Van. *Simbolismo animal na Idade Média: os Bestiários*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2001.

APÊNDICE

Tabela A: Animais citados em 1950 A

		1950 A	
	ANIMAL	Quantidade	Percentual
1	Cachorro	53	9%
2	Gado	37	7%
3	Cavalo	26	5%
4	Gato	25	4%
5	Urso	21	4%
6	Rato	17	3%
7	Cobra	15	3%
8	Leão	15	3%
9	Macaco	14	2%
10	Elefante	13	2%
11	Tigre	12	2%
12	Leopardo	11	2%
13	Baleia	10	2%
14	Pássaro	10	2%
15	Porco	10	2%
16	Carneiro	9	2%
17	Peixe	9	2%
18	Cabra	8	1%
19	Galinha	8	1%
20	Coelho	7	1%
21	Pinguim	7	1%
22	Crocodilo	6	1%
23	Pantera	6	1%
24	Águia	5	1%
25	ANIMAIS GENERICAMENTE	5	1%
26	Canário	5	1%
27	Jacaré	5	1%
28	Javali	5	1%
29	Leão-marinho	4	1%
30	Lebre	4	1%
31	Lobo	4	1%
32	Perdiz	4	1%
33	Pombo	4	1%
34	Rã	4	1%
35	Rouxinol	4	1%
36	Veado	4	1%
37	Besouro	3	1%

38	Cegonha	3	1%
39	Faisão	3	1%
40	Foca	3	1%
41	Gambá	3	1%
42	Girafa	3	1%
43	Gorila	3	1%
44	Mosca	3	1%
45	Papagaio	3	1%
46	Puma	3	1%
47	Raposa	3	1%
48	Sardinha	3	1%
49	Tubarão	3	1%
50	Abelha	2	0%
51	Andorinha	2	0%
52	Antílope	2	0%
53	Burro	2	0%
54	Camurça	2	0%
55	Caracol	2	0%
56	Chimpanzé	2	0%
57	Cisne	2	0%
58	Cupim	2	0%
59	Gafanhoto	2	0%
60	Gaivota	2	0%
61	Garça	2	0%
62	Gralha	2	0%
63	Grou	2	0%
64	Hiena	2	0%
65	Hipopótamo	2	0%
66	Jaguar	2	0%
67	Jumento	2	0%
68	Mangusta	2	0%
69	Marta	2	0%
70	Melro	2	0%
71	Minhocã	2	0%
72	Ostra	2	0%
73	Pônei	2	0%
74	Salmão	2	0%
75	Tartaruga	2	0%
76	Truta	2	0%
77	Zebra	2	0%
78	Abetarda	1	0%
79	Abutre	1	0%
80	Albatroz	1	0%
81	Atum	1	0%

82	Ave	1	0%
83	Avestruz	1	0%
84	Avoceta	1	0%
85	Beija-flor	1	0%
86	Beluga	1	0%
87	Bicho-da-seda	1	0%
88	Bluet-It	1	0%
89	Búfalo	1	0%
90	Busardo	1	0%
91	Camelo	1	0%
92	Canguru	1	0%
93	Caranguejo	1	0%
94	Carpa	1	0%
95	Carrelets	1	0%
96	Chacal	1	0%
97	Corrégones	1	0%
98	Corvo	1	0%
99	Cotovia	1	0%
100	Dinossauro	1	0%
101	Dragão-de-komodo	1	0%
102	Dromedário	1	0%
103	Escaravelho	1	0%
104	Estorninho	1	0%
105	Esturjão	1	0%
106	Formiga	1	0%
107	Ganso	1	0%
108	Lagarta	1	0%
109	Lagostins	1	0%
110	Mainá-indiano	1	0%
111	Marabu	1	0%
112	Mariposa	1	0%
113	Marmota	1	0%
114	Marreco	1	0%
115	Milhafre-real	1	0%
116	Mosquito	1	0%
117	Mula	1	0%
118	Narceja	1	0%
119	Ocapi	1	0%
120	Orangotango	1	0%
121	Pardal	1	0%
122	Pêga	1	0%
123	Pelicano	1	0%
124	Periquito	1	0%
125	Peru	1	0%

126	Pintarroxo	1	0%
127	Pisco	1	0%
128	Polvo	1	0%
129	Porquinho-da-índia	1	0%
130	Procelária	1	0%
131	Pulga	1	0%
132	Raposa-do-deserto	1	0%
133	Réptil	1	0%
134	Rinoceronte	1	0%
135	Salamandra	1	0%
136	SEM REFERÊNCIAS A ANIMAIS	1	0%
137	Tetraz	1	0%
138	Traça	1	0%
139	Vespa	1	0%
Total de citações a animais		563	100%
Total de tipos de animais		137	

Tabela B: Animais citados em 1950 B

1950 B			
	JORNAL/REVISTA	Quantidade	Percentual
1	Cachorro	20	8%
2	Cavalo	12	5%
3	Gado	12	5%
4	Urso	11	5%
5	Leão	10	4%
6	Baleia	9	4%
7	Gato	9	4%
8	Rato	9	4%
9	Elefante	6	3%
10	Macaco	6	3%
11	Galinha	5	2%
12	Tigre	5	2%
13	Porco	4	2%
14	Cobra	3	1%
15	Coelho	3	1%
16	Girafa	3	1%
17	Javali	3	1%
18	Mosca	3	1%
19	Pássaro	3	1%
20	Raposa	3	1%
21	Rouxinol	3	1%
22	Águia	2	1%
23	Besouro	2	1%

24	Cabra	2	1%
25	Canário	2	1%
26	Cupim	2	1%
27	Ganso	2	1%
28	Garça	2	1%
29	Jumento	2	1%
30	Lobo	2	1%
31	Mangusta	2	1%
32	Marta	2	1%
33	Pantera	2	1%
34	Peixe	2	1%
35	Pinguim	2	1%
36	Pombo	2	1%
37	Pônei	2	1%
38	Rã	2	1%
39	Veado	2	1%
40	Zebra	2	1%
41	Abetarda	1	0%
42	Abutre	1	0%
43	Açor	1	0%
44	Andorinha	1	0%
45	Antílope	1	0%
46	Atum	1	0%
47	Avoceta	1	0%
48	Burro	1	0%
49	Camelo	1	0%
50	Canário	1	0%
51	Canguru	1	0%
52	Caracol	1	0%
53	Caranguejo	1	0%
54	Carneiro	1	0%
55	Cegonha	1	0%
56	Chimpanzé	1	0%
57	Cisne	1	0%
58	Cordeiro	1	0%
59	Corrégones	1	0%
60	Corvo	1	0%
61	Cotovia	1	0%
62	Crocodilo	1	0%
63	Dinossauro	1	0%
64	Dromedário	1	0%
65	Escaravelho	1	0%
66	Esturjão	1	0%
67	Faisão	1	0%

68	Falcão	1	0%
69	Foca	1	0%
70	Gafanhoto	1	0%
71	Gaivota	1	0%
72	Gambá	1	0%
73	Gavião	1	0%
74	Gorila	1	0%
75	Gralha	1	0%
76	Grou	1	0%
77	Hipopótamo	1	0%
78	Jacaré	1	0%
79	Lagostins	1	0%
80	Leão-marinho	1	0%
81	Lebre	1	0%
82	Melro	1	0%
83	Minhocá	1	0%
84	Mosquito	1	0%
85	Ocapi	1	0%
86	Orangotango	1	0%
87	Ostra	1	0%
88	Pardal	1	0%
89	Pelícano	1	0%
90	Perdiz	1	0%
91	Polvo	1	0%
92	Porquinho-da-índia	1	0%
93	Raposa-do-deserto	1	0%
94	Réptil	1	0%
95	Rinoceronte	1	0%
96	Salmão	1	0%
97	Sardinha	1	0%
SEM REFERÊNCIA A		1	0%
98	ANIMAIS		
99	Tetraz	1	0%
Total de citações a animais		239	100%
Total de tipos de animais		98	

ANEXO – FONTES PRIMÁRIAS CONSULTADAS

Relatório IEB/USP

Histórico de Consultas

Consulente: Francisco Pereira Neves de Macedo

Data de extração do Relatório: 07/11/2023

http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/consultaUnidadesLogicas.asp?Tipo_Unidade_Logica_Codigo=1&Setor_Codigo=1&Acervo_Codigo=1&Numero_Documentos=

Tabela C: Documentos consultados no IEB/USP em agosto/2023.

AGOSTO	
10/08/2023	Documentos
	JGR-ARI-001
	JGR-ARI-002
	JGR-ARI-003
	JGR-CADERNETA-06
	JGR-CADERNETA-08
	JGR-CADERNO-26
	JGR-EO-06,01
	JGR-EO-10,03
	JGR-M-17,01
	JGR-M-17,02
	JGR-M-17,03
	JGR-M-23,26A
	JGR-M-23,26B
	JGR-PA-10,20
	JGR-SOU-058
09/08/2023	Documentos
	JGR-CADERNETA-06
	JGR-CADERNETA-08
	JGR-CADERNO-15
	JGR-CADERNO-20
	JGR-CADERNO-22
	JGR-CADERNO-24
	JGR-CADERNO-26
	JGR-PA-10,05
	JGR-PA-10,20
	JGR-RT-18,14
	JGR-RT-18,30
	JGR-RT-18,31
08/08/2023	Documentos
	JGR-CT-02,07
	JGR-CT-02,08

	JGR-CT-02,10
	JGR-CT-02,12
	JGR-CT-02,22
	JGR-CT-02,26
	JGR-CT-02,30
	JGR-CT-02,32
	JGR-CT-02,34
	JGR-CT-02,37
	JGR-CT-02,41
	JGR-CT-02,42
	JGR-CT-02,43
	JGR-CT-02,45
	JGR-Z-01,017
	JGR-Z-01,031
	JGR-Z-01,055
	JGR-Z-01,083
	JGR-Z-01,135
	JGR-Z-01,146
	JGR-Z-01,152
	JGR-Z-01,173
	JGR-Z-01,191
	JGR-Z-01,201
	JGR-Z-01,255
	JGR-Z-01,257
	JGR-Z-01,301
	JGR-Z-01,303
	JGR-Z-01,385
	JGR-Z-01,462
	JGR-Z-01,473
07/08/2023	Documentos
	JGR-CADERNO-15
	JGR-CADERNO-24
	JGR-CP-07,01
	JGR-CP-07,05
	JGR-CP-07,06
	JGR-CP-07,17
	JGR-CP-07,18
	JGR-CP-07,19
	JGR-CP-07,20
	JGR-CP-07,21
	JGR-CP-07,22
	JGR-CP-07,23
	JGR-CP-07,24
	JGR-CP-07,25

JGR-CP-07,26
JGR-CP-07,27
JGR-CP-09,151
JGR-CP-09,184
JGR-CP-09,185
JGR-CP-09,186
JGR-CP-09,223
JGR-CT-02,01
JGR-CT-02,04
JGR-Z-01,316

Tabela D: Documentos consultados no IEB/USP em outubro/2023.

OUTUBRO	
19/10/2023	Documentos
	JGR-CADERNO-26
	JGR-EO-08,01
	JGR-M-23,26A
	JGR-M-23,26B
	JGR-Z-01
	JGR-Z-01,001
18/10/2023	Documentos
	JGR-M-23,26A
	JGR-M-23,26B
17/10/2023	Documentos
	JGR-EO-08,01
	JGR-M-23,26A
	JGR-Z-01
	JGR-Z-01,001
16/10/2023	Documentos
	JGR-CADERNO-26
	JGR-EO-08,01
	JGR-ESP-016
	JGR-M-23,26A
	JGR-M-23,26B
	JGR-Z-01
	JGR-Z-01,001